PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO história

TIAGO DA SILVA MELO

A REVOLTA DA VACINA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA ATUAIS

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TIAGO DA SILVA MELO

A REVOLTA DA VACINA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA ATUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e à Banca Examinadora como requisito à obtenção do título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães

Rio de Janeiro
2022

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

M528

Melo, Tiago da Silva
A Revolta da Vacina nos livros didáticos de História atuais / Tiago da Silva Melo. -- Rio de Janeiro, 2022.
122

Orientador: Marcelo de Souza Magalhães.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. Revolta da Vacina. 2. Livro Didático. 3. Historiografia. 4. PNLD. I. Magalhães, Marcelo de Souza, orient. II. Título.

Nome: Tiago da Silva Melo

Título: A Revolta da Vacina nos livros didáticos de História atuais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e à Banca Examinadora como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães – orientador (UNIRIO)

_____

Prof.ª Dr.ª Helenice Aparecida Bastos Rocha (UERJ)

_____

Prof.ª Dr.ª Mariana de Aguiar Ferreira Muaze (UNIRIO)

Rio de Janeiro

2022

Agradecimentos

Preciso oferecer meus agradecimentos e gratidão em primeiro lugar aos meus pais: João e Marina. Esses dois nordestinos que amo muito. Sem o apoio deles essa pesquisa não seria possível por diversos motivos; em segundo lugar, presto meus agradecimentos a minha a esposa e amiga, Ana Paula. Obrigado por sempre me apoiar a fazer o mestrado e seguir meus estudos. Assim como a agradeço por me ouvir falar sobre Revolta da Vacina e livros didáticos por dezenas de horas. Em terceiro lugar gostaria de agradecer ao professor Marcelo Magalhães, sem a sua orientação esta pesquisa nunca chegaria a ser concluída, tenho certeza disto. Outra pessoa que merece meus agradecimentos e minha gratidão eterna é a professora Helenice Rocha. Através dela foi possível ter acesso ao acervo documental de livros didáticos de história, sua ajuda foi fundamental, obrigado. Meu muito obrigado também à professora Mariana Muaze, suas sugestões feitas foram levadas em consideração nesta pesquisa. Não poderia esquecer de agradecer ao PPGH da UNIRIO como um todo, desde os seus funcionários até o corpo docente. Muito foi aprendido e a jornada continuará. Por tudo e todos que foram mencionados, meus agradecimentos!

Resumo

Este trabalho tem a pretensão de analisar o tema da Revolta da Vacina em quinze coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011. O movimento popular ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, capital federal da jovem República, em novembro de 1904. O objetivo proposto é descobrir como o tema é apresentado na historiografia escolar. Para realizar este movimento partimos, inicialmente, em direção à bibliografia acadêmica. O estado da arte é vasto, contando com produções nacionais e internacionais. Foi entendido nesta pesquisa que a historiografia acadêmica sobre o assunto possui três autores principais. Em seguida, mergulhamos nos livros didáticos de história. Aqui, o movimento executado pode ser dividido em três: em primeiro lugar, foi buscado explanar um pouco a respeito do contexto do PNLD. O Programa visa avaliação, compra e distribuição de livros didáticos para todas as escolas públicas da educação básica. Em segundo lugar, foi analisado a temática da Revolta da Vacina nesses livros, neste momento foi buscado os elementos da escrita historiográfica escolar. O último movimento nesta esteira foi analisar as imagens relacionadas aos acontecimentos de novembro de 1904.

Palavras-chave: Revolta da Vacina; livro didático; Historiografia, PNLD.

Abstract

This work intends to analyze the theme of the Revolta da Vacina in fifteen collections approved by the National Textbook Program (PNLD) of 2011. The popular movement took place in the city of Rio de Janeiro, federal capital of the young Republic, in November 1904. The proposed objective is to discover how the theme is presented in school historiography. To carry out this movement, we started, initially, towards the academic bibliography. The state of the art is vast, with national and international productions. It was understood in this research that the academic historiography on the subject has three main authors. Then we delved into history textbooks. Here, the movement performed can be divided into three: first, we sought to explain a little about the context of the PNLD. The Program aims at evaluating, purchasing and distributing textbooks to all public elementary schools. Secondly, the theme of the Revolta da Vacina was analyzed in these books, at this moment the elements of school historiographic writing were sought. The last move on this treadmill was to analyze the images related to the events of November 1904.

Key words: Revolta da Vacina; textbook; Historiography; PNLD.

Sumário

Introdução.....11

Capítulo 1- História e debate historiográfico sobre a Revolta da Vacina.....16

1.1. História da Revolta da Vacina.....16

1.2. Historiografia sobre a Revolta da Vacina….....25

Capítulo 2 - Análise do tema da Revolta da Vacina em livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2011.....42

Capítulo 3 – Imagens da Revolta da Vacina nos livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2011.....78

Considerações Finais.....116

Referências Bibliográficas.....119

Lista de Ilustrações

1. Fotografia de pessoas caminhando entre os escombros..... 80

2. Charge de Oswaldo Cruz e subordinado..... 81

3. Charge publicada na Revista da Semana (1)..... 82

4. Fotografia de bonde virado (1)..... 83

5. Pessoas descendo o morro do Castelo (1)..... 84

6. Fotografia da avenida Rio Branco em 1915.....85

7. Fotografia de cenário demolido (1).....86

8. Fotografia do morro do Pinto em 1912.....87

9. Fotografia de pessoas na calçada.....88

10. Charge de Leonidas (1)..... 89

11. Fotografia de pessoas em meio a entulhos..... 90

12. Fotografia de barricada (1).....91

13. Charge onde aparece uma seta atravessando o braço de quatro pessoas..... 92

14. Imagem onde personagem aparece chutando um barraco.....93

15. Fotografia tirada antes da reforma urbana.....94

16. Fotografia tirada depois da reforma urbana.....94

17. Representação de Oswaldo Cruz..... 95

18. Agente público matando mosquitos.....96

19. Agente público caçando ratos.....96

20. Agente público montando em seringa.....97

21. Charge onde agente de Saúde Pública (Oswaldo Cruz?) está sendo enforcado….....98

22. Fotografia de barricada (2).....104

23. Fotografia de bonde virado (2).....104

24. Charge de Leonidas (2)..... 107

25. Charge de Leonidas (3).....109

26. Fotografia de bonde virado (3)..... 110

27. Pessoas descendo o morro do Castelo (2).....112

Lista de Tabelas

Tabela 1. Números do mercado editorial em 2009.....44

Tabela 2. Disciplinas e editoras aprovadas pelo PNLD 2011.....50

Tabela 3. Nomes das coleções, capítulos e autores dos didáticos aprovados pelo PNLD 2011.....52

Tabela 4. Nomes das coleções, capítulos e movimentos sociais presentes nos didáticos aprovados pelo PNLD 2011.....55

Tabela 5. Nomes das coleções e quantidade de capítulos sobre Primeira República.....58

Tabela 6. Nomes das coleções, capítulos e personagens/protagonistas.....64

Tabela 7. Nomes das coleções e presença das três principais teses nos didáticos.....71

INTRODUÇÃO

Em novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, ocorreu um movimento popular conhecido na historiografia acadêmica como Revolta da Vacina. Durante alguns dias a cidade teve embates entre forças populares e as forças de repressão da jovem República. O cenário era de conflito: bondes virados, barricadas, tiros, prisões, deportações para regiões longínquas do Rio de Janeiro, invasão de delegacias de polícia por parte da população, estado de sítio, etc.; ao mesmo tempo que ocorria a revolta popular uma tentativa de golpe de Estado[1] explodiu. O contexto desses acontecimentos se encontra dentro de um cenário de reformas urbanas pela qual a cidade passava. O novo presidente do país, Rodrigues Alves (1902-1906), se elegera com a promessa de realizar obras na cidade, muitas construções foram destruídas durante o período, a consequência desses atos foi que muitas pessoas ficaram sem moradia de uma hora para outra por conta das demolições.

No ano de 1904 surgiu, mais uma vez, a proposta de vacinação obrigatória contra a varíola. Logo após a lei de vacinação obrigatória ser aprovada e o seu respectivo regulamento ter vazado para os jornais, os embates começaram na cidade. Parece ser ponto pacífico na historiografia que esta dupla reforma: urbana e sanitária estava dentro de um projeto de governo que tinha como objetivo "civilizar" o Rio de Janeiro. Além das referidas reformas urbanas o poder público também tentava combater as epidemias de diversas doenças que pareciam ceifar vidas na cidade carioca com relativa facilidade. Havia a varíola, febre amarela, peste bubônica, tuberculose, entre outras.

Esta pesquisa de dissertação nasceu de um desejo de se estudar de forma aprofundada o tema da Revolta da Vacina, a primeira vez que tive contato com este tema, pelo menos até onde consigo lembrar, foi em aulas da graduação em História; já ali o tema me chamou a atenção. Como poderia existir toda uma revolta em torno de um serviço de vacinação? A população tinha dúvidas sobre os benefícios da vacina? A revolta era realmente da vacina? Lembro-me de muitas indagações, contudo acabei por realizar um trabalho de conclusão de curso sobre outro tema. Foi somente alguns anos mais tarde,

[1] Meihy e Bertolli Filho falam de "cerca de 300 cadetes armados" (2001, p. 34).

quando já graduado, que voltaria a estudar o tema da Revolta da Vacina, dessa vez por conta própria.

A partir deste movimento, percebi que existiam outros historiadores que se debruçaram sobre a Revolta da Vacina. Aos poucos coletei e li diversas obras sobre o assunto. Inicialmente, na graduação, tive contato com a obra de Nicolau Sevcenko[2], posteriormente li José Murilo de Carvalho[3], Sidney Chalhoub[4], Leonardo Pereira[5], Marco Pamplona[6]; em dado momento descobri autores estrangeiros que abordaram o tema, tais como Jeffrey Needell[7] e Teresa Meade[8]. A historiografia acadêmica sobre a Revolta da Vacina é ampla, atingindo a atenção de pesquisadores fora do Brasil.

Inicialmente entrei no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com um projeto que visava desenvolver uma pesquisa sobre o tema da Revolta da Vacina; contaria com jornais e revistas do período e com a historiografia acadêmica sobre o tema, esse foi um desejo muito rudimentar e sem muita direção específica do caminho a ser seguido. Foi somente após conversar com o professor Marcelo Magalhães que os rumos da pesquisa se tornaram mais claros; pesquisaria sobre a Revolta da Vacina nos livros didáticos de História.

Inicialmente planejamos tentar descobrir quando o tema entrou nos didáticos, em qual década? Qual ano? Quais as causas para a entrada naquele momento? Contudo, este tipo de pesquisa, a qual contaria com um amplo conjunto documental, documentos estes que se encontravam tanto em arquivos do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, não foi possível por conta das dificuldades que a pandemia de Coronavírus, iniciada no primeiro semestre de 2020, trouxe. Mesmo na cidade do Rio de Janeiro, onde resido, a pesquisa em acervos físicos se tornou impossível; as instituições de interesse se encontravam fechadas. Sendo assim, este objetivo foi abandonado naquele momento, felizmente surgiu a possibilidade de trabalhar com 15 das 16 coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011.

---

[2] SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
[3] CARVALHO, José Murilo. Os Bestializados. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
[4] CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
[5] PEREIRA, Leonardo. As Barricadas da Saúde. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
[6] PAMPLONA, Marco. Revoltas, Repúblicas e Cidadania. Rio de Janeiro: Record, 2003.
[7] NEEDELL, Jeffrey. The Revolta Contra Vacina of 1904: The Revolt Against "Modernization" in Belle-Époque Rio de Janeiro. Hispanic American Historical Review 67:2. 1987.
[8] MEADE, Teresa. Civilizing Rio: reform and resistance in a Brasilian city, 1889-1930. The Pennsylvania State University. 1997.

O PNLD surgiu na década de 1980 e pode ser entendido como uma política pública para compra, avaliação e distribuição de livros didáticos em escala nacional para serem entregues às escolas públicas do país. Embora esta dissertação tenha trabalhado com livros didáticos que são destinados aos anos finais do ensino fundamental, ou seja, do 6º ao 9º ano, o Programa também se destina aos anos iniciais do ensino fundamental e aos três anos do ensino médio.

A importância ou relevância de se trabalhar com coleções aprovadas pelo PNLD são variadas, podemos citar algumas: em primeiro lugar, como já foi posto, são coleções com alcance nacional. Contanto que se aceite os livros aprovados pelo Programa, eles são entregues nas escolas públicas de todo o país. Em segundo lugar, o mercado editorial do livro didático movimenta milhões de reais todo ano.

Posto isso, a investigação proposta nessa pesquisa foi a de analisar como o tema da Revolta da Vacina foi representado nos livros didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011. Dessa forma, contei com 15 coleções aprovadas naquele ano, esses livros foram destinados aos anos finais do ensino fundamental. O tema, como veremos, é canônico nas coleções, contudo a forma de abordar a Revolta varia nesses livros. A opção por trabalhar com os didáticos de História do PNLD de 2011 se deu mais por necessidade do que por livre escolha. Como já foi pontuado, a pandemia iniciada em 2020 dificultou muito as pesquisas em arquivos físicos. Contudo, surgiu a oportunidade de trabalhar com quinze das dezesseis coleções aprovadas pelo Programa de 2011. Graças a professora Helenice Rocha consegui acessar esses livros didáticos de História e foi a partir deles que essa pesquisa de mestrado se desenvolveu.

Um esclarecimento se faz necessário. Embora o tema da Revolta da Vacina esteja presente nas 15 coleções analisadas na dissertação, isso não significa que analisamos por inteiro todas as coleções. Cada coleção possui quatro livros didáticos e invariavelmente o tema da Revolta está presente no volume do 8º ou do 9º ano do ensino fundamental. Outra informação importante se trata do tipo de capítulo onde encontraremos o tema. Como a Revolta ocorreu em 1904 o tema faz parte dos acontecimentos da Primeira República (1889-1930). Optou-se por analisar sempre um único volume de cada coleção; e dar ênfase em um único capítulo de cada volume que contivesse os acontecimentos da Revolta da Vacina. Essa opção metodológica não tem grandes mistérios, visto que o tema em questão sempre aparece nas coleções em um único capítulo. Outros capítulos foram lidos e outras revoltas e movimentos sociais também

foram, em certa medida, considerados, mas o foco principal da pesquisa é a Revolta da Vacina de novembro de 1904.

Para realizar a análise desses livros didáticos considerei que existem atualmente três interpretações principais sobre as causas da Revolta da Vacina; essas interpretações partem de três historiadores: Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub.

O primeiro capítulo desta dissertação tem a finalidade, em sua primeira parte, de abordar o estado da arte sobre o tema da Revolta da Vacina na historiografia acadêmica. O leitor perceberá que contei com diversos historiadores que escreveram sobre o tema. Em uma segunda parte, neste capítulo, argumento que existem três historiadores que podemos considerar como os principais autores sobre Revolta da Vacina, essa conclusão partiu da percepção de que esses autores desenvolveram as principais teses explicativas para as causas dos acontecimentos de novembro de 1904.

Outro esclarecimento se faz necessário. Mesmo que a dissertação comece, em seu capítulo 1, pelos livros de História acadêmicos isso não significou que houve hierarquia entre livros didáticos de história e historiografia acadêmica nesta pesquisa. Optei por iniciar com os livros acadêmicos por alguns motivos. O primeiro deles, parto da hipótese que o tema da Revolta da Vacina surgiu primeiro nesses livros e posteriormente foi tratado nos didáticos. O segundo, não acreditamos que houve um espaço de tempo muito grande entre o surgimento da Revolta da Vacina na historiografia acadêmica[9] e o seu surgimento na historiografia escolar.

No segundo capítulo abordo aspectos do Programa Nacional do Livro didático (PNLD) de 2011. A finalidade de se abordar o PNLD, ainda que superficialmente, é trazer um pouco de contexto a respeito da avaliação, produção e distribuição desses livros didáticos. Feito isso, o restante do capítulo é dedicado à análise das 15 coleções do PNLD que tivemos acesso. O que mais nos interessou saber foi como o tema da Revolta da Vacina é tratado nesse tipo de historiografia escolar. O tema é canônico? Quais aspectos

[9] Nesta pesquisa considerei a década de 1980 como o período em que o tema da Revolta da Vacina surgiu na historiografia acadêmica, contudo este foi apenas um recorte metodológico. De fato, o tema era tratado na historiografia acadêmica antes desse período, contudo, considerei aquela década como marco inicial pois naquele momento tivemos os primeiros trabalhos que se debruçaram de maneira mais aprofundada sobre o assunto. Não consegui, por exemplo, encontrar um livro inteiramente dedicado ao tema da Revolta da Vacina antes da década de 1980.

explicativos são privilegiados na narrativa? Há uso direto da historiografia acadêmica nesses livros?

O terceiro capítulo tem a tarefa de analisar os recursos imagéticos utilizados nos livros didáticos. Imagens como fotografias, charges e caricaturas estão presentes nesses livros com relativa frequência. Esse material foi separado em dois grupos: fotografias e charges/caricaturas. O capítulo se divide em duas partes, em um primeiro momento abordo as imagens de maneira mais geral, na tentativa de expor para o leitor o que encontramos nos didáticos; em um segundo momento tento perceber possíveis padrões presentes nos usos desses recursos imagéticos nos livros de História aprovados pelo PLND 2011.

Capítulo 1

HISTÓRIA E DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A REVOLTA DA VACINA

1.1. História da Revolta da Vacina

A Revolta da Vacina foi um desses fenômenos populares em que centenas de pessoas protestaram ativamente; essa gente humilde foi às ruas, eles quebraram iluminação pública, viraram bondes e os usaram como barricadas, apedrejaram carros de polícia, derrubaram árvores, invadiram delegacias etc. Verdadeira destruição ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em novembro de 1904. Além é claro, não devemos nos esquecer da tentativa de golpe de estado, que aconteceu durante aqueles dias tumultuados de novembro.

É válido afirmar que a história da vacinação obrigatória não se iniciou naquele ano de 1904. Havia de longa data uma tradição de impor a vacinação obrigatória à população brasileira. A vacina de Jenner[10], desenvolvida contra a varíola, havia chegado ao Brasil em 1801. Em 1837, houve a tentativa de torná-la obrigatória para crianças de até seis meses de idade. Do mesmo modo, tentou-se estabelecer multa para quem descumprisse a obrigatoriedade. Passados 47 anos, em 1884, um decreto determinava a obrigatoriedade para todos os habitantes do Império, contudo, como evidenciou José Murilo de Carvalho: "Mas, como a própria vacina, que às vezes não pegava, essas leis não pegaram, especialmente as que estendiam a obrigatoriedade a todos os cidadãos." (Carvalho, 1987, p. 96). Também é importante mencionar que, segundo Tania Fernandes, a vacina teria sido imposta de forma obrigatória no país, a partir da cidade do Rio de Janeiro, pela primeira vez no ano de 1832 (Fernandes, 1999, p. 32).

Retrocedamos um pouco para um momento anterior aos acontecimentos daquele ano de 1904. Desde 1903, apenas para ficar no governo do presidente de Rodrigues Alves

[10] A vacina desenvolvida por Edward Jenner (1749-1823) no final do século XVIII foi produto de observação empírica de uma doença similar à varíola, mas que acontecia em bovinos, a chamada cow-pox. Jenner observou que pessoas que tinham contato com esses animais não adquiriam a varíola, e após isso iniciou testes e a partir destes experimentos foi desenvolvida a vacina. (Fernandes, 1999, p. 17).

(1902-1906), existia uma discussão sobre vacinação obrigatória. Contudo, é interessante notar e deixar claro, como já foi dito, que vacinação obrigatória não era um tema novo para a população da cidade do Rio de Janeiro. A vacinação obrigatória[11] já havia sido imposta à população do Brasil antes. Contudo, nessas ocasiões não houve o efeito esperado através da legislação que foi criada para este fim. Naquele ano de 1904 podemos dizer que o governo de Rodrigues Alves não iria seguir o modus operandi "para inglês ver" que vinha sendo aplicado nas últimas décadas. Talvez possamos especular que dessa vez as coisas seriam "para valer". Seria muito arriscado afirmar que a percepção da população foi a mesma sobre o tema da vacinação obrigatória, contudo, após observar o contexto histórico daquela época, podemos asseverar, sem muito risco, que a população da capital tinha pelo menos alguns bons motivos para prestar atenção no que o governo Alves andava a planejar.

Afirmo isto, pois 1904 não foi um desses anos em que se poderia ignorar o que o governo andava a fazer. Pessoas tinham vezes após vezes suas casas destruídas[12] por conta da reforma urbana que estava em curso na cidade; ou pessoas eram "sequestradas" de suas casas pois estavam doentes, e havia a recomendação que determinados grupos de doentes deveriam ser isolados em locais específicos. Quando não havia a demolição, recomendações difíceis de serem realizadas eram demandadas dos proprietários para que colocassem seus imóveis em ordem com os regulamentos de saúde pública. Segundo Meihy e Bertolli Filho (2001, p. 17), muitos dos despejados pelas obras públicas foram ocupar os morros cariocas, aumentando assim o número de pessoas nas favelas.

Essa dupla reforma, urbana e sanitária, foi idealizada pelo presidente do Brasil que havia sido eleito em 1902, Rodrigues Alves. Sua proposta de campanha era reformar a cidade, principalmente o porto do Rio de Janeiro[13]. Alves, na presidência da República, buscou implementar sua proposta para a capital federal[14]. Como ajudantes ele escolheu para desempenhar o cargo de Prefeito da cidade do Rio de Janeiro o engenheiro Pereira Passos e para o de Diretor de Saúde Pública o médico Oswaldo Cruz. Esses dois

[11] Nesta dissertação de mestrado trabalhei apenas com a vacina contra varíola.
[12] Essa iniciativa não era nova também, governos anteriores e posteriores a Rodrigues Alves deixaram muitas pessoas sem moradia no decorrer dos anos. Ver o caso o cortiço Cabeça de Porco em Chalhoub.
[13] Naquela época o porto da cidade do Rio de Janeiro era o mais importante do país e o terceiro, em termos de movimentação, do continente (Sevecenko, 1984, p. 58). Benchimol ressalta que o porto do Rio de Janeiro também estava entre os 15 principais de todo o mundo (Benchimol, 2017, p. 257).
[14] Em 15 de novembro de 1902, declarou em comunicado: "Aos imigrantes, dos quais depende em máxima parte o nosso desenvolvimento econômico, prende-se a necessidade do saneamento desta capital." (Benchimol, 2017, p. 255).

personagens foram os principais responsáveis pelas medidas que afetariam em muito a população mais pobre da cidade em 1904. Oswaldo Cruz se utilizava da brigada mata-mosquito para interferir na vida privada da população. Enquanto Pereira Passos se utilizava da demolição e de uma situação bastante confortável, visto que um dia antes de sua posse como prefeito do Rio de Janeiro o Conselho Municipal, casa legislativa local, havia sido suspenso por seis meses e o engenheiro poderia legislar por meio de decretos (Benchimol, 2003, p. 262). Logo, o prefeito tinha um poder praticamente discricionário para governar a cidade e implementar as reformas.

Sobre a reestruturação do porto e as demais obras de melhoria do espaço urbano, podemos concluir que se desejava embelezar a cidade, torná-la mais atrativa para os investimentos externos, assim como atrair os estrangeiros para trabalharem no país, ou seja, uma das intenções era a imigração em massa de europeus. A verdade é que, embora o porto do Rio de Janeiro fosse o mais importante do país, a sua estrutura era muito rudimentar. Para completar, segundo Meihy e Bertolli Filho, os estrangeiros que vinham para o país preferiam, muitas vezes, desembarcar em portos mais seguros, como os de Santos, Salvador e Recife (Meihy; Bertolli Filho, 2001, p. 4).

Por trás dessas questões de reestruturação da cidade e de seu porto existia também uma questão ideológica muito acentuada, que podemos resumir na seguinte palavra: modernidade. Para políticos do período, incluindo Rodrigues Alves, a cidade do Rio de Janeiro não poderia ser sinônimo de morte e epidemias, de ruas estreitas e sujas. Muitos dos dirigentes do período apostavam em melhorar a imagem da cidade a fim de melhorar a própria cidade. Uma das características das ruas do Rio de Janeiro que pesou para a reestruturação foi, sem dúvida, de serem estreitas e facilmente congestionadas (Benchimol, 2003, p. 236).

Oswaldo Cruz havia estudado no Instituto Pasteur em Paris antes de assumir a Diretoria Geral de Saúde Pública em março de 1903 (Pereira, 2002, p.17). No Instituto ele estudou bacteriologia, como diretor de saúde pública tentou controlar as doenças epidêmicas que assolavam, ano após ano, a cidade do Rio de Janeiro, a mais populosa do país. Segundo Benchimol, Oswaldo Cruz “frequentou o Instituto Pasteur em pleno boom de descobertas de microrganismos patogênicos e quando pareciam ilimitadas as perspectivas não apenas das vacinas, para a prevenção de doenças infecciosas...” (Benchimol, 2003, p. 252). Cruz, como diretor, combateu a febre amarela, a varíola e a peste bubônica. Questão importante aqui é que cada uma dessas doenças necessitava ser

combatida de maneira diferente, porém nem sempre havia consenso sobre qual técnica utilizar. No caso da febre amarela, não havia consenso sobre a sua causa, Oswaldo Cruz acreditava na propagação da febre amarela por meio da picada do mosquito, enquanto outros médicos brasileiros acreditavam em outras teorias[15].

Para combater a peste bubônica, Oswaldo Cruz tinha uma brigada a sua disposição. Como se acreditava que a picada da pulga que hospedava os ratos era a causa da doença, procurou-se capturar os ratos da cidade, ainda que fosse por meio da compra. O resultado foi que algumas pessoas começaram a comprar ratos[16] de porta em porta para revendê-los para o governo, ou mesmo criá-los em cativeiro para mais tarde vendê-los. Meihy e Bertolli Filho chegam a dizer que Oswaldo Cruz, ao se utilizar desse mecanismo de compra de ratos pelo governo, na verdade estaria recorrendo à ajuda da população no combate à peste bubônica (Meihy; Bertolli Filho, 2001, p. 24).

Se para a febre amarela existiam os mosquitos e para a peste bubônica existiam os ratos e pulgas, para a varíola existia o que então? As vacas? A verdade é que as vacas eram aliadas no combate a varíola, para explicar essa premissa é necessário olharmos um pouco para a história da vacinação no Brasil, desde o Império. A vacina que chegou ao país, ainda no Império, era a vacina de Jenner. Ela consistia em extrair uma determinada doença da vaca, que era similar à varíola, e inoculá-la no braço de uma pessoa saudável – vacina animal. O que prevaleceu no Brasil, por muito tempo, foi a vacina que era extraída da vaca, posta no braço de um indivíduo e desse indivíduo era passada para outro braço e deste para outro, e assim por diante – vacina humanizada ou jenneriana[17]. Entretanto, é importante ressaltar que também era bastante popular no país, durante o século XIX, a técnica de variolização. Esta técnica consistia em retirar a pústula da varíola do braço de um indivíduo quando ele já estivesse quase curado e inoculá-la em uma pessoa para que ela não adquirisse a forma grave da doença (Pereira, 2002, p. 19). Segundo Tania Fernandes, a prática de variolização teria surgido, provavelmente, na China, mas difundiu-se na Europa a partir do século XVI (Fernandes, 1999, p. 19). Apesar dessas três doenças (febre amarela, varíola e peste bubônica) causarem epidemias

[15] Interessante, a título de exemplo, a análise sobre a discussão em volta do causador e transmissor da febre amarela que é encontrada em Benchimol (2017, p. 266-270).
[16] A Diretoria Geral de Saúde Pública se utilizou de um crédito especial para a compra de ratos (Benchimol, 2017, p. 272).
[17] Sobre os tipos de vacinas: humanizada, jenneriana ou animal. Ver Fernandes (1999, p. 20).

terríveis na população do Rio de Janeiro, Sidney Chalhoub afirma que se morria mais de tuberculose durante esse período (Chalhoub, 1996, p. 66).

No Brasil da época, houve intenso debate tanto sobre a técnica quanto sobre a vacina em si. Existia o receio de as pessoas vacinadas adquirirem características da vaca, ou mesmo doenças provenientes do animal ou outras doenças como tuberculose e sífilis. Não bastasse isso, outra questão levantada no debate sobre vacinação foi a liberdade individual. Parece ser consenso na historiografia que os maiores opositores da vacinação obrigatória foram os positivistas, que muitas vezes se utilizavam da questão da liberdade sobre seus corpos para não serem vacinados.

Ao mesmo tempo que a cidade passava por essas modificações, discutia-se a vacinação obrigatória contra a varíola. Uma reunião no dia 9 de novembro havia sido marcada, no evento estavam presentes médicos, como Oswaldo Cruz, assim como J.J Seabra, ministro da Justiça e Negócios Interiores. Na reunião discutiu-se sobre o regulamento de vacinação obrigatória, contudo, por motivos que desconhecemos, uma cópia do regulamento vazou e foi publicada no jornal *A Notícia* no dia seguinte. Ao que tudo indica, esse ato foi suficiente para o início das manifestações populares de novembro de 1904 que conhecemos na historiografia como Revolta da Vacina.

A questão que gostaria de levantar sobre esse acontecimento é a seguinte: a lei que demandava e aprovava a vacinação obrigatória contra a varíola já tinha sido aprovada em 31 de outubro de 1904, mas foi apenas em 10 de novembro, logo após vazar uma cópia do regulamento, que começaram as primeiras manifestações mais severas na cidade. Com manifestações severas me refiro aos primeiros movimentos de conflito físico entre agentes do governo e parcela da população que se aglomerava nas ruas do Rio de Janeiro. Podemos especular sobre um motivo para que as manifestações populares só tenham começado no dia 10. Primeiro, mas não tão importante, seria a criação da Liga contra a Vacina Obrigatória no dia 5 de novembro.

Por outro lado, o regulamento fazia parte do desenvolvimento de uma lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola, o dispositivo serviria como mais uma tentativa de impor a vacinação obrigatória à população. Segundo informações encontradas em Carvalho (1987, p. 96), o projeto de lei foi aprovado no Senado em junho de 1904; em outubro do mesmo ano havia também sido aprovado na Câmara dos Deputados, contudo, tudo dependia do regulamento que ainda seria elaborado para estabelecer as regras da

vacinação obrigatória. Não obstante, é válido lembrar que no ano anterior tentou-se aprovar a lei de vacinação obrigatória, porém a proposta não foi adiante.

Nesse cenário, é necessário indagar: a reação popular foi exagerada? Para responder a esta pergunta precisamos retroceder para julho daquele ano, mês em que uma mulher, Cypriana Maria Leonarda, morreu dias após ter sido vacinada contra a varíola. Após seu falecimento, o médico-legista Cunha Cruz alegou que a morte teria sido por conta da vacina, que até então não era obrigatória (Pereira, 2002, p. 20). Contudo, mesmo que o próprio Oswaldo Cruz tenha, após o ocorrido, investigado o corpo de Cypriana e chegado a uma conclusão diferente do médico-legista, o estrago na opinião pública estava feito. Para embasar isto podemos olhar para os dados de vacinação de julho e agosto. Sevcenko afirma que no mês de julho de 1904 mais de 23 mil pessoas foram vacinadas contra a varíola e no mês seguinte, em agosto, foram vacinadas apenas 6000 pessoas (Sevecenko, 2018, p. 22). Redução expressiva que não pode ser debitada apenas a repercussão da morte de Cypriana, certamente, também se deve ao fato de ter ganhado força a oposição política ao governo.

Se a oposição ao governo Rodrigues Alves foi ferrenha, podemos creditar importante impacto para o desenrolar da Revolta o que os jornais da cidade estavam a escrever. Esses periódicos acompanharam de perto tanto o que acontecia no âmbito da vacinação quanto o debate em torno da vacinação obrigatória, fosse antes ou depois os jornais cobriram os acontecimentos da Revolta da Vacina. Um exemplo que nos ajuda a notar o engajamento dos jornais na questão da vacinação pode ser encontrado no caso que acabei de relatar. No dia 16 de julho o jornal *A Notícia* publicou o ocorrido com Cypriana Maria Leonarda e podemos apenas imaginar o impacto do relato na opinião pública.

Em 5 de novembro daquele ano foi formada a Liga contra a Vacina Obrigatória (Sevcenko, 2018, p. 26), que pode ser definida como movimento de oposição ao governo de Rodrigues Alves e que fez verdadeira pressão contra o uso da vacina de forma obrigatória. A Liga realizava reuniões, incentivava a ação da população, por meio até de resistência armada. Um de seus fundadores, Lauro Sodré, estaria mais tarde, em 14 de novembro, se aproveitando dos distúrbios na cidade para a tentativa de um golpe de estado. Tentativa que não teve êxito, mas que de fato pressionou ainda mais o governo para usar da violência contra os manifestantes.

Segundo Leonardo Pereira, o regulamento sobre a vacinação obrigatória tinha o papel de "erradicar um dos principais flagelos que se abatia sobre eles tornava aparentemente contraditória a forte reação que tiveram" (Pereira, 2002, p. 13). Aproveito este entendimento de Pereira para afirmar que embora o regulamento tivesse de fato a intenção de ajudar a combater uma doença que vitimava muitas pessoas por muitos anos seguidos, a população da cidade do Rio de Janeiro não entendeu desta forma. Contudo, seria possível a população carioca entender o regulamento de vacinação obrigatória como algo que a favoreceria? A resposta para essa pergunta dificilmente seria afirmativa. Nem entre os próprios médicos do período havia consenso sobre o que causava as doenças e as suas formas de tratamento. Havia, por exemplo, a teoria miasmática que causava constantemente conflito de opinião entre os médicos. Por outro lado, existia também divisão entre os médicos alopatas e os homeopatas. Neste caso, os últimos não concordavam nem sequer com a vacinação, fosse obrigatória ou não, enquanto os primeiros eram ao menos a favor da vacinação (Meihy; Bertolli Filho, 2001, p. 26). O caso da varíola não era diferente. Sendo assim, não se poderia esperar consenso da população, principalmente porque ela não foi conscientizada em momento algum. Não se fez uma campanha da importância da vacinação. E mesmo que se tivesse realizado esta campanha os jornais de época[18] promoviam intenso debate tanto contra quanto a favor da vacina, mas em geral contra o regulamento de vacinação obrigatória (Pereira, 2002, p. 22).

Leonardo Pereira afirma que antes mesmo de Oswaldo Cruz assumir a Diretoria Geral de Saúde Pública existia uma tradição no Brasil de vacinação obrigatória a domicílio[19] e que, naquele ano de 1904, embora menos pessoas tivessem procurado voluntariamente a vacinação contra varíola, a campanha de vacinação teria alcançado o maior número de vacinações até então registrados na cidade, mais de 87000 pessoas vacinadas (Pereira, 2002, p. 35).

Sobre a desconfiança que a população carioca, embora não apenas ela, nutria em relação à vacinação, podemos nos apropriar de passagem bastante significativa para quem estuda vacinação e vacinação obrigatória de Anne Moullin, que afirma: "basta uma única vacina ser vista como ineficaz ou perigosa ou mesmo apenas suspeita para que o edifício

[18] Principalmente o jornal *Correio da Manhã* que era de oposição ao governo.
[19] Da bibliografia pesquisada, Leonardo Pereira é o único a afirmar a existência da vacinação obrigatória a domicílio.

inteiro vacile" (Moullin, 2003, p. 509). A afirmação de Moullin não se refere ao contexto da Revolta da Vacina, mas acredito que a afirmativa também se aplique àquele contexto. Como já explanei, a população tinha motivos para desconfiar dos métodos e das intenções que o governo impunha.

Houve um ponto durante aquele novembro de 1904 em que o conflito social, de fato, começou nas ruas. Foi logo após ter vazado cópia do regulamento de vacinação obrigatória, na já referida reunião com Oswaldo Cruz e J. J. Seabra. No dia 10 de novembro iniciaram-se os primeiros conflitos entre polícia e população. O governo ao se utilizar da vacinação obrigatória pretendia uma campanha rápida de vacinação (Sevcenko, 2018, p.26). Contudo, como sabemos, não foi o que aconteceu.

Naquele dia 10 a população se reuniu em vários pontos da cidade em tom de protesto. Rua do Ouvidor, Praça Tiradentes e Largo São Francisco de Paula foram lugares em que populares se reuniram em quantidade para protestar contra a vacinação obrigatória. Por outro lado, a polícia recebeu ordem de "proibir e dispensar quaisquer reuniões públicas..." (Sevcenko, 2018, p.26). No dia 10 houve apenas algumas prisões e em decorrência disto a polícia foi atacada com pedras. Devemos lembra que a cidade ainda passava por uma grande reestruturação e era encontrado facilmente escombros, pedaços de ferro etc. que foram usados no decorrer dos protestos.

No dia 11, além da chuva de pedras que também se fez presente no dia anterior, tivemos a polícia investindo de forma organizada contra a população, neste ponto a polícia utilizava-se de seus sabres enquanto a população utilizava-se de pedras, mas também de armas de fogo; parte do comércio se viu obrigado a fechar (Sevcenko, 2018, p. 28). No mesmo dia, à noite, 3000 pessoas se encontravam para nova reunião da Liga contra a Vacina Obrigatória. Da reunião parece não ter saído nenhum entendimento, contudo populares se ajuntaram perto do Palácio do Catete, então sede do governo federal. A polícia e o exército tiveram que ser convocados para fazer a segurança. Somente quando a multidão se retirava do local e que se deparou com o chefe de polícia, Cardoso de Castro, houve troca de tiros entre ambos os lados e morte de um civil. Após esse conflito, a população depredou bondes e sobretudo a iluminação pública (Sevcenko, 2018, p. 29).

No dia 12 nova reunião foi marcada, seria realizada às 8 da noite, contudo, desde às 5 horas da tarde se podia identificar pessoas aglomeradas pela cidade. Dessas

aglomerações ocorreram alguns conflitos entre força policial e manifestantes, ainda assim a reunião foi realizada no horário marcado. Após o encontro, ocorreu novamente conflito entre policiais e manifestantes, que atiraram contra a polícia (Carvalho, 1987, p. 102-103).

Foi no dia 13 de novembro que os conflitos se tornaram mais intensos tanto pela violência dos combates quanto pela destruição de vários aspectos físicos da cidade. Naquele dia, manifestantes esperavam o resultado da reunião governamental que ocorria no Ministério da Justiça, contudo, quando o chefe de polícia, Cardoso de Castro, chegou ao local seu carro foi apedrejado. O resultado desta situação foi que a Revolta se espalhou por várias partes da cidade: Tijuca, Saúde, Botafogo, Laranjeiras etc. Nesse mesmo dia os primeiros bondes foram derrubados e queimados, assim como os combustores de gás foram cortados, a iluminação elétrica também não escapou. As primeiras barricadas se formaram pela cidade e as delegacias de polícia foram atacadas. Vale destacar que até esse ponto as forças armadas, marinha e exército, apenas guarneciam lugares estratégicos da cidade (Carvalho, 1987, p. 104). Segundo Meihy e Bertolli Filho (2001, p. 31), nesse mesmo dia o chefe de polícia fez um comunicado pelos jornais, com a finalidade de proibir qualquer tipo de reunião em praça pública.

No dia 14 tivemos mais destruição e conflito, na madrugada daquele dia houve duas tentativas de tomar delegacias, uma delas teve êxito: a 2ª Delegacia, próxima da rua da Saúde, foi tomada, contudo logo abandonada quando tropas do exército chegaram ao local. A 5ª Delegacia de Saúde também foi tomada. Na Saúde houve intenso tiroteio, destruição de combustores e de linhas telefônicas, para completar barricadas foram levantadas (Carvalho, 1987, p. 105-106). Naquela mesma noite de 1904 houve uma tentativa de golpe de estado. 300 cadetes armados, sob o comando do general Silvestre Travassos, rumaram para o Palácio do Catete na tentativa de derrubar o governo de Rodrigues Alves. Com a finalidade de esmagar a tentativa de golpe, o general Antônio Carlos da Silva Piragibe comandou 2000 soldados (Meihy; Bertolli Filho, 2001, p.34). O conflito foi intenso, mas breve, nada se resolvendo, os cadetes retornaram ao Colégio Militar após sua liderança ter sido ferida. No dia 15 houve a rendição sem resistências dos cadetes e a tentativa de golpe tão brevemente começara assim também se encerrara. Após o ocorrido, os jornais *Correio da Manhã* e *O Comércio do Brasil*, que faziam oposição ao governo, foram fechados por ordem de Rodrigues Alves (Pereira, 2002, p.69).

No dia 16 foi decretado o estado de sítio; e depois de lidar com tentativa de golpe militar no dia anterior o governo tinha ainda que lidar com as barricadas e os revoltosos do bairro da Saúde. Ao contrário do nome, o bairro era lar de parcela pobre da sociedade carioca que vivia, muitas vezes, em condições insalubres. Como bem relatou Pamplona (2003), a depender do lugar da cidade a repressão poderia se dar de um jeito ou de outro. No caso dos bairros pobres, como a Saúde, podemos imaginar que o máximo rigor seria aplicado.

1.2. Historiografia sobre a Revolta da Vacina

Antes de discutirmos a historiografia é necessário informar que dos mais de dez autores[20] abordados nesse capítulo identificaremos apenas três como os principais nomes que influenciaram em grande parte os outros historiadores e autores que produziram trabalhos sobre a Revolta. Busco demonstrar que dentro da historiografia nacional possuímos três historiadores que nortearam as principais teses sobre a Revolta da Vacina. Seus nomes são: Nicolau Sevcenko, ele produziu a obra *Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes,* a primeira edição é de 1984, sendo o primeiro historiador a dedicar livro exclusivamente à Revolta. No ano de 1987 foi lançado o livro *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, de José Murilo de Carvalho. Embora esse livro não trate somente da Revolta da Vacina, tem uma importante contribuição quando investigamos as causas da Revolta. Outro livro nessa esteira de produções é *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, obra publicada em 1996 e de autoria do historiador Sidney Chalhoub. A obra em si não demonstra muito interesse nos acontecimentos da Revolta da Vacina, mas traz apontamentos importantes para o tema, veremos mais adiante a contribuição desses três autores.

Sendo assim, esta parte do capítulo se propõe a analisar a historiografia sobre a Revolta da Vacina no período localizado entre a década de 1930 até o começo dos anos 2000. O tema na historiografia foi e continua sendo amplamente discutido, estando presente em livros didáticos por todo o país. Com este recorte pretendo analisar diferentes aspectos da historiografia da Revolta que foi produzida nas últimas décadas. Podemos

[20] A maior parte das obras citadas trabalham com a Revolta da vacina ou pelo menos com o tema da vacina contra a varíola.

discutir a "evolução" da narrativa sobre a Revolta; as causas que os autores deram para a Revolta; o que usaram para a sustentação de seus argumentos; a cronologia das produções etc.

Desta forma, esses três autores foram entendidos aqui como sendo os principais nomes da historiografia nacional sobre a Revolta da Vacina. Há outros pesquisadores que tiveram produções sobre a Revolta, contudo, preferiu-se dar atenção especial a esses três nomes pelo fato de entendermos que foram os autores que deram as principais chaves interpretativas para explicar a Revolta. Em momento posterior neste capítulo teremos a oportunidade de trazer para a discussão outros nomes que produziram sobre a Revolta.

Como um dos principais autores sobre o tema da Revolta da Vacina, encontramos Nicolau Sevcenko, que, pelo menos no que consegui identificar, foi o primeiro a dedicar um livro inteiro à Revolta. Antes dele a historiografia sobre a Revolta da Vacina era encontrada em fragmentos: linhas, parágrafos, capítulos. Mesmo entre os três principais autores, Sevcenko foi o único que escreveu obra inteira dedicada ao tema. Sevcenko teve seu livro *A Revolta da Vacina* publicado pela primeira vez em 1984 e desde então vem sendo constantemente reeditado e utilizado ao se tratar da Revolta da Vacina, inclusive em trabalhos internacionais[21].

Um importante aspecto da obra de Sevcenko, que precisa ser levantado, se refere ao uso de fontes. Por motivos que não consegui identificar, o autor quase nunca usa notas ou mesmo se refere às fontes usadas. Neste ponto o pesquisador interessado em se aprofundar no estudo da Revolta simplesmente terá que ficar satisfeito com a bibliografia da obra. Contudo, o fato de o livro de Sevcenko, cuja primeira edição está próxima de completar 40 anos, ainda ser referência indica a relevância de sua análise.

Devo ressaltar questão que entendo como de muita importância para a compreendermos a história da historiografia da Revolta: como o autor viu o protesto popular e os manifestantes da Revolta. Está claro que Sevcenko interpretou os populares como massa de manobra usada por políticos da oposição. Em seu livro, Sevcenko escreve: "As várias facções políticas em que se dividia essa oposição deram-se conta do enorme grau de dificuldades e transtornos que causavam ao governo, incitando a turbulência da

[21] Sevecenko é usado em pelos menos dois trabalhos internacionais que tratam sobre a Revolta. O primeiro deles é The Revolta Contra Vacina of 1904: The Revolt Against "Modernization" in Belle-Époque Rio de Janeiro de Jeffrey D. Needell e publicado em 1987. O segundo trabalho é de Teresa Meade e se chama "Civilizing" Rio, Reform and Resistance in a Brazilian City 1889 – 1930. Foi publicado em 1997.

massa instável e dirigindo todo o rancor oriundo do seu mal-estar contra as representações concretas e simbólicas do poder vigente" (Sevcenko, 2018, p. 76). Na mesma página o autor continua: "Mas os motins populares eram uma arma fortíssima e eles nunca deixaram de usá-la apesar dos riscos que corriam".

Penso ser pertinente um esclarecimento, caso contrário poderíamos concordar com a premissa de forma não reflexiva. Sendo assim, podemos resumir a questão da seguinte forma: os políticos de oposição e a oposição em geral tinham de fato seus mecanismos de organizar e incitar os populares, um exemplo disto foi a Liga Contra a Vacina Obrigatória. Contudo, afirmar que os populares eram controlados pela oposição e não afirmar que esses mesmos populares tiveram seu protagonismo na Revolta é tirar poder dos revoltosos. Isso significaria enfraquecê-los, diminuí-los.

Por outro lado, esta abordagem de Nicolau Sevcenko parece se alinhar com outra afirmação que o autor coloca ainda no mesmo capítulo, lá ele afirma: "A revolta não visava o poder, não pretendia vencer, não podia ganhar nada. Era somente um grito, uma convulsão de dor, uma vertigem de horror e indignação" (Sevcenko, 2018, p. 87). Nesta última citação do autor observo dois problemas fundamentais. Quando o autor afirma que a revolta não visava o poder, esta premissa está equivocada. Sabemos hoje, assim como Sevcenko sabia na época que publicou o seu livro, que a revolta tinha muitas faces. Nas palavras de Carvalho, a Revolta era fragmentada (Carvalho, 1987, p. 138). Se considerarmos que dentro da Revolta da Vacina havia várias revoltas podemos então demonstrar o equívoco de Sevcenko. Podemos, apenas por questão de argumentação, considerar que existia dentro da Revolta da Vacina a revolta popular, que estava nas ruas quebrando os símbolos da modernidade e de outro lado existia a revolta militar que tentou de fato tomar o poder. Sendo assim, a Revolta, ou pelo menos parte dela, visava o poder.

Ainda na citação, a Revolta "não podia ganhar nada"? Aqui está outro equívoco. Não somente ela poderia ganhar, como ganhou. Sabemos que a lei de vacinação obrigatória foi, após dias de embates entre a população e as autoridades – polícia, exército e marinha –, o governo revogou a obrigatoriedade da vacinação. Sendo assim, a população ganhou de fato um embate entre ser obrigatoriamente vacinada ou não. A população ganhou a capacidade de escolher ser vacinada ou não. Lembremos que, segundo dados de Sevcenko, muitas pessoas da cidade do Rio de Janeiro haviam escolhido se vacinar naquele ano de 1904.

Dito isto, podemos nos atentar para a tese central de Sevcenko sobre a causa da Revolta da Vacina. Fica claro a partir da leitura da obra do autor que a população tem papel de relevância nos acontecimentos de novembro de 1904. Não somente isto, a tese deste autor afirma que o motivo para a Revolta foi a ação pública que agiu através da reforma urbana e das ações de reforma sanitária que vinham ocorrendo na cidade. Ou seja, em termos gerais, a revolta teria ocorrido porque houve uma série de desrespeitos por parte do poder público para com a população, e essa mesma população teria se revoltado contra seus opressores.

Continuando na lista dos principais autores que escreveram sobre a Revolta da Vacina trabalharemos agora com José Murilo de Carvalho. O autor se distancia da abordagem de Sevcenko em vários aspectos. Talvez o mais visível seria a explicitação das fontes usadas pelo autor. Aqui o pesquisador interessado na historiografia da Revolta da Vacina poderá, de fato, buscar um aprofundamento maior em relação às fontes.

Outro ponto, que é bem característico da escrita de Carvalho é a sua busca por questões sobre cidadania. O autor entende os revoltosos de 1904 como cidadãos e é a partir desta chave interpretativa que ele busca as explicações para as causas da Revolta. Insisto neste ponto, pois Carvalho deu bastante ênfase ao aspecto da cidadania em sua escrita e até aquele momento a historiografia sobre a revolta não havia demonstrado grande aprofundamento sobre essa questão.

Contudo, mesmo se preocupando com a questão da cidadania, encontraremos em Carvalho, assim como nos outros autores aqui já citados e em vários outros dos que ainda serão trabalhados, questões que deixam a chave interpretativa da cidadania um pouco de lado para se abordar os aspectos políticos que regiam aquela sociedade. Mais uma vez, percebo que houve um esforço, por parte de Carvalho, de dar um contexto para a Revolta. Então tornou-se salutar e necessário apontar as ações e intenções do governo de Rodrigues Alves; a escolha do presidente para a Diretoria Geral de Saúde Pública; assim como a escolha para prefeito da cidade do Rio de Janeiro etc.

É a partir da escrita de Carvalho que temos mais dados pormenorizados dos acontecimentos da Revolta. O autor faz uso, bem mais do que Sevcenko, dos jornais do período. É por meio de Carvalho, por exemplo, que temos conhecimento de que na madrugada do dia 14 de novembro 200 homens tentaram invadir uma delegacia no bairro da Saúde (Carvalho, 1987, p. 105).

Questão muito importante e que reflete as dificuldades da pesquisa sobre os revoltosos foi trazida por Carvalho, trata-se da dificuldade de encontrar informações sobre os revoltosos, visto que no Brasil naquele período não se tinha o hábito de processar a maioria dos revoltosos. Processavam-se apenas os líderes das revoltas (Carvalho, 1987, p. 113). Esses processos, que em geral não existiram no Brasil, poderiam ser muito úteis para indicar características dos revoltosos.

Não obstante, podemos discorrer agora sobre as causas da Revolta em Carvalho. Para o autor, houve uma dimensão moral muito grande que fez com que os revoltosos se movessem contra a obrigatoriedade da vacina contra a varíola. Embora alguns autores discordem de Carvalho, podemos ao menos afirmar aqui que ele traz evidências para corroborar sua tese. A questão moral ou aspecto moral da Revolta girou em torno da invasão das casas da população, principalmente os mais humildes. Neste contexto, agentes públicos invadiam as casas das pessoas com a finalidade de vaciná-las; a oposição se aproveitando deste fato fez "campanha" no sentido de afirmar que as esposas e as filhas que ficariam em casa enquanto seus maridos e pais saíssem para trabalhar estariam em risco.

Embora a população não tenha sido cegamente usada pela oposição há certas especulações que podemos fazer. Foi somente no dia 10 de novembro de 1904 que a população começou a demonstrar seus primeiros atos mais enérgicos e também se desenvolveram os primeiros embates contra a força policial. A questão que levanto é que a Liga Contra a Vacina Obrigatória havia sido criada no dia 5 daquele mês e foi um importante fator de aglutinação de pessoas, a Liga realizava reuniões em que milhares de pessoas participaram. Nas reuniões da Liga falou-se muito dessa questão moral que Carvalho aborda. Sendo assim, não seria de se estranhar que alguns indivíduos, que poderiam ser muito ou poucos, levaram em conta essa mesma questão moral para se atracarem contra a força policial.

Chalhoub escreve seu livro, que não tem foco principal na Revolta da Vacina, mas que acaba por contribuir muito com o estudo da Revolta, pois trabalha com o contexto histórico anterior aos desenvolvimentos da Revolta. Se Carvalho criticou Sevcenko pela ausência da explicitação do uso das fontes, aqui temos Chalhoub a criticar seus dois antecessores. Sobre o livro de Sevcenko, ele diz: "escreveu um pequeno livro cheio de dramaticidade sobre os protestos de 1904" (Chalhoub, 1996, p. 113). Contudo, este pequeno trecho não é tão revelador quanto o que segue:

> O problema, contudo, é que a virtude do texto de Sevcenko acaba sendo também o seu limite. Devido à ausência de uma pesquisa documental mais sistemática, na narrativa deste autor os populares sempre reagem – "resistem" -, nunca agem, isto é, nunca se sabe exatamente que tipo de experiência histórica, de formas de entender o mundo e a sua situação de vida poderiam informar positivamente o movimento de luta contra a vacinação (Chalhoub, 1996, p.114).

Embora a crítica a Sevcenko possa parecer dura, imagino que nada se compara a crítica dirigida a Carvalho. Aqui o autor tenta demonstrar que a tese principal de Carvalho sobre a questão moral não teria tanto peso. A tese de Carvalho sobre a questão moral é diminuída por Chalhoub. Este último não acredita que os discursos inflamados da Liga contra a Vacina Obrigatória poderiam ter o "efeito devastador" que Carvalho afirmou. O argumento mais forte de Chalhoub contra a tese de Carvalho pode ser resumida da seguinte forma: a lógica moral sobre a invasão das casas e "profanação" das mulheres divulgada pela Liga contra a Vacina Obrigatória não seria a mesma lógica da população. Ou seja, a lógica burguesa dos políticos que apelavam para a questão moral não seria a mesma da população. É nessa suposta convergência entre moral dos políticos e da população em geral, defendida por Carvalho, que Chalhoub não acredita. Nas palavras desse autor:

> Ou pelo menos não há esforço sistemático para entender que valores ou tradições seriam essas – ou não há nada para além do pressuposto de que esse tipo burguês de obsessão com o comportamento e a honra feminina possa ser simplesmente generalizável para toda a sociedade (Chalhoub, 1996, p. 116).

Para legitimar sua posição contra a tese de Carvalho, Chalhoub cita o trabalho de Martha Esteves sobre Belle Époque no Rio de Janeiro[22]. Segundo o autor, a partir de leitura da obra de Esteves, a moralidade burguesa dos políticos seria, de fato, diferente da moralidade da "mente popular" (1996, p. 116).

[22] Martha de Abreu Esteves, *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque, Rio de Janeiro*, Paz e Terra, 1989.

Não obstante, Chalhoub cita outros dois autores estrangeiros que escreveram sobre a Revolta da Vacina: Teresa Meade e Jeffrey Needell[23]. Sobre Meade, o autor escreve que dos trabalhos recentes foi "quem mais avançou na tentativa de situar a revolta no contexto de uma tradição popular de resistência a iniciativas do poder público" (Chalhoub, 1996, p. 116). Sobre Needell, Chalhoub afirma que a sua contribuição foi oferecer: "pista importante ao insistir na questão do racismo e no problema da repressão à cultura afro-brasileira como essenciais no episódio da revolta e neste processo mais geral de aburguesamento da sociedade carioca de então" (Chalhoub, 1996, p. 117). Chalhoub também cita o trabalho de José Meihy e Cláudio Bertolli para afirmar a contribuição dada por esses autores no que tange a questão do estudo da "história do serviço de vacinação antivariólica no Brasil" (Chalhoub, 1996, p. 117).

Contudo, Chalhoub cita todos esses autores para afirmar que nenhum deles em suas pesquisas teve a devida preocupação com a questão da "história prévia do serviço de vacinação antivariólica" (Chalhoub, 1996, p.117). Dito isto, o próprio autor decide por traçar essa história do serviço de vacinação assim como seus problemas no Rio de Janeiro, tudo isto desde o tempo de D. João VI. Sendo assim, para entender as causas e os atos de resistências da Revolta, Chalhoub buscou respostas na cultura africana e afro-brasileira, assim como no orixá da varíola, Omolu.

Uma importante contribuição de Chalhoub ao lermos *Cidade Febril* se encontra na história que o autor nos narra sobre as práticas de vacinação que aconteciam durante o Império. Ali observamos que existia uma tradição, quando a vacina era realizada braço a braço, de vacinação que permitia que a pessoa vacinada fosse, de certa forma, monitorada por agentes públicos – vacinadores e até mesmo pela polícia. Isso ocorria pois era necessário que esse indivíduo vacinado retornasse após alguns dias para que a linfa da varíola pudesse também ser removida de seu braço e assim vacinassem outra pessoa.

Acredito ser válido trazer aqui a discussão que o autor levanta sobre a vacinofobia que existiria no Império. Penso que a discussão levantada é muito plausível, contudo, o próprio autor da tese revela que ela não possui muitas evidências. A vacinofobia que existiria na corte, principalmente entre negros, seria responsável pela resistência à vacina no Império.

[23] Esses dois autores ainda serão analisados neste capítulo, contudo não tive acesso a todas as obras desses autores que tratam a Revolta.

Após abordar as teses dos principais autores que escreveram sobre a Revolta da Vacina percebo ser relevante fazer alguns apontamentos. Primeiro, foi nas décadas de 1980 e 1990 que se produziu as principais teses sobre a Revolta. Há um espaço temporal de aproximadamente doze anos entre a publicação da primeira edição do livro de Sevcenko (1984), passando por Carvalho (1987) até a publicação de Chalhoub (1996). Diante deste quadro, o entendimento aqui proposto é que esses três autores publicaram as teses principais que nortearam as publicações de diversos historiadores que publicaram posteriormente sobre a Revolta.

Cabe, por agora, apontarmos como outros autores utilizaram as teses dos autores principais. Nessa esteira de historiadores que escreveram posteriormente encontraremos Leonardo Pereira. Seguindo na mesma linha de escrita sobre as práticas de variolização que a população negra supostamente teria no Brasil, encontramos o livro de Pereira: *As barricadas da saúde, vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República*, cuja primeira edição é de 2002. Aqui, mais uma vez, acharemos, na narrativa, a população negra se apegando aos seus rituais de cura da varíola em detrimento da vacina. Pereira dedicou-se a escrever um livro inteiramente dedicado à Revolta, em sua narrativa temos a oportunidade de nos depararmos com os principais acontecimentos da Revolta. Podemos afirmar que o autor vai além e traz para a sua narrativa aspectos que até aqui não foram privilegiados pelos outros autores, me refiro a aspectos da composição dos revoltosos. Em Pereira, temos pela primeira vez uma preocupação mais acentuada com idade, gênero e raça dos revoltosos. Segundo o autor a maioria dos revoltosos que participaram dos acontecimentos de novembro de 1904 eram homens e tinham idade entre 20 e 30 anos. Contudo, nada impediu que jovens de 12 e 15 anos participassem da Revolta, ou mesmo um idoso de 69 anos. Nessa esteira, houve também manifestações de prostitutas, umas delas baleada no rosto durante os protestos (Pereira, 2002, p. 60-62).

Sem dúvida o papel que os jornais cariocas tiveram durante os dias de revolta foi impactante. Sabemos que os jornais acompanharam de perto o desenrolar dos acontecimentos. Esses periódicos publicaram charges, entrevistas com os revoltosos ou com o ministro da Justiça; chegavam mesmo a convocar a população para as reuniões a fim de combater a vacinação obrigatória. Nesse contexto, Pereira traz informação muito importante sobre como o poder público lidou com alguns jornais. A partir de sua narrativa sabemos que o presidente Rodrigues Alves mandou fechar dois jornais durante a revolta,

após a tentativa de golpe de estado ocorrida na madrugada de 14 de novembro (Pereira, 2002, p. 69).

O ponto que considero de destaque em Pereira é a sua preocupação com o papel de agente dos revoltosos. Não que este autor seja o único a se preocupar com essa questão, contudo, o historiador traz importante questão sobre a capacidade dos revoltosos do bairro da Saúde em resistir. Neste ponto percebemos uma resistência que se não era totalmente simbólica era ao menos parcialmente simbólica, visto que muitos dos supostos recursos usados na defesa daquele bairro durante aqueles dias de conflito eram apenas retórica e engodo. Peguemos, por exemplo, o "canhão" que os revoltosos apontavam para os agentes do governo, aquilo nada mais era do que um poste de iluminação atado a uma carroça. E dinamites, por vezes, não passaram de papel metálico embrulhado com fios e um pedaço de madeira. Longe de afirmar aqui que toda a Revolta se apropriou desse tipo de recursos, sabemos que delegacias foram invadidas e depredadas e que o poder público teve que trazer forças de repressão de outros estados, sendo assim, depois de tudo que sabemos, esse aspecto presente na Saúde parece ser apenas uma exceção.

Sendo assim, identificamos que a obra de Leonardo Pereira se utiliza da tese de Chalhoub para explicar as causas da Revolta da Vacina, assim como se apoiou na história da vacinação como também na vacinofobia que as populações afrodescendentes teriam demonstrado como forma de resistência.

Outro historiador que discorreu sobre a Revolta foi Marco Antonio Pamplona, que desenvolveu um trabalho de história comparada entre a Revolta da Vacina de 1904 e outra revolta ocorrida nos Estados Unidos, na cidade de Nova Iorque. O livro se chama *Revoltas, repúblicas e cidadania, Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana*[24]. Contudo, tratarei aqui apenas da parte que nos interessa, que é a Revolta da Vacina. Pamplona esteve interessado em questões de cidadania e protesto popular e viu a história a partir dos de baixo.

Neste autor não há muita novidade no uso das fontes. Pamplona faz intenso uso dos periódicos da época da Revolta como fonte de pesquisa, há a preocupação do autor em afirmar que, dependendo do acontecimento, os jornais poderiam divergir. O autor nos

[24] A primeira publicação da obra em formato de livro data do ano de 2003, contudo, como o autor nos evidencia no prefácio da obra: "O presente trabalho é resultado de um longa pesquisa, levada a cabo em fins dos anos de 1980, que resultou em minha tese de doutoramento, defendida em dezembro de 1990." (Pamplona, 2003, p.7).

relata que os acontecimentos do dia 11 de novembro se mostram diferentes, dando motivos distintos para o início dos conflitos naquele dia (Pamplona, 2003, p. 185). Esta informação é deveras importante por, como já foi afirmado, os trabalhos abordados aqui usam massivamente os jornais cariocas como referências em suas respectivas pesquisas. O pesquisador que pretende utilizar os mesmos jornais de época terá que levar em consideração a possibilidade de divergências de relatos entre os jornais.

Aqui, assim como ocorreu em Pereira, podemos presenciar uma preocupação com o conflito social nos seus aspectos mais violentos. Neste relato houve uma tentativa de aproximação do conflito social que ocorreu na cidade. É relatado o conflito entre revoltosos e a força policial no dia 13, por exemplo, os amotinados se armaram de paus, pedras e até mesmo armas de fogo para resistirem à força policial (Pamplona, 2003, p. 190).

Em consonância com outros historiadores, Pamplona também deu atenção ao bairro da Saúde. Nas palavras do autor: "Foi no distrito da Saúde, no entanto, que a resistência mostrou-se mais espetacular" (Pamplona, 2003, p.197). Pamplona aborda a questão da fragilidade da resistência naquele bairro. Como já vimos o bairro lutou como pôde.

Após leitura cuidadosa do trabalho de Pamplona podemos perceber que o autor tem um alinhamento significativo com a tese de Carvalho, visto que o autor considera a mesma questão moral apontada por Carvalho. Pamplona escreve:

> A Revolta de 1904 foi, sem dúvida, o movimento mais espetacular, com uma participação popular não apresentada pelas revoltas anteriores. Surpreendeu as autoridades por sua irrupção repentina, por ter sido uma rápida resposta dos pobres da cidade ao apelo moral dirigido pela Liga contra a Vacina Obrigatória e, mais ainda, por ter se alastrado por bairros nos mais variados pontos da cidade (Pamplona, 2003, p. 258).

O historiador norte-americano Jeffrey Needell escreveu artigo sobre a Revolta da Vacina e fez interessante paralelo com a Belle Époque brasileira[25]. Para Needell a Revolta da Vacina foi uma revolta contra a modernização que a cidade passava. O autor

[25] O artigo se intitula *The Revolta Contra Vacina of 1904: The Revolt Against "Modernization" in Belle-Époque Rio de Janeiro.*

não deixa escapar a questão da tentativa de golpe de estado durante os dias da Revolta, assim como não esquece do bairro da Saúde.

A perspectiva de colocar os revoltosos contra a modernização da cidade possibilita uma hipótese difícil de rebater. As evidências empíricas que corroboram a tese são abundantes. Sabemos que a população de fato destruiu vários símbolos que poderíamos entender como da modernização da cidade: postes de iluminação, bondes, fios de comunicação etc. Nessa esteira, o autor afirma que a gestão de Rodrigues Alves em poucos meses tornou a vida da população da cidade pior (Needell, 1987, p. 256). Sendo assim, dentro da narrativa do autor encontramos a vacina, que foi vista por outros historiadores como causa imediata da Revolta, estando em uma esteira de outros fatores e não recebendo atenção especial.

Sendo assim, percebo o artigo de Needell estando muito mais próximo da tese de Sevcenko do que dos outros dois autores principais. É interessante notar que o artigo é de 1987, ou seja, do mesmo ano da publicação de Carvalho e anterior ao livro de Chalhoub. A ideia de Needell de sugerir que a população que participou da Revolta teria se revoltado contra os símbolos da modernidade não está tão longe da tese de Sevcenko sobre a causa da Revolta. Afinal, para Sevcenko a população teria se revoltado contra os abusos da reforma urbana assim como a reforma sanitária.

Por outro lado, temos agora o livro de Teresa Meade[26]. Essa historiadora escreveu um livro que não trabalha exclusivamente com a Revolta da Vacina, mas que trata sobre alguns aspectos da Revolta. Uma afirmação que está na obra da autora e que não encontrei em mais nenhum dos autores abordados neste capítulo foi que ela, de alguma forma, entendeu que a vacinação obrigatória começaria no dia 11 de novembro de 1904. Nenhum outro historiador, pelo menos os que utilizei neste capítulo, emitiu esse tipo de afirmação. Mesmo na lei de 31 de outubro de 1904 não existe tal data[27]. A outra possibilidade seria a data estar no regulamento vazado para a imprensa, contudo, sabemos que aquele regulamento não era o documento final, ainda haveria outra reunião para discutir sobre esse assunto.

[26] O título do livro é *"Civilizing" Rio, Reform and Resistance in a Brazilian City 1889-1930.*
[27] Meade cita pelo menos duas vezes o início da vacinação obrigatória para o dia 11 de novembro. (1987, p. 90 e 103)

Dito isto, a autora entende que não se pode simplesmente explicar a Revolta a partir da questão da vacinação, as respostas precisam ser buscadas além (Meade, 1997, p. 90). Para ter alguma explicação sobre os motivos da Revolta, Meade trata o fenômeno em um contexto maior. Movimento semelhante realizado por Needell.

Meade dedicou parte da sua escrita a analisar o comportamento da multidão de revoltosos, como já foi observado, outros historiadores já se utilizaram deste recurso de explicação. José Murilo de Carvalho, por exemplo, levantou a questão moral para a população carioca se revoltar. Se em Carvalho a população se revoltou para combater a invasão de suas casas e profanação da intimidade das mulheres – esposas, filhas etc. Meade busca explicar que a população não deu tanta atenção assim aos símbolos da saúde pública, atacando, portanto, os símbolos da modernidade (Meade, 1997, p. 104).

Outro ponto no qual a autora mostrou sensível interesse na população revoltosa pode ser resumido na questão: quantas pessoas participaram da Revolta? Meade, dos historiadores aqui apresentados, é a única a chegar a um número em torno dos 10 mil revoltosos. Para embasar a afirmativa ela parte do pressuposto que 300 mil pessoas viviam no centro da cidade naquele ano e que em geral a população da cidade girava em torno de uns 800 mil habitantes (Meade, 1997, p. 107). Na mesma esteira quantitativa, a historiadora também trabalha com a questão da imigração. Ao contrário do que a polícia afirmava na época, a maioria dos revoltosos era composta por jovens, homens e trabalhadores brasileiros (Meade, 1997, p. 108).

Além desses pontos quantitativos que são fundamentais para se entender a Revolta da Vacina a autora também se questionou sobre a destruição dos transportes municipais da cidade carioca. Como já foi apontado, muitos bondes foram destruídos e usados como barricadas em diversos pontos da cidade durante aqueles dias de revolta. A explicação que encontramos em Meade, resumida aqui, é que os cortiços haviam sido demolidos na região central da cidade e os trabalhadores haviam sido removidos desse ambiente, portanto, tendo que escolher entre as favelas que se formavam ou entre o subúrbio. Sendo assim, a autora constrói sua argumentação a partir de um contraste entre trabalhadores e elite, em que os primeiros se ressentem com os últimos e os primeiros se revoltam contra o governo (Meade, 1997, p. 110).

Nesta tentativa de entender o comportamento popular durante os dias de conflito a autora aborda importante aspecto comportamental dos revoltosos. Durante o dia 17 de

novembro de 1904 o governo voltou atrás e cancelou a lei de obrigatoriedade de vacinação, contudo, segundo ela, não houve nenhum tipo de comemoração pelo fato do governo Rodrigues Alves abortar a medida. Pelo menos na historiografia abordada neste capítulo não existe tal comemoração dos populares pelo cancelamento da medida. A possível falta de empolgação assim como a destruição dos transportes públicos, pode ser entendida como um indicador de que de fato a revolta não era contra a vacina.

Diante do que foi exposto e após leitura da obra de Meade, entendo que a narrativa da autora está mais próxima de dialogar com a tese de Sevcenko do que as teses dos outros dois autores principais. Mais uma vez, assim como em Needell, a questão da modernização da cidade é invocada para explicar a Revolta da Vacina.

Em dissertação de mestrado[28], Aline Salgado analisou as discussões em dois jornais[29] do período da Revolta da Vacina para entender como a vulgarização científica nesses jornais poderiam ter contribuído para o início da Revolta (Salgado, 2018, p. 14). No contexto, a autora enxergou os articulistas dos jornais como vulgarizadores científicos e com o papel de explicar de maneira simples a ciência para um público que não era de cientistas (Salgado, 2018, p. 19). Salgado nos lembra que não existia rádio no Brasil no ano de 1904, esta mídia de comunicação só passou a operar no país a partir de 1922 (Salgado, 2018, p. 22). Sendo assim, podemos concordar com a premissa de que aquele período no qual se deu a Revolta foi intenso o uso dos jornais para divulgar ciência.

Segundo a autora, se observarmos o aspecto da divulgação científica durante a Revolta da Vacina a gestão de Oswaldo Cruz, que esteve à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública, representou uma derrota (Salgado, 2018, p. 29). Contudo, não podemos afirmar, apesar de tudo, que o governo nem sequer tentou alguma conscientização da população. Como sabemos, (Salgado apud Barbosa, 2018, p. 35) o governo federal passava recursos financeiros para o jornal *Gazeta de Notícias*, e este periódico produziu uma série de matérias em que houve a tentativa de passar uma imagem benéfica da vacina contra a varíola. Nas palavras da autora: “Por meio de notas jornalísticas e artigos, o jornal procurou, ao longo dos meses, que antecederam a Revolta da Vacina, defender as posições do Governo” (Salgado, 2018, p. 36). Apesar desta relação de aparente

[28] O nome do trabalho é *A Revolta contra a vacina: A vulgarização científica na grande imprensa no ano de 1904.* Data do ano de 2018 e foi publicada no Programa de Pós-graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz.

[29] Salgado trabalhou com os jornais Correi da Manhã e também com a Gazeta de Notícias, segundo ela esse último situacionista e o primeiro oposicionista (Salgado, 2018, p. 13).

alinhamento entre jornal e governo, Salgado afirma que com a publicação da cópia do regulamento que vazou da reunião do dia 9 de novembro a postura do jornal muda, não mais concordando com o governo. Posteriormente, a *Gazeta de Notícias* seria fechada por ordem do governo durante os dias de revolta da cidade.

Em termos de alinhamento as teses dos autores principais, percebo que a escrita da autora se localiza mais próxima de Sevcenko. Como afirmado, Salgado utiliza-se dos jornais como fontes para explicar a Revolta, e com base nesses periódicos a autora entendeu que a Revolta era de fato contra a vacina. Os motivos para não alinhar a autora as teses dos outros dois autores principais são: primeiro, a tese da autora não dá peso a questão moral levantada por Carvalho; segundo, mesmo considerando na vacina motivação para a população se revoltar, a autora não chega a levantar a questão da vacinofobia como está presente em Chalhoub. Sendo assim, Aline Salgado busca na vacina explicação para as causas da Revolta a partir da questão da reforma sanitária, movimento semelhante na tese de Sevcenko.

Em outro trabalho de dissertação de mestrado, Eneida Queiroz[30] analisa a relação entre judiciário e a população que recorria à justiça sanitária. A autora tenta demonstrar que existiu durante a Revolta da Vacina outra possibilidade de resistência que não a violência. Acredito que a dissertação preenche uma lacuna na historiografia, visto que nenhum dos autores que trataram a Revolta deram ênfase a esse aspecto da justiça sanitária, quando muito lemos na historiografia alguma menção às delegacias de saúde. Queiroz nos permite visualizar como se dava essa relação entre justiça sanitária e a população. Segundo Queiroz,

> cabia às autoridades administrativas sanitárias indicar a necessidade da obra ou demolição em vistorias, e caso as recomendações não fossem atendidas pelos proprietários ou inquilinos, uma ação criminal teria início nas Delegacias de Saúde, para só assim, chegar à alçada da Justiça Sanitária e após os trâmites processuais o seu juiz decidir se a ação seria procedente para ser levada adiante, e ao término, proferir a sua sentença (Queiroz, 2008, p. 22).

[30] O nome da tese é *Justiça Sanitária, Cidadãos e Judiciário nas reformas urbana e sanitária – Rio de Janeiro (1904 – 1914).* Data do ano de 2008 e para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

Ainda assim, Queiroz nos lembra que, de fato as reformas pelas quais a cidade passou foram autoritárias, porém foi criada[31] uma esfera judicial em que a população que se sentisse lesada poderia recorrer (Queiroz, 2008, p. 22-23).

Sendo assim, ela considera que mesmo sendo as leis da época criadas por poderosos isso não impediu a população de também recorrer a este recurso e obter resultados vantajosos. A população que recorria à justiça por vezes poderia recorrer a própria constituição como forma de defender seus interesses (Queiroz, 2008, p. 99). Em um contexto de resistência por meio das leis, a autora toca em um ponto muito importante para entendermos de forma mais aprofundada a questão. Havia, em termos gerais, duas formas que a justiça e a população poderiam interagir para solucionar os desentendimentos. Na primeira situação se recorria à esfera cível, sendo assim, o próprio cidadão entrava com um processo contra a Saúde Pública ou Justiça Sanitária. Na segunda situação era a Justiça Sanitária ou a Saúde Pública que tornava os cidadãos réus com a finalidade de fazer cumprir as multas, demolições, interdições etc. (Queiroz, 2008, p. 124).

Não obstante, é válido ressaltar que Queiroz preencheu uma importante lacuna que existia na historiografia sobre a Revolta da Vacina. Ao tratar o tema a partir da Saúde Pública e da Justiça Sanitária a autora nos dá informações sobre o comportamento social da população que teve a oportunidade de recorrer a outros recursos que fugiriam a violência.

Por fim, em termos de alinhamento com as teses dos autores principais, percebo que a dissertação da autora demonstra alinhamento mais estreito com a tese de Sevcenko, pois Queiroz trata com frequência da questão da reforma urbana; as próprias fontes que a autora utilizou – os processos – evidencia-nos as lutas na justiça que a população mais humilde travava contra o poder público.

Como obra mais antiga temos a de Afonso Arinos de Melo Franco, *Rodrigues Alves, apogeu e declínio do presidencialismo*, do início dos anos 1970[32]. Dos trabalhos tratados é o que mais se distanciou da população. Com isso, quero indicar que não encontraremos muitos elementos da ação popular em sua análise – informações sobre os

[31] Segundo Queiroz, a justiça sanitária foi criada pelo Decreto 1151, de janeiro de 1904 (Queiroz, 2008, p. 73).
[32] A edição mais antiga que consegui identificar data de 1973.

revoltosos, o comportamento popular, dentre outros, não estão presentes. Esses aspectos foram tratados com uma relativa frequência nas historiografias subsequentes, mas em Afonso Arinos elas são praticamente inexistentes.

Vale aqui mencionar que o livro de Afonso Arinos não trata exclusivamente sobre a revolta, o assunto Revolta da Vacina representa uma ínfima parte do conteúdo tratado no livro e o autor tem seu jeito de tratar a Revolta de novembro de 1904. Contudo, podemos tirar algumas conclusões do que foi escrito. Primeiro, a escrita de Afonso Arinos privilegia a abordagem política, com isso quero indicar que no texto encontramos os principais nomes da política da época e esses são os personagens da narrativa. Isso se deve ao fato de ter como foco a ação política de Rodrigues Alves.

Talvez o que chame mais a atenção na narrativa de Afonso Arinos é que o autor escolheu praticamente ignorar todo o conflito popular que aconteceu desde o dia 10 de novembro e seguiu ininterruptamente até 18 de novembro. Um dos poucos momentos nos quais o autor se refere ao povo é quando reforça o argumento de que, ainda em 1903, a entrada nas casas das pessoas pela brigada mata-mosquitos seria um dos argumentos mais fortes para o início da Revolta da Vacina (Franco, 2000, p. 482). Não obstante, embora o autor ignore quase completamente a revolta popular, escreve: “A crise provocada pela ação progressista de Osvaldo Cruz, amparado pelo presidente, iria estourar em forma de insurreição popular e de motim militar, durante os quais foi quase deposto o governo da República” (Franco, 2000, p. 488). Penso que quando o autor fala em crise ele se refere à Revolta da Vacina, sendo assim de alguma forma Afonso Arinos coloca a responsabilidade da Revolta nas decisões que Oswaldo Cruz tomou, decisões essas que se iniciaram ainda em 1903. Dessa forma, interpreto que Arinos deu peso significativo ao aspecto da saúde pública para o início da Revolta.

Ainda na citação, o autor deixa claro que houve, de fato, uma “insurreição popular” durante aquele novembro de 1904. Diante disso, posso considerar curioso o interesse do autor por apenas o “lado militar” da Revolta, contudo a publicação do livro de Afonso Arinos e o ano de 2022 são separados por quase 50 anos, e nessas últimas décadas foram produzidas várias historiografias sobre o assunto.

Apenas para concluir, gostaria de mencionar que chegamos a Afonso Arinos a partir de indicação de José Murilo de Carvalho, este último autor escreveu livro que foi analisado e que traz a indicação do livro de Afonso Arinos, talvez de outra forma a

menção feita por Carvalho sobre Afonso de Arinos nunca tivesse sido encontrada para a realização desta pesquisa. É válido dizer que percebemos a possível ligação entre Afonso Arinos e Carvalho em relação a questão da invasão das casas da população. Se Afonso Arinos é o primeiro a levantar a questão, Carvalho vai mais a fundo e se aprofunda na tese da questão moral, a qual já foi abordada em momento oportuno neste capítulo.

Entre as diferentes abordagens historiográficas aqui analisadas encontramos várias formas e métodos de entender a Revolta da Vacina. Há os autores que entenderam a vacina e as questões de saúde pública como seus principais motores explicativos, outros preferiram explicar a Revolta a partir de um modelo explicativo mais amplo, em que questões de saúde pública têm peso menor.

Sendo assim, penso ser muito difícil, depois de tudo que foi exposto neste capítulo, considerar a Revolta sendo resultado ou motivada por um aspecto específico e único como a vacina, embora mesmo se formos analisar a questão a partir da saúde pública iremos encontrar um conjunto de possibilidades. Por fim, é válido colocar que as abordagens dos autores aqui apresentadas tendem muito mais a se complementarem para explicar a Revolta do que se excluírem.

De minha parte, considero que quando abordamos a Revolta devemos separar os alvos dos revoltosos das causas da Revolta. Com isso quero afirmar que os alvos que os revoltosos escolheram ou direcionaram a sua ira não podem ser confundidos com as possíveis explicações que nós historiadores demos ou daremos para as causas da revolta. Entendo que este tipo de afirmação pode levantar alguns questionamentos, um possível seria: então não havia racionalidade na ação dos revoltosos? O questionamento é válido e me ajuda aqui a explicar que sim, existiu racionalidade na ação dos revoltosos, como já foi apontado, eles não eram massa de manobra de políticos ambiciosos.

Capítulo 2

ANÁLISE DO TEMA DA REVOLTA DA VACINA EM LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE 2011

O objetivo deste capítulo é analisar como o tema da Revolta da Vacina foi tratado em livros didáticos[33] de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011. Essas obras fazem parte de um conjunto de coleções destinadas aos anos finais do ensino fundamental, ou seja, do 6º ao 9º ano. Neste capítulo trabalhei sempre com os volumes 3 e 4 (8º e 9º ano, respectivamente) [34].

O que é um livro didático? O leitor que aqui acompanha esta pesquisa já esteve em sala de aula da educação básica. É bastante provável que em uma dessas aulas o leitor tenha se deparado com um professor ou professora pedindo para que alunos e alunas abrissem seus livros em alguma página; é possível até que o leitor seja um professor ou uma professora da educação básica. Esse professor ou professora do nosso exemplo imaginário, mas muito possível de ser real em algum canto do Brasil, nem sequer precisou usar o termo "didáticos" junto com "abram seus livros". Mas o que isto pode indicar? Muito difícil responder de forma absoluta e permanente; contudo, isto pode indicar que os livros didáticos são uma realidade tão consolidada em nossas vidas que nem sequer achamos que uma definição seja necessária. Ainda assim, busquei me basear, em termos de definição, no que escreveu Kazumi Munakata: "Não cabe aqui discutir detidamente a definição do livro didático, bastando que se enuncie simplesmente que é o livro produzido para fins educacionais, visando principalmente ao público escolar" (Munakata, 2012, p. 58). Outro importante autor que escreveu sobre esta temática deixou claro as dificuldades de se definir o que é um livro didático. Alain Choppin escreveu:

> A primeira dificuldade relaciona-se à própria definição do objeto, o que se traduz muito bem na diversidade do vocabulário e na instabilidade dos usos lexicais. Na maioria das línguas, o "livro didático" é designado

[33] Deve ser ressaltado que não tive acesso a coleção *História em Projetos*. Ao todo foram aprovadas 16 coleções da disciplina de História no PNLD de 2011 para o ensino fundamental.
[34] Ao todo foram analisados 11 livros do 9º ano e 4 livros do 8º ano do ensino fundamental.

> de inúmeras maneiras, e nem sempre é possível explicar as características específicas que podem estar relacionadas a cada uma das denominações, tanto que as palavras quase sempre sobrevivem àquilo que elas designaram por um determinado tempo (Choppin, 2004, p. 549).

Segundo Choppin, a pesquisa em livros didáticos poderia ser dividida em duas categorias. Na primeira categoria o livro didático é tratado como documento histórico, ou seja, existe uma preocupação com o seu conteúdo, tais como temas, personagens etc. Na segunda categoria o livro didático enquanto objeto físico representa a motivação da pesquisa, há a preocupação com a sua fabricação, comercialização, distribuição etc. (Choppin, 2004, p. 554). Posto isto, considerei as palavras de Choppin quando afirma que o que costuma acontecer na pesquisa de livro didático é que as duas categorias estejam presentes ao mesmo tempo. No caso deste trabalho utilizei principalmente da categoria que trata o livro didático como documento histórico, visto que mantive demasiada atenção aos aspectos da Revolta da Vacina, ou seja, me preocupei com um determinado tema dentro dos livros didáticos. Contudo, será perceptível que também abordei nesta pesquisa a categoria que trata o livro didático como objeto material, visto que me preocupei com os elementos de distribuição, compra e avaliação.

Já que neste capítulo pretendo analisar um conjunto de 15 livros[35] aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011, nada mais justo do que explicarmos como o PNLD funciona, assim como um pouco de sua história. De início é preciso expor que o mercado de livros didáticos no Brasil movimenta muito dinheiro por ano. Kazumi Munakata trouxe informações interessantes sobre esse tema. A partir de dados da Câmara Brasileira do Livro o autor constatou que em 2009 foram produzidos 386.367.136 exemplares de livros, desse total, os didáticos representam 183.723.605 exemplares, ou seja, quase metade dos livros produzidos no país naquele ano. Outro dado interessante está na quantidade de dinheiro que esse mercado, que inclui didáticos e não didáticos, movimentou em 2009. Foram vendidos naquele ano 371 milhões de exemplares; desses, 207 milhões foram didáticos. A partir dessas vendas houve um faturamento de 3,38 bilhões de reais, em que 1,73 bilhões foram apenas de livros didáticos (Munakata, 2012, p. 59).

[35] Nesta pesquisa não tive acesso à coleção História em Projetos. Contudo, todas as outras 15 coleções foram analisadas.

Tabela 1. Números do mercado editorial em 2009.

.	Didáticos	Não didáticos
Total de Livros produzidos no Brasil	386.367.136	183.723.605
Total de Livros Vendidos no Brasil	371.000.000	207.000.000
Total de Faturamento em reais	3.380.000.000	1.730.000.000

Fonte: dados extraídos de Kazumi Munakata (2012, p. 59)

Sobre os livros didáticos, ao todo foram aprovados 64 livros de História no PNLD 2011 para os anos finais do ensino fundamental. Esses livros são divididos em 16 coleções, ou seja, quatro livros por coleção. Essa divisão em quatro livros pretende atender do 6º ao 9º ano[36], sendo um livro para cada ano. Ao todo seis editoras tiveram seus livros aprovados pelo Programa para a disciplina de História: Edições SM LTDA, Editora Ática S/A, Editora FTD S/A, Editora Moderna LTDA, Editora Scipione S/A e Saraiva SA Livreiros Editores (Guia de apresentação 2011, p. 67-69). O Guia da disciplina de História informa que foram apresentadas 25 coleções ao Programa de 2011, contudo apenas 16 coleções foram aprovadas (Guia de História 2011, p. 12).

Importante ressaltar que no caso da disciplina de História algumas editoras tiveram mais de uma coleção aprovadas pelo Programa; das seis editoras mencionadas, apenas uma teve somente uma coleção aprovada pela avaliação do PNLD, foi o caso da Edições SM LTDA. Todas as outras editoras tiveram duas ou mais coleções aprovadas pelo Programa de 2011. Outra informação pertinente que deve ser ressaltada: não é permitido aos professores escolherem duas coleções da mesma editora (Guia, p. 21) É interessante notar que em volta do PNLD existe uma série de diretrizes e mecanismos que visam estipular regras para a competição entre as editoras, assim como proteger a relação entre professores e editoras. No próprio Guia de apresentação encontramos alguns elementos neste sentido. Por exemplo, o referido Guia menciona, através da Normativa nº 7, de 5 de abril de 2007, que os titulares de direitos autorais sejam impedidos de acessarem as escolas se esses tiverem a finalidade de divulgar livros que competirão no PNLD (Guia, p. 28).

[36] As disciplinas abordadas pelo PNLD 2011 para os anos finais do ensino fundamental são: Ciências; Geografia, História, Língua Estrangeira – Inglês; Língua Estrangeira – Espanhol; Língua Portuguesa; Matemática.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passou por diversas modificações desde a sua criação em 1985. No entanto, parece ser ponto pacífico que foi a partir de 1996 que o Programa atingiu alcance nacional e passou a trabalhar com verbas regulares (Munakata, 2012, p. 61; Caimi, 2018, p. 24; Miranda e de Luca, 2004, p. 126-127; Cassiano, 2013, p. 2). Podemos entender o Programa como uma política pública governamental para compra, avaliação[37] e distribuição[38] de livros didáticos em escala nacional. Neste trabalho nos interessou, principalmente, os desdobramentos do Decreto nº 7084,[39] de 27 de janeiro de 2010, visto que o PNLD que analisamos data de 2011. O referido documento cita que o PNLD tem como objetivo: "prover as escolas públicas de livros didáticos, dicionários e outros materiais de apoio à prática educativa" (Brasil, 2010). É a partir do PNLD que os livros didáticos são selecionados, avaliados, comprados e distribuídos para a educação básica pública brasileira. Como podemos constatar, a partir do referido Decreto, este Programa se tornou uma política pública quase inescapável, abrangendo toda a educação básica pública, desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Segundo Fabiana de Almeida e Sonia Miranda:

> O livro didático de História, nesse contexto, assume lugar de grande relevância no ensino de História em nosso país, já que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) situa-se entre os maiores programas de distribuição de livros didáticos do mundo, proporcionando, assim, profundos impactos no sistema de ensino e no mercado editorial brasileiro. (Almeida e Miranda, 2012, p. 264).

Como nos lembrou Flavia Caimi, o PNLD já passou por diversas gestões presidenciais e mesmo assim manteve concepções comuns sobre avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos (Caimi, 2018, p. 23). O didático que chega até a escola pública da educação básica de todo território nacional passou por um processo complexo de avaliação, compra e distribuição. Embora o mercado editorial do livro didático movimente milhões de reais todos os anos esses livros chegam nas escolas públicas sem nenhum tipo de cobrança financeira para essas instituições. Este é um mercado tão grande que chamou atenção até de editoras internacionais (Cassiano, 2017, p. 83).

---

[37] Segundo o Guia do PNLD 2011 os livros didáticos que foram aprovadas pelo PNLD "passaram por um detalhado processo de avaliação pedagógica. (p. 12).

[38] Segundo o guia do PNLD 2011 os livros didáticos são entregues pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Correios) (p. 22-23).

[39] É válido deixar claro que este Decreto foi substituído pelo Decreto nº 9099 de 18 de julho de 2017.

Por outro lado, embora cheguem muitos livros didáticos aprovados pelo PNLD nas escolas da rede pública brasileira esta não é a única forma de didáticos chegarem até nossas escolas públicas. Há os sistemas de ensino; neste tipo de compra de livros didáticos, em geral feita por municípios, os didáticos não passam por nenhum tipo de avaliação governamental. Célia Cristina Cassino bem pontuou: "A comercialização dos sistemas de ensino para as escolas públicas é fenômeno recente e polêmico, uma vez que, no Brasil, tais materiais são vendidos diretamente às prefeituras, sem licitação pública e também sem qualquer tipo de avaliação" (Cassiano, 2017, p. 84). Quando ocorre tal aquisição o governo, no âmbito municipal, compra diretamente do setor privado os livros didáticos que serão distribuídos nas escolas daquela cidade. Quando o município escolhe o sistema de ensino ele deixa de receber gratuitamente livros aprovados pelo PNLD, os quais passaram por um processo de avaliação por especialistas, além de ter que arcar com os gastos desses livros vindos dos sistemas de ensino[40]. O artigo 6º do Decreto nº 7084 assim determina:

> As escolas federais e os sistemas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal que não desejarem receber livros didáticos, inclusive aqueles que optarem pela utilização de material didático apostilado ou similar, deverão informar esta condição ao Ministério da Educação, na forma e prazo definidos em ato próprio, para exclusão do cadastro de atendimento do PNLD. (Brasil, 2010)

Podemos apontar algumas razões para esse mercado editorial ser tão grande e movimentar volumosas somas de dinheiro. As explicações mais aparentes estão ligadas ao tamanho do mercado consumidor, nesse caso se trata de todo o corpo de alunos e professores da educação básica pública do Brasil. Cabe lembrar que os professores também recebem livros didáticos. O Guia de História 2011 se refere a esse material como Manual do Professor. O referido Guia deixa claro que a partir da versão do PNLD 2011 o Manual pode ser elemento de exclusão de toda uma coleção (Guia de História 2011, p. 15). Mesmo que os alunos e professores não comprem efetivamente os livros didáticos esses materiais são comprados, avaliados e distribuídos com a finalidade de atendê-los. Por outro lado, é evidente que antes desses livros chegarem até às mãos dos alunos e professores nas escolas da educação básica pública houve um processo de avaliação no

[40] Cassiano nos informou que: "Em 2010, 220 municípios abriram mão de receber gratuitamente os livros do PNLD, para gastarem milhões de seus recursos próprios com sistemas de ensino." (Cassiano, 2017, p. 92).

âmbito do PNLD por profissionais qualificados e após isso os livros aprovados entram no Guia de apresentação e finalmente os professores da rede pública podem escolher duas opções de coleções de livros didáticos já efetivamente aprovadas. Feito isto, uma dessas coleções será entregue aquelas escolas públicas. Embora aponte aqui que a escolha seja realizada pelos professores, o mais correto é o que o próprio Guia de apresentação informa:

> A escola deve escolher duas opções de coleções para cada componente curricular e essa escolha deve ser muito criteriosa, pois caso não se concretize a aquisição com a editora da 1ª opção, a escola receberá os livros da 2ª opção. Portanto, para cada componente curricular, deverão ser escolhidas duas opções de editoras diferentes (Guia de Apresentação, 2011, p. 21).

Um elemento desse universo de avaliação, compra e distribuição no âmbito do PNLD 2011 se trata do lugar que professor ou professora da rede pública de educação básica ocupa na escolha dos livros didáticos. Há alguns apontamentos que gostaria de fazer a respeito deste personagem mediador entre livro didático e alunos. O comentário inicial se trata de algo que poderia gerar outras intepretações caso não tomássemos o cuidado de explicar neste capítulo. Trata-se da escolha do livro didático que irá ser usado em sala de aula. Como já colocamos, a escola escolhe dois livros didáticos de editoras diferentes e ao fim do processo a instituição receberá uma das coleções escolhidas; levemos em consideração que o PNLD de 2011 trouxe um determinado número de disciplinas do 6º até 9º ano do ensino fundamental. Evidentemente, a disciplina que mais nos interessa neste trabalho se trata de História. No caso do Programa de 2011, o guia de apresentação daquele ano recomenda que "A escolha do livro didático deve ser um processo democrático e transparente para todos os membros da escola" (Guia de apresentação, p.22). A partir do referido Guia fica evidente que embora sejam os professores que escolhem os livros que serão utilizados naquele triênio na escola pública, a escolha não é individual.

Ainda nesta esteira, o Guia de apresentação recomenda que certas preparações sejam realizadas com a finalidade de se escolher os livros didáticos. O documento sugere uma reunião com professores da escola, recomenda-se que se utilize um documento presente no Guia de apresentação para que tudo ocorra de forma transparente e democrática. O Guia de apresentação ainda recomenda que, após a reunião e conclusão

da decisão de quais livros didáticos serão utilizados, o documento em questão seja colocado em local público para que todos possam ver (Guia, p. 32-31).

Sobre o Guia, devo ressaltar que o documento em questão é "dividido" em algumas partes. Quando buscamos por *Guia de Livros Didáticos PNLD 2011 Apresentação* em algum mecanismo de busca como o Google, por exemplo, encontraremos um documento com diversas diretrizes para escolha dos referidos livros didáticos, contudo existem outros Guias, estes documentos em questão são voltados exclusivamente para a cada disciplina ofertada para os anos finais do ensino fundamental. No nosso caso, interessa-nos o Guia de História. Neste segundo documento encontraremos resenhas sobre os livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011. Este documento visa ajudar os professores a decidirem quais livros didáticos serão escolhidos. Lembro ao leitor que os anos finais do ensino fundamental são compostos de 4 anos letivos e por esta razão o professor, a professora e a escola escolhem uma coleção com quatro livros didáticos que em geral são divididos em quatro volumes.

Cassiano (2017, p. 87) citou dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) de 2017 para indicar que o número total de estudantes da educação básica no país naquele ano era estimado em aproximadamente 30 milhões de alunos. Atender 30 milhões de alunos, junto com os professores, todos os anos com livros didáticos de diversas disciplinas por décadas (considere 9 anos de ensino fundamental e mais 3 anos de ensino médio) não parece ser um empreendimento com baixos custos para os cofres públicos. Segundo os mesmos dados do FNDE 2017 citados pela autora, foram mais de 1,2 bilhões de reais investidos na compra, avaliação e distribuição desses didáticos.

Outro fator que contribui para o mercado editorial de livros didáticos no Brasil ser tão expressivo consiste em um dos seus compradores[41]: o governo federal brasileiro. O PNLD é um programa de Estado onde um único comprador realiza a aquisição de milhões de reais em livros didáticos. Além do gasto milionário com os didáticos ainda se faz necessário altas somas de dinheiro para avaliar e distribuir esses materiais. Como Cassiano bem colocou, o mercado de livros didáticos possui um conjunto enorme de leitores "certeiros e regulares" (Cassiano, 2017, p. 86). Por outro lado, existe um "mecanismo" interessante presente no PNLD: um livro aprovado em uma versão do Programa pode ser reprovado em outro ano. Aconteceu algo semelhante com o livro *Nova*

[41] Nesta pesquisa considerei apenas o mercado de livros didáticos que foram destinados para a educação básica pública brasileira.

História Crítica. Mesmo o livro tendo sido aprovado pelo Programa de 2002 e tendo sido utilizado na educação básica pública por alguns anos, em 2007 ele foi rejeitado pelo PNLD (Cassiano, 2013, p. 8).

Se o mercado literário em geral pode ser explicado a partir do tripé: escritor, obra e público, Tânia de Luca nos lembra que o mercado dos livros didáticos traz um quarto elemento, o Estado. Segundo ela, "o Estado desempenha papel essencial, pois é da sua competência definir os contornos do aparato escolar, sobre o qual tem o poder de legislar, formular propostas pedagógicas, impor conteúdos, programas curriculares e normas para os profissionais que nele atuam" (Luca, 2009, p. 153).

Este excerto de Luca pode nos ajudar a pensar em exemplos da ação do Estado sobre o mercado editorial do livro didático. Há dois itens que a autora menciona que penso merecerem atenção. O primeiro deles se trata do papel do Estado sobre a ação de legislar dentro deste universo educacional. Há duas políticas públicas que exemplificam isto. A primeira delas é a Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. A referida Lei estabeleceu pela primeira vez no Brasil que seria obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. A segunda delas é o Decreto nº 7084, de 27 de janeiro de 2010[42]. Como já vimos este decreto institui a chamada do PNLD. Esses dois exemplos nos mostram que a ação ou interferência do Estado tem um impacto nacional na educação básica, pública e privada. No caso do Decreto, todas as disciplinas da educação básica, pública ou privada, devem inserir em seus componentes aquele referido componente. No caso da Lei, como vimos, "rios" de dinheiro são investidos todos os anos com a finalidade de manter as escolas públicas brasileiras abastecidas com livros didáticos.

Outra informação que deve ser ressaltada nesta pesquisa se trata da grande disputa por este mercado bilionário[43]. A partir do Guia de apresentação não sabemos o total de coleções avaliadas pelo PNLD 2011[44], contudo o documento traz consigo um gráfico que indica que 69% das obras avaliadas pelo Programa foram excluídas. Ou seja, apenas 31% passaram pelos critérios de seleção e foram aprovadas. Ao todo foram 26 editoras participantes do processo de avaliação se somarmos todas as disciplinas do Programa (Guia, p. 13). No Guia de apresentação do ensino fundamental constatei a

[42] Embora este Decreto não seja mais válido, ficou em atividade por mais de 15 anos antes de ser revogado pelo Decreto 9099 de 18 de julho de 2017.
[43] Segundo as autoras Sonia Miranda e Tania de Luca: "O fato de uma obra não estar presente no Guia publicado pelo MEC traz efeitos indesejáveis que, em alguns casos, culminaram no desaparecimento de editoras e/ou em fusões de grupos editoriais." (Miranda e de Luca, p. 128, 2004).
[44] É somente no Guia de História que consta que foram 25 coleções foram avaliadas porém apenas 16 foram aprovadas (Guia de História, p. 12).

presença de apenas 12 editoras que produziram livros didáticos para os anos finais do ensino fundamental, como pode ser constatado na tabela abaixo[45]:

Tabela 2. Disciplinas e editoras aprovadas pelo PNLD 2011.

Disciplinas	**.2**	**.3**	**.4**	**.5**	**Editoras**	**.32**	**.33**	**.34**	**.35**
Ciências	Atica	Brasil	FTD	Moderna	Positivo	Scipione	Saraiva		
Geografia	Escala	SM	Atica	Brasil	FTD	Moderna	Scipione	Saraiva	
História	SM	Atica	FTD	Moderna	Scipione	Saraiva			
Língua Estrangeira - Inglês	Atica	Scipione							
Língua Estrangeira - Espanhol	Atica	Saraiva							
Língua Portuguesa	SM	AJS	Atica	Dimensão	FTD	Moderna	Positivo	Scipione	Saraiva
Matemática	Casa Publicadora	Atica	FTD	Moderna	Scipione	Saraiva			

Fonte: Guia de Apresentação do PNLD 2011.

Sobre o Guia da disciplina História, ali contém resenhas de todos os livros didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011. O documento tem como finalidade auxiliar os professores da educação básica pública a escolherem os livros didáticos que serão utilizados em sala de aula. As resenhas são divididas em alguns tópicos. Inicialmente é apresentado o nome da coleção, com seu respectivo código, nome dos autores, mas sem informar quem são ou sua formação e finalmente editora responsável pelo livro. O próximo tópico se chama Visão Geral, e como o nome indica se pretende ali colocar algumas considerações gerais e básicas sobre a coleção; são abordados temas variados: se a coleção se utiliza de concepções marxistas para explicar a História, ou por exemplo, se existe preocupação com a questão da cidadania etc. No tópico de Organização da Coleção temos explicitados as divisões dos livros em capítulos ou unidades, temos também os assuntos abordados em cada volume. No tópico Análise da Coleção abordam-se questões, como: o livro traz História da África? Há preocupação com os povos indígenas? Aborda-se também a questão da metodologia da História. O tópico Em Sala de Aula traz orientações de como trabalhar com o livro em sala de aula.

Margarida de Oliveira e Itamar Freitas fizeram uma comparação interessante que pode nos ajudar a visualizar a dimensão entre mercado editorial do livro didático de História e o mercado voltado para os profissionais da mesma disciplina. Esses autores

[45] As informações apresentadas podem ser constatadas no Guia de apresentação 2011 do ensino fundamental. (p. 63-75).

trouxeram dados de vendas do livro *Domínios da História;* a comparação reside no fato de este livro ter sido lançado com aproximadamente 3000 exemplares em primeira edição, enquanto a coleção *História*, escrita por Jorge Ferreira, Georgina dos Santos e Ronaldo Vainfas,[46] vendeu 250000 exemplares para o terceiro ano do ensino médio apenas em 2012.

Nesta pesquisa entendi os livros didáticos aprovados pelo PNLD como mercadorias; esses materiais são vendidos e comprados em um mercado bilionário, as mais variadas editoras participam do processo de avaliação, elas enviam suas coleções e estas passarão por um processo de avaliação que chega até mesmo a envolver universidades públicas, algumas editoras podem até ter mais de uma coleção aprovada pelo Programa. Contudo, além de não ignorar o livro didático como mercadoria e como elemento que carrega sempre uma ideologia, também considerei o que foi posto por Kazumi Munakata, este autor trouxe um interessante elemento da "natureza" deste mercado de compra e venda de didáticos. Segundo ele, o livro didático embora seja uma mercadoria possui uma característica incomum: esta mercadoria não é do tipo que se coloca no mercado e se espera que o consumidor venha comprá-la (Munakata, 2012, p. 187-188). Como vimos, as editoras do mercado editorial do livro didático estão sempre ávidas por aprovarem seus livros no PNLD. Contudo, esses livros precisam de um tempo de preparação para serem produzidos. Podemos usar como exemplo os livros de História aprovados pelo PNLD 2011. Todos aqueles livros que constam ali tiveram sua primeira edição publicada em 2009. O Programa que cobriu os livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental anterior ao de 2011 ocorreu em 2008, ou seja, os livros do PNLD 2011 participaram do programa pela primeira vez. Contudo, acontece de algumas coleções serem aprovadas por mais de um Programa. Algumas coleções aprovadas pelo PNLD de 2011 voltaram a ser aprovadas pelo Programa de 2014.

Posto isto, iniciemos agora a análise das coleções. De começo é importante ressaltar que nas 15 obras que utilizamos como conjunto documental o tema da Revolta da Vacina é encontrado. Contudo, o nível de atenção dado ao tema ao longo das coleções variou. Na coleção *Navegando pela História*, por exemplo, o tema é brevemente mencionado, não necessitando de seção própria. Os autores, neste caso, despenderam poucas linhas ao tema. Por outro lado, houve coleção onde a Revolta da Vacina ocupou três páginas de didático, isto ocorreu na coleção *História Sociedade e Cidadania*.

[46] Lembro ao leitor que Vainfas também foi organizador, junto com Ciro Flamarion Cardoso, do livro *Domínios da História*.

Tabela 3. Nomes das coleções, capítulos e autores dos didáticos aprovados pelo PNLD 2011.

Nome da Coleção	Nome do Capítulo	Nome dos Autores
História 9º ano	Os conflitos sociais no início da República no Brasil	Leonel Itaussu A. Mello e Luís César Amad Costa
História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio	Brasil: a República das Oligarquias	Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota
História e Vida Integrada	Brasil: as oligarquias no poder	Nelson Piletti, Claudio Piletti e Thiago Tremonte
História em Documento	Brasil: que movimentos sociais abalaram as oligarquias?	Joelza Ester Rodrigues
História Sociedade e Cidadania	República Velha: resistência	Alfredo Boulos Júnior
História Temática	A República dos coronéis e do progresso	Cabrini, Catelli e Montellato
Navegando pela História	Como o Brasil se transformou em uma República	Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz
Novo História	República de fazendeiros	Ricardo Dreguer e Eliete Toledo
Para Entender a História	Lutas populares na Primeira República	Divalte Garcia Figueira e João Tristan Vargas
Para Viver Juntos	As cidades e as fábricas	Anderson Roberti dos Reis e Débora Yumi Motooka
Projeto Araribá	A República chega ao Brasil	Maria Raquel Apolinário org.
Projeto Radix	República: primeiras revoltas populares	Claúdio Vicentino
Saber e Fazer História	Brasil: revoltas na Primeira República	Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues
Tudo é História	Urbanização e higienismo no Brasil	Oldimar Pontes Cardoso
Vontade de Saber História	Os primeiros tempos da República no Brasil	Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg

Fonte: elaborado pelo autor.

Após leitura dos volumes 3 e 4 da coleção *Navegando pela História* encontrei apenas um excerto sobre a Revolta da Vacina no primeiro volume. Em boxe intitulado: "*ampliando seu conhecimento, presidentes da República Velha*" há o seguinte texto:

> Rodrigues Alves (1902-1906) – paulista; durante seu governo ocorreu o ciclo da borracha na região Norte do país; minimizou a queda nas exportações de café. Na capital federal, enfrentou a Revolta da Vacina, contra a política sanitária de Oswaldo Cruz, e as reformas urbanísticas do prefeito Pereira Passos (Panazzo e Vaz, 2009, p. 214).

Se considerarmos o excerto e principalmente, se considerarmos que esta foi possivelmente a única menção a Revolta de 1904 na coleção *Navegando pela História,* acredito que este dado só contribua para o argumento apresentado de que o tema foi, de fato, abordado brevemente. O tema da Revolta da Vacina, como veremos, se encontra canonizado nos livros didáticos do PNLD 2011. Nas outras 14 coleções o tema da Revolta recebe algum tipo de tratamento, seja em boxe ou texto principal. Não apenas isso, em todas as outras coleções se encontram presentes algum tipo de imagem que se relaciona com a Revolta da Vacina ou com o contexto do período. Na coleção em questão não encontrei esses elementos.

Um possível motivo para que isso tenha ocorrido pode ser buscado nas escolhas metodológicas que as autoras utilizaram. Após leitura do capítulo 14 do 8º ano, que trabalha com o tema da Primeira República (1889-1930), constatei que a narrativa privilegia ali os fatores políticos e econômicos. Em um conjunto amplo de acontecimentos e movimentos sociais ocorridos durante a Primeira República percebi que apenas dois movimentos sociais do período apareceram com alguma relevância: Canudos e Contestado. Busquei nos sumários dos livros do 8º e 9º ano da coleção *Navegando pela História* menções a capítulos que tratassem sobre a Primeira República. No livro do 8º ano, onde o excerto sobre a Revolta da Vacina aparece, existe apenas um capítulo sobre a Primeira República. O capítulo é de número 14 e se chama "*Como o Brasil se transformou em uma República*?". O capítulo é antecedido por um outro que se chama "*Como foi o Segundo Reinado no Brasil*?". Penso que a ordem dos capítulos pode ser entendida como evidência que o capítulo 14 do referido didático trabalhou pela primeira vez com o tema da Primeira República.

Por outro lado, quando observei o sumário do volume do 9º ano da mesma coleção percebi que o próximo capítulo a abordar o assunto Brasil se localizava no capítulo 8 e se chamava: "*Como ocorreu a crise das oligarquias*?". Imaginei que o tema da Revolta da Vacina poderia estar presente naquele capítulo, contudo o capítulo em questão estava localizado na unidade onde o assunto central era a "Era Vargas". Mesmo assim procurei no capítulo por alguma menção a Revolta da Vacina com finalidade de esgotar todas as possibilidades para que nenhuma injustiça fosse cometida.

Ao nos voltarmos para os 15 sumários das coleções analisadas neste capítulo me deparei com o seguinte dado: pelo menos em oito sumários o nome da Revolta da Vacina aparece, em seis não aparece e uma vez não consegui determinar. A análise dos sumários

não nos permite avaliar a importância do tema da Revolta da Vacina nos livros didáticos, porém nos ajuda a ter uma ideia de quão canônico e relevante o tema é, visto que o assunto é abordado nas 15 coleções e em oito sumários. Por outro lado, mesmo que não haja referência à Revolta da Vacina em alguns sumários isso não significa que nesses didáticos a Revolta apareceu pouco ou ocupou pouco espaço, pelo contrário. Temos o exemplo do livro *História, Sociedade e Cidadania* do 9º ano, neste didático não há qualquer menção a Revolta da Vacina em seu sumário, entretanto, o tema ocupou três páginas do livro. Penso, após análise, que o tema estar ou não no sumário representa muito mais uma questão de preferência dos autores e estilo do formato do sumário do que de importância dada ou não a um tema.

Talvez seja interessante nos indagarmos, nesta análise, sobre qual o tipo de capítulo onde a Revolta da Vacina está inserida? A pergunta é de difícil resposta e irei recorrer a vários elementos para respondê-la. O primeiro elemento que gostaria de abordar se trata da possibilidade de outros movimentos sociais aparecerem no mesmo capítulo onde encontramos a Revolta da Vacina. A ideia aqui não é analisar de forma profunda os outros movimentos sociais, apenas vislumbrar um pouco do contexto no qual a Revolta aparece nesses livros didáticos.

Após leitura cuidadosa dos capítulos onde a Revolta da Vacina aparece, constatei que existe a possibilidade da Revolta ser o movimento social que mais aparece nos didáticos quando limitamos o escopo para Primeira República. Como já foi afirmado, a Revolta de 1904 aparece nos 15 livros analisados, ou seja, em 100% do nosso conjunto documental. Contudo, outros movimentos aparecem diversas vezes nos referidos capítulos, por exemplo: a Revolta da Chibata aparece em 11 capítulos, Canudos e Contestado aparecem empatados, os dois 10 vezes. Não podemos afirmar que a Revolta da Vacina é o movimento social que mais aparece nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011, pois sabemos que há casos em que movimentos sociais, como Canudos e Contestado, tiveram suas aparições em outros capítulos onde a Revolta da Vacina não se encontrava. Existem pelo menos duas coleções onde isso ocorreu. Na coleção *Tudo é História*, do 8º ano, existe um capítulo intitulado: *O messianismo no Brasil*, que trata sobretudo de Canudos e Contestado. Outro exemplo será encontrado na coleção *História Temática*, do 8º ano; o capítulo em questão se chama *Canudos e Contestado: política, miséria e misticismo*.

Posto isto, é importante asseverar que Revolta da Vacina, Canudos, Contestado e Revolta da Chibata apareceram juntos no mesmo capítulo a maior parte do tempo, para ser mais preciso, pelo menos em 66% das vezes[47]. Contudo, esses não foram os únicos movimentos sociais a aparecerem nos capítulos agora em análise, tivemos menções ao Cangaço, a Juazeiro e a Greve Geral de 1917. Porém, estes movimentos apareceram em menor proporção nos capítulos dos didáticos.

Tabela 4. Nomes das coleções, capítulos e movimentos sociais presentes nos didáticos aprovados pelo PNLD 2011.

Nome da Coleção	**Nome do Capítulo**	**Outros Movimentos Sociais que aparecem no capítulo**
História 9º ano	Os conflitos sociais no início da República no Brasil	Chibata, Canudos, Contestado
História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio	Brasil: a República das Oligarquias	Chibata, Revolta do Forte de Copacabana, Prestes, movimentos grevistas, cangaço, Contestado e Canudos
História e Vida Integrada	Brasil: as oligarquias no poder	Chibata e Contestado
História em Documento	Brasil: que movimentos sociais abalaram as oligarquias?	Chibata e Juazeiro
História Sociedade e Cidadania	República Velha: resistência	Chibata, greve de 1917, cangaço, Contestado e Canudos
História Temática	A República dos coronéis e do progresso	Somente Revolta da Vacina
Navegando pela História	Como o Brasil se transformou em uma República	Canudos e Contestado
Novo História	República de fazendeiros	Chibata, Canudos e Contestado
Para Entender a História	Lutas populares na Primeira República	Chibata, movimento operário, cangaço, Contestado e Canudos
Para Viver Juntos	As cidades e as fábricas	Greve geral de 1917
Projeto Araribá	A República chega ao Brasil	Chibata, cangaço e Canudos
Projeto Radix	República: primeiras revoltas populares	Chibata, Canudos e Contestado
Saber e Fazer História	Brasil: revoltas na Primeira República	Chibata, cangaço, Contestado e Canudos
Tudo é História	Urbanização e higienismo no Brasil	Apenas Revolta da Vacina

[47] Chibata aparece em 11 capítulos, Canudos 10, Contestado 10.

Nome da Coleção	Nome do Capítulo	Outros Movimentos Sociais que aparecem no capítulo
Chibata, Canudos e Contestado	Chibata, Canudos e Contestado	Chibata, Canudos e Contestado

Fonte: elaborado pelo autor.

Voltar aos títulos dos capítulos deve nos ajudar a entender possíveis padrões existentes no conjunto documental. De início, coloco que por seis vezes algum tipo de palavra que indique resistência, movimento social ou revolta apareceu nos títulos dos capítulos. Este dado sozinho não nos permite concluir que o tema da Revolta da Vacina, em geral, é inserido dentro de um capítulo onde os movimentos sociais são privilegiados em termos de abordagem.

De fato, existem capítulos onde a tônica dada pelos autores foi a de colocar diversos movimentos sociais da Primeira República no mesmo capítulo enquanto abordaram outros aspectos do período, como os políticos e os econômicos, em outros capítulos. A título de exemplo, foi o que aconteceu na coleção *História Sociedade e Cidadania*. Ali, no livro do 9º ano, está presente no capítulo 5, intitulado *República Velha: resistências*, diversos movimentos sociais ao lado da Revolta da Vacina. O capítulo inteiro foi desenvolvido para abordar esses movimentos de resistência ocorridos entre 1889 e 1930.

Outra coleção que abordou da mesma forma *Para Entender a História*, livro do 9º ano. Aqui temos uma sucessão de movimentos sociais, Revolta da Vacina é um deles. O fato de os movimentos sociais serem agrupados em um capítulo pode levantar algumas questões. Observei que há dois estilos de capítulos onde os movimentos sociais da Primeira República foram agrupados[48]. No primeiro as revoltas aparecem agrupadas em conjunto, afinal foram os movimentos sociais que atingiram a Primeira República. Um segundo estilo de capítulo é em que essas revoltas e movimentos são colocados juntos, porém dentro de um contexto. Eles fazem parte de uma narrativa onde mais elementos de explicação sobre a Primeira República estão presentes. Vejamos um exemplo deste segundo tipo.

O melhor exemplo que se encaixa neste segundo tipo talvez esteja na coleção *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, 9º ano. Neste livro as autoras inseriram os movimentos sociais da Primeira República juntos aos variados aspectos políticos e

[48] A separação é grosseira e esquemática, mas serve a explicação.

econômicos que tiveram lugar naquele período. Portanto, a diferença reside justamente neste ponto. Como vimos, no primeiro tipo o capítulo serve a função principal de apresentar os movimentos sociais aos alunos; enquanto no segundo tipo os autores inserem os movimentos dentro do contexto explicativo dos acontecimentos da Primeira República. Em geral, estes dois tipos dominaram as 15 coleções de História aprovadas pelo PNLD 2011. Contudo, isto não significa que não houve exceção. Na coleção *Tudo é História*, livro do 8º ano, por exemplo, existe um capítulo[49] onde a Revolta da Vacina é o único movimento social a figurar. Identifiquei que há um motivo para que a Revolta de 1904 apareça sozinha. O autor desta última coleção optou por colocar a Revolta da Vacina em um capítulo dedicado as reformas, urbana e sanitária, pelas quais a cidade carioca passava naquele início do século XX.

Após leitura do conjunto documental podemos traçar alguns caminhos sobre por qual razão os movimentos sociais aparecem juntos, separados ou mesmo não aparecem nos capítulos que tratam sobre Primeira República. Como foi posto anteriormente alguns movimentos sociais da Primeira República aparecem juntos em pelo menos dois terços das vezes. Isso demonstra que, em geral, os autores dos didáticos optaram por trazer para o seio da narrativa sobre o período estudado elementos sociais.

De início, é interessante percebermos que os referidos didáticos executaram certos caminhos ou métodos quando trabalharam com o tema da Primeira República. Com isso quero indicar que os autores fizeram escolhas e essas escolhas talvez possam ser entendidas. Por exemplo, na coleção *Tudo é História*, do 8º ano, seu autor escolheu dividir os assuntos e o período da Primeira República em diversos capítulos. Se incluirmos o capítulo que trata da Proclamação da República nos depararemos com um total de sete capítulos[50] que tiveram como alvo o período da Primeira República, compreendido entre 1889 e 1930. Em um livro, como é o caso deste último volume, com um total de 24 capítulos termos sete sobre a Primeira República, é o mesmo que afirmar que o tema ocupou mais de 25% do referido didático.

Contudo, o ocorrido na coleção *Tudo é História* deve ser tratado como exceção, visto que a maior parte dos didáticos dedica até quatro capítulos para tratar sobre o tema

[49] Capítulo 20: Urbanização e higienismo no Brasil.
[50] Capítulo 15: A Proclamação da República brasileira; capítulo 16: O primeiro governo miligar; capítulo 17: Brasil: o governo dos cafeicultores; capítulo 18: O messianismo no Brasil; capítulo 19: *A Belle Époque*; capítulo 20: Urbanização e higienismo no Brasil; capítulo 24: Movimento operário, Tenentismo e Modernismo no Brasil.

da Primeira República. Ocorre na maior parte do tempo de o referido tema entrar em um ou dois capítulos no máximo.

Tabela 5. Nomes das coleções e quantidade de capítulos sobre Primeira República.

Nome da Coleção	Quantos capítulos existem sobre a Primeira República no livro onde a Revolta da Vacina aparece?
História 9º ano	2
História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio	1
História e Vida Integrada	1
História em Documento	3
História Sociedade e Cidadania	2
História Temática	Não pude identificar
Navegando pela História	1
Novo História	1
Para Entender a História	4
Para Viver Juntos	2
Projeto Araribá	1
Projeto Radix	3
Saber e Fazer História	3
Tudo é História	7
Vontade de Saber História	2

Fonte: elaborado pelo autor.

Outro elemento que podemos utilizar para situar o contexto da Revolta da Vacina neste universo de didáticos aprovados pelo PNLD 2011 é os títulos que os autores deram aos capítulos que trabalharam com a Revolta de 1904. O objetivo não é analisar cada título, mas procurar por possíveis padrões e conexões que existam no conjunto dos capítulos que trabalharam a Revolta da Vacina. Outro ponto que é necessário deixar claro para o leitor: apenas analisei os títulos dos capítulos onde a Revolta de 1904 aparece, em geral, como acabamos de ver, existe mais de um capítulo sobre Primeira República.

Como talvez fosse de se esperar, a palavra que mais aparece nos títulos dos capítulos é república[51]. Afinal, como sabemos a Revolta da Vacina ocorrida em 1904 está dentro do espaço temporal que nós historiadores entendemos como Primeira República (1889-1930). Contudo, este não é o único nome que nos utilizamos para nos referirmos a esse período histórico, os autores dos livros didáticos do PNLD 2011 se utilizaram, por exemplo, de diversas nomenclaturas; sobre esse aspecto notamos que existe uma

[51] Ao todo foram 11 vezes que o nome República aparece nos títulos.

variedade de adjetivos nos títulos dos capítulos que acompanham o substantivo república. Alguns exemplos: República das oligarquias; República Velha; República dos coronéis e do progresso; República de fazendeiros e finalmente Primeira República[52]. Se excluirmos esse último exemplo notaremos que todos os outros se referem a um determinado aspecto político do período histórico que se localiza entre 1889 e 1930. O aspecto em questão se trata do controle político que a sociedade brasileira passava por grupos políticos, denominados como oligarcas, coronéis, fazendeiros, sinalizando a existência de um regime político restritivo.

Por outro lado, é inegável que os títulos dos capítulos em questão abordaram aspectos sociais. Temos títulos como: *Os conflitos sociais no início da República*; *Brasil: que movimentos sociais abalaram as oligarquias? Lutas populares na Primeira República; República: primeiras revoltas populares*. Por meio dos títulos e da leitura dos livros podemos depreender que o foco desses últimos capítulos foi, de fato, os movimentos sociais ocorridos na Primeira República.

Ainda nesta esteira de títulos, notamos que há dois títulos que parecem não se encaixar em um padrão, caso levemos em consideração os 15 títulos mencionados. O primeiro é *As cidades e as fábricas*[53] e o outro é *Urbanização e higienismo no Brasil*[54]. Não quero que o leitor entenda mal sobre essa questão, não estou a afirmar que exista um padrão que deva ser seguido e respeitado, contudo, no conjunto dos 15 títulos de capítulos, esses dois aparentam ser um ponto "fora da curva". Demonstrar isto não é difícil. Primeiro, como já foi colocado o termo república aparece ao todo 11 vezes, se considerarmos o termo oligarquia sendo sinônimo de república, então poderíamos subir o número de vezes para 13, ou seja, dos 15 títulos apenas dois não mencionam nem oligarquia nem república e são exatamente os títulos que entendi como "fora da curva".

Entender o termo oligarquia como sinônimo de República foi uma escolha metodológica desempenhada nesta pesquisa; e uma que deve ser explicada. Sabemos que grupos políticos, dentre os quais, de Minas Gerais e São Paulo, exerceram forte pressão sobre os rumos da política nacional durante aquele período; e esses grupos eram chamados por nomes. Nos títulos dos didáticos que agora abordamos as nomenclaturas

[52] Primeira República aparece duas vezes.
[53] Este título se encontra presente no livro *Para Viver Juntos* do 8º ano do ensino fundamental. Autores: Anderson dos Reis e Débora Motooka.
[54] Título presente no livro Tudo é História do 8º ano do ensino fundamental. Autor: Oldimar Cardoso.

usadas são: coronéis, fazendeiros e oligarquias. A palavra oligarquia aparece três vezes. Em um dos títulos fica bem claro que a República é das oligarquias; em um segundo título as oligarquias estão no poder, ou seja, controlam os rumos da República; em um terceiro os autores perguntam quais movimentos abalaram as oligarquias? Perguntar isto não seria o mesmo que perguntar quais movimentos sociais abalaram a Primeira República? Após a leitura dos 15 capítulos onde a Revolta da Vacina aparece, constatei que o termo oligarquias é mencionado em pelo menos 11 desses capítulos.

Outro aspecto interessante que nos ajudará a entender o contexto da Revolta da Vacina nos didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011 se trata do formato que este movimento social assumiu dentro de cada capítulo. Como formato quero indicar que considerei que este conteúdo poderia adentrar nos capítulos como texto principal ou como boxe, por vezes até nos dois formatos ao mesmo tempo. Após leitura de todos os 15 capítulos constatei que na maioria das vezes[55] o tema da Revolta de 1904 aparece no texto principal, ou seja, o boxe é preterido, em geral. A frequência que o nosso tema em análise aparece no corpo do texto principal ou em boxe pode nos ajudar a entender a relevância que os autores do didáticos deram para a Revolta de novembro de 1904 no contexto do PNLD 2011.

Sobre esta questão de formato, podemos analisar alguns pontos interessantes atrás de respostas. Algumas perguntas permearão esta investigação: será que há diferenças profundas quando o assunto aparece em boxe ou quando aparece no texto principal? Há algum motivo para que um tema tão canônico apareça em boxe e não no texto principal? É importante deixar claro que as possíveis conclusões que chegarei se aplicam somente ao estudo dessas 15 coleções, visto que não pretendo aqui expor verdades absolutas que sirvam para todas as pesquisas e pesquisadores. Outro fator que contribui para que as conclusões se limitem apenas ao conjunto documental alvo desta pesquisa se trata do número reduzido de vezes que a Revolta aparece no formato boxe.

De início abordarei o livro *Vontade de Saber História* do 9º ano. Ali encontraremos o tema da Revolta da Vacina pressente em um boxe (p. 53) e apenas neste formato. O texto do boxe é curto e pode ser resumido em algumas palavras. Ali é colocado ação do médico Oswaldo Cruz durante o combate das epidemias, não somente de varíola.

[55] 13 vezes para ser preciso, em uma dessas vezes a Revolta aparece tanto em texto principal quanto em boxe; 1 vez somente em boxe e 1 vez é o caso do livro didático onde a Revolta da Vacina é apenas mencionada quando aborda o governo de Rodrigues Alves.

Também é posto a questão da dúvida que a população mantinha em relação a vacina contra a varíola. Por último é mencionado o descontentamento da população com as ações autoritárias do governo. Ao lado do texto e dentro do boxe está presente uma imagem; é uma das capas da *Revista da Semana*. Como pode ser visto na imagem, há um personagem em pé na parte direita com uma lanceta em uma das mãos e na outra uma corrente com bola de ferro; do lado esquerdo aparece um homem ajoelhado implorando por algo. Pelo que consegui depreender o homem que está de pé com a lanceta em mão representaria o congresso e o da esquerda o povo.

Entendo que o boxe em análise tentou resumir ao máximo os acontecimentos de novembro de 1904. Nesta tentativa muitos "detalhes" ficaram de fora da narrativa[56]. Contudo, ao observarmos como o capítulo se estruturou podemos perceber uma certa motivação para o tema da Revolta ter entrado em um boxe. O terceiro capítulo que se chama *Os primeiros tempos da República no Brasil* se encontra dividido em alguns tópicos: A República Velha; A Proclamação da República; As oligarquias assumem o poder; A grande Imigração; As cidades brasileiras no início do século XX; As reformas no Rio de Janeiro; O cotidiano dos afro-brasileiros; Revoltas populares.

Dois tópicos do referido capítulo chamam a atenção: As Reformas no Rio de Janeiro e Revoltas populares. Os autores do didático decidiram colocar o tema da Revolta no primeiro tópico, enquanto no segundo é abordado apenas Canudos e Contestado no texto principal e Revolta da Chibata em boxe. Sobre a decisão de inserir a Revolta da Vacina dentro do tópico de reforma urbana, é uma escolha que traz em si uma determinada lógica, visto que autores como Nicolau Sevcenko e José Murilo de Carvalho deram importância a essas modificações urbanísticas pelas quais passou a cidade carioca durante o período. Por outro lado, no tópico de Revoltas populares está presente um boxe sobre a Revolta da Chibata. Esse fato só corrobora para entendermos que foi de fato uma escolha deliberada inserir o tema da Revolta da Vacina dentro do tema da reforma urbana.

Na coleção *História Temática* do 8º ano do ensino fundamental o tema da Revolta aparece tanto em boxe quanto em texto principal. Contudo, nesta coleção o boxe não é utilizado para complementar as informações sobre o tema e sim para propor uma atividade; o seu título é: Trabalhando com Documentos. Ali o aluno ou a aluna devem

[56] Não seria justo compararmos os elementos que estão de fora dessa historiografia escolar com a historiografia acadêmica. Por esta razão me limitei a comparar o boxe com os outros textos dos livros didáticos do PNLD 2011.

responder quatro perguntas que relacionam Revolta da Vacina e Revolta de 1924. Para responder a essas questões os alunos contam com quatro documentos presentes no boxe; um deles é uma imagem muito utilizadas nos didáticos[57]. A seguinte pergunta é feita sobre Revolta da Vacina: "O que se pode entender sobre a Revolta da Vacina com base no desenho satírico elaborado em 1904?". Vale mencionar que a referida imagem é anterior aos conflitos de novembro de 1904.

Podemos buscar outra forma de perceber a importância que os autores deram para o tema quando investigamos a quantidade de páginas dedicadas ao assunto. O tema acabou por merecer entre uma e três páginas por capítulo nos 15 livros. Penso que talvez um dos melhores métodos para constatarmos a importância que a Revolta da Vacina teve nos didáticos seja compararmos com os outros movimentos sociais presentes nesses mesmos livros.

Vale aproveitar a oportunidade para apontar que os capítulos em análise, de forma geral, utilizaram bastante imagens. Com isso, desejo apontar que os capítulos são formados, principalmente, desses dois elementos: escrita e imagens.

Ao todo foram identificadas 32 imagens. Algumas delas, como poderíamos supor, se repetem em mais de um livro didático. É o caso da charge de Leônidas, esta imagem aparece em cinco livros didáticos, sendo, portanto, a imagem que mais apareceu no conjunto dos 15 capítulos[58]. Vale a pena mencionar que muitas dessas imagens não foram encontradas nos livros da historiografia acadêmica que abordamos no capítulo 1. Talvez pela "natureza" dos livros didáticos ou por outros motivos que merecem uma investigação mais detalhada encontramos uma gama diversa de imagens, mas as imagens em questão geralmente são utilizadas apenas como ilustrações.

A charge de Leônidas, publicada na revista *O Malho* em outubro de 1904, pode ser entendida quase como uma "profecia", visto que o desenho em análise traz elementos que de fato se concretizaram no mês seguinte. Gostaria apenas de tecer comentário a respeito de dois desses elementos. Antes é necessário deixar claro que a charge vem junto com uma legenda[59]. O primeiro deles é a dimensão do conflito urbano, na imagem, ao

[57] A imagem é uma charge publicada na *Revista da Semana* em 1904, tem como autoria Leonidas.
[58] Refiro-me aqui apenas a imagens referentes a Revolta da Vacina.
[59] A imagem vem com a seguinte legenda: "Espetáculo para breve nas ruas dessa cidade: Oswaldo Cruz, o Napoleão da seringa e da lanceta, à frente das duas forças obrigatórias, será recebido e manifestado com denodo pela população. O interessante dos combates deixará a perder de vista o das batalhas de [ilegível]

que parece, há uma descrição dos acontecimentos. De um lado aparece Oswaldo Cruz tomando a liderança a fim de implantar a vacinação obrigatória, do outro uma população enraivecida com as medidas. Outro elemento se trata da menção, na legenda, da guerra russo-japonesa. Penso que este elemento tem um grande caráter simbólico. Sendo a charge anterior aos dias de Revolta perceberemos alguns elementos que terminaram por se relacionar com a Revolta no mês seguinte. Um deles é o bairro da Saúde, como sabemos esse lugar foi chamado pelos contemporâneos da Revolta da Vacina de Porto Arthur, uma referência aos acontecimentos da guerra russo-japonesa.

De forma bem grosseira e esquemática poderíamos dividir essas referidas imagens em três grupos distintos. 1. Conflito social; 2. Reforma urbana e 3. Reforma sanitária. Existe nos didáticos, por exemplo, diversas imagens de demolições ocorridas na cidade carioca durante o período. Obviamente esse conjunto de imagens pertenceria ao grupo das reformas urbanas. Por outro lado, temos algumas imagens de bondes virados, outra mostra um bonde sendo usado como barricada pela população carioca. Na mesma esteira de imagens aparece a já referida charge de Leônidas onde temos uma representação da população furiosa lutando contra os agentes da Saúde Pública. Acredito que neste conjunto poderíamos colocar o grupo do conflito social. Por fim, temos imagens de homens uniformizados, todos eles representando agentes da Saúde Pública, o primeiro deles aparece matando mosquitos, o segundo caçando um rato e o terceiro montado no que acredito ser uma injeção. Penso que esse conjunto facilmente poderia ser encaixado no grupo de reforma sanitária.

Outro aspecto que gostaria de levantar neste capítulo é sobre os sujeitos ou personagens apresentados nos livros em análise. Talvez contar uma história da Revolta da Vacina que não mencione os aspectos políticos seria o mesmo que narrar uma história incompleta; embora acredite que o trabalho de qualquer historiador sempre será uma história incompleta. Sobre esse aspecto os livros didáticos não deixaram de mencionar, aqui e ali, esses personagens. Mas quem são? Podemos resumir a resposta em quatro protagonistas: Oswaldo Cruz, Rodrigues Alves e Pereira Passos. Cruz, como sabemos era diretor da Saúde Pública, havia sido escolhido pelo presidente para controlar as epidemias. Passos fora o prefeito, este também escolhido pelo presidente para cuidar das obras públicas; Alves foi o presidente eleito em 1902. A título de quantificação e

---

e o da guerra russo-japonesa. E veremos no fim da festa quem será o vacinador à força. Imagem e sua respectiva legenda se encontram em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=leonidas

exposição notei que o personagem Oswaldo Cruz é um dos que mais aparece no conjunto dos capítulos, ao todo foi mencionado em 13 dos 15 capítulos; Rodrigues Alves acaba por aparecer em 10 dos 15 capítulos; por último, aparecendo bem menos, temos o engenheiro Pereira Passos: sete de 15 capítulos. Como quarto e último protagonista desta pergunta encontramos uma abstração que os didáticos usam, refiro-me à população. Menções a população carioca foram realizadas em 13 dos 15 livros. Nos livros didáticos os autores optaram por determinados nomes como: povo, população, trabalhadores etc.

Tabela 6. Nomes das coleções, capítulos e personagens/protagonistas.

Nome da Coleção	**Nome do Capítulo**	**Personagens/protagonistas**
História 9º ano	Os conflitos sociais no início da República no Brasil	Rodrigues Alves, Pereira Passos e população
História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio	Brasil: a República das Oligarquias	Oswaldo Cruz, Pereira Passos e população.
História e Vida Integrada	Brasil: as oligarquias no poder	Rodrigues Alves e Oswaldo Cruz e população
História em Documento	Brasil: que movimentos sociais abalaram as oligarquias?	Oswaldo Cruz, Pereira Passos, Rodrigues Alves e população.
História Sociedade e Cidadania	República Velha: resistência	Oswaldo Cruz, Rodrigues Alves, Pereira Passos e população
História Temática	A República dos coronéis e do progresso	Oswaldo Cruz e Rodrigues Alves e população
Navegando pela História	Como o Brasil se transformou em uma República	Rodrigues Alves, Pereira Passos e Oswaldo Cruz
Novo História	República de fazendeiros	Apenas abstrações, como governantes, trabalhadores e autoridades
Para Entender a História	Lutas populares na Primeira República	Oswaldo Cruz e população
Para Viver Juntos	As cidades e as fábricas	Rodrigues Alves, Oswaldo Cruz e população
Projeto Araribá	A República chega ao Brasil	Oswaldo Cruz e população
Projeto Radix	República: primeiras revoltas populares	Oswaldo Cruz, Pereira Passos, Rodrigues Alves e população
Saber e Fazer História	Brasil: revoltas na Primeira República	Rodrigues Alves, Pereira Passos, Oswaldo Cruz e população
Tudo é História	Urbanização e higienismo no Brasil	Oswaldo Cruz, Pereira Passos e população
Vontade de Saber História	Os primeiros tempos da República no Brasil	Oswaldo Cruz e população

Fonte: elaborado pelo autor.

Seria exaustivo abordar como cada coleção operou com esses protagonistas. Contudo, existe uma coleção, *Novo História*[60], onde o livro didático criou abstrações para todos os personagens, o que é raro. O volume em questão preferiu trabalhar com "governantes", "trabalhadores" e "autoridades". Sobre o quarto protagonista, o livro em questão se utilizou de alguns nomes, tais como: operários, trabalhadores e manifestantes. Embora existam poucos parágrafos dedicados ao tema da Revolta da Vacina na coleção, ficou claro que os autores optaram por ver a população carioca a partir de uma determinada chave interpretativa que foi a de trabalhadores, ao menos quatro vezes o termo é utilizado para se referir à população carioca. Outros três termos utilizados para se referir a esses quarto protagonistas foram: manifestantes, operários e pobres.

Só poderíamos constatar a raridade do termo trabalhadores para se referir aos manifestantes da Revolta da Vacina quando analisamos as outras coleções para termos uma ideia de comparação. Após leitura de todos os 15 capítulos constatei que apenas mais uma coleção usa o termo trabalhadores para se referir aos manifestantes da Revolta de 1904, trata-se da coleção *História e Vida Integrada*[61], do 9º ano. Contudo, embora o termo seja o mesmo o uso é diferente. Na coleção *Novo História* os trabalhadores são a população. A forma que os autores utilizam o termo generaliza toda a população como sendo trabalhadora. É a "invasão das casas dos trabalhadores" (p. 76); "os trabalhadores resistiam à invasão" (p. 77). O termo trabalhadores aparece duas vezes na coleção *História e Vida Integrada*. Observemos a citação: "Ao mesmo tempo, os trabalhadores que residiam em regiões centrais eram obrigados a se transferir para bairros distantes. Ao dispersar os trabalhadores, essa política contribuía para enfraquecer os movimentos sociais" (p. 61). É perceptível que os autores se utilizaram do termo trabalhadores para se referirem a um grupo seleto de cidadãos: trabalhadores que moravam no centro da cidade. Na primeira parte da frase eles nem sequer são vistos como manifestantes da Revolta da Vacina. Enquanto na coleção *Novo História* os trabalhadores são ao mesmo tempo a população, cidadãos, operários, manifestantes etc.

Por mais que pudéssemos argumentar ou discutir sobre o sentido que os autores dessas últimas coleções de didáticos quiseram dar para seus textos, aproveito para lembrar o que bem colocou Roger Chartier.[62] Este autor entendeu, e aqui concordo com ele, que

[60] Novo História, 9º ano. Autores: Ricardo Freguer e Eliete Toledo.
[61] História e Vida Integrada, 9º ano. Autores: Nelson Piletti, Claudio Piletti e Thiago Tremonte.
[62] Chartier, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: Hunt, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

não pode existir uma ditadura entre os que os autores escrevem e o que o leitor entende. O autor sempre desejará dar um sentido para o seu texto enquanto o leitor sempre terá a liberdade de interpretar aquilo que lê. (Chartier, 1992, p. 211-238).

Um último elemento sobre a população que merece ser mencionado é a forma invariável que os livros didáticos tratam esse personagem no que diz respeito a sua agência. Para ser mais específico, em todos os didáticos se encontra presente um padrão narrativo onde a população sempre reage. A população carioca reagiu a muitos elementos nos livros didático, a lista seria extensa, porém vejamos alguns: ao "Bota-abaixo" (Mello e Costa, 2009, p. 62); a "maneira autoritária de o governo combater as doenças" (Braick e Mota, 2009, p. 39); a decretação da "vacina obrigatória para combater a varíola" (Piletti, Piletti e Tremonte, 2009, p. 61); A "aprovação da lei..." (Rodrigues, 2009, p. 32) que estabelecia a obrigatoriedade da vacinação; ao "autoritarismo e ao descaso das autoridades" (Boulos Júnior, 2009, p. 72).

Podemos agora abordar os outros três protagonistas desta história – Pereira Passos, Rodrigues Alves e Oswaldo Cruz. É importante esclarecer que trabalhar com esses quatro protagonistas/personagens foi uma escolha. A escolha é esquemática e simplista. Poderíamos facilmente aumentar esta lista com outros personagens, tais como: a polícia, os jornais, a Liga contra Vacina Obrigatória e o governo.

Oswaldo Cruz é um dos personagens que mais apareceu nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011 quando limitamos o escopo para a Revolta da Vacina. Mais interessante do que analisar como este personagem aparece em cada livro penso ser produtivo investigar por quais motivos Cruz não aparece em dois livros didáticos.

O primeiro lugar onde notei a ausência de Oswaldo Cruz foi na coleção *Novo História*, livro do 9º ano. O motivo para isto já foi abordado e não há razões para sermos repetitivos; esta coleção optou por trabalhar sempre com abstrações dos personagens, então no referido livro as ações de Pereira Passos, Oswaldo Cruz e Rodrigues Alves foram resumidas as ações dos "governantes" (p. 76), das "autoridades" (p. 76), dos "soldados da polícia" (p. 77) etc.

Na coleção *História*, livro do 9º ano, existe a total ausência do personagem Oswaldo Cruz. Este fato pode significar motivo de estranhamento[63], visto como os

[63] Lembro ao leitor que Oswaldo Cruz é mencionado em 13 das 15 coleções.

autores desta coleção abordaram a Revolta da Vacina. Ali todos os outros três personagens aparecem e têm seus nomes inscritos no corpo do texto. Mesmo os autores tendo se referido às doenças que assolavam o Rio de Janeiro durante o período como varíola, febre amarela, tuberculose etc., não há menção a Oswaldo Cruz; outro personagem toma protagonismo pelas ações relacionadas a Saúde Pública, este foi Pereira Passos. Segundo os autores: "Também na saúde pública, o prefeito agiu atabalhoadamente. Ele conseguiu que o próprio presidente Rodrigues Alves publicasse um decreto tornando obrigatória a vacina contra a varíola. Grupos de sanitaristas invadiam as casas aplicando o medicamento" (p. 62). A citação direta é válida por pelo menos dois motivos. O primeiro deles: os autores creditaram a Passos a publicação do decreto que tornava a vacinação contra a varíola obrigatória. Em outra coleção, *Para entender a História*, outros autores escreveram: "Para combate-la, Osvaldo Cruz conseguiu que o Congresso Nacional aprovasse uma lei tornando obrigatória a vacinação" (Figueira e Vargas, 2009, p. 60). Já na coleção *Projeto Araribá*, livro do 9º ano, os autores escreveram: "A luta mais difícil de Oswaldo Cruz foi combater a varíola. Firme no seu programa de saneamento, ele convenceu o congresso a aprovar, em outubro de 1904, o projeto que estabelecia a vacinação obrigatória contra a doença." (Apolinário org., 2009, p. 61). Como já foi pontuado, Oswaldo Cruz participou de reunião com o ministro da Justiça onde se discutiu o regulamento de vacinação obrigatória. O segundo: os autores mencionam grupos sanitaristas, sabemos que a brigada mata-mosquitos foi uma criação do próprio Oswaldo Cruz, mesmo assim este personagem não apareceu no texto.

Resta saber como Pereira Passos e Rodrigues Alves aparecem nessa historiografia escolar. É válido pontuar de início que Passos e Cruz tendem a ser os maiores protagonistas dentro do universo das 15 coleções. Haverá casos de coleções onde o protagonismo estará simultaneamente com Oswaldo Cruz, pois os autores dos didáticos viram na campanha sanitária e principalmente na vacinação obrigatória os motivos principais para a população carioca se revoltar, quanto com Pereira Passos, pois deram peso a questão urbanística e viram nas desapropriações para as obras públicas bons motivos para a população da cidade carioca se revoltar. Posto isto, notei que há pelo menos três possibilidades utilizadas pelos autores. Primeiro: Oswaldo Cruz é o maior protagonista e Passos nem sequer é mencionado; segundo: Pereira Passos é o maior protagonista e Cruz não é mencionado; terceiro: Cruz e Passos são protagonistas

simultaneamente. Revelo ao leitor que este último caso é o mais comum de ocorrer nas 15 coleções.

Vejamos alguns exemplos dessas três possibilidades. Encontraremos um exemplo onde Cruz e Passos aparecem como protagonistas simultaneamente na coleção *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, livro do 9º ano. Neste didático os autores pontuaram tanto as questões de reforma urbana, como as desapropriações, quanto a questão da vacinação contra a varíola (Braick e Mota, 2009, p. 39).

Já na coleção *História Temática*, observei que Oswaldo Cruz é o maior protagonista, embora os autores citem a questão das moradias precárias, o que parece interessar ali é a questão do combate às epidemias e principalmente a vacinação obrigatória. Pereira Passos não é mencionado. (Cabrini, Catelli e Montellato, 2009, p. 226).

Na coleção *História* é mencionado tanto a questão da reforma urbana quanto da vacinação, contudo nem sequer Oswaldo Cruz é mencionado nesta obra. Neste caso Pereira Passos desempenhou maior protagonismo, visto que para os autores este personagem conseguiu até que "o presidente Rodrigues Alves publicasse um decreto tornando obrigatória a vacina contra a varíola" (Mello e Costa, 2009, p. 62).

Sobre o presidente Rodrigues Alves (1902-1906), ele aparece nesta literatura escolar de algumas formas. Este não foi um personagem que teve muito desenvolvimento nos livros didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011 caso comparemos com Oswaldo Cruz e Pereira Passos. Em algumas coleções Alves aparece como um personagem que distribui poderes ou delega responsabilidades para Oswaldo Cruz e para Pereira Passos, enquanto em outras ele apenas é mencionado, quase como se servisse de marco temporal e os autores dos didáticos quisessem indicar que a Revolta da Vacina se passou durante o seu governo. Em outras coleções, onde o presidente não foi mencionado, sua figura poderia ser trocada por termos genéricos, tais como governo ou governantes. Em raros casos ele aparece como um personagem principal. Por exemplo, na coleção *Saber e Fazer História*, livro do 9º ano, os autores escreveram: "Rodrigues Alves decidiu realizar as chamadas obras de modernização da cidade, comandadas pelo prefeito Pereira Passos" (Cotrim e Rodrigues, 2009, p. 81).

Um paralelo ou linha de raciocínio interessante que podemos abordar está na relação entre os personagens mencionados pelos didáticos e as imagens que os respectivos

livros se utilizaram. No conjunto das mais de 30 imagens presentes nas coleções temos a figura de Oswaldo Cruz aparecendo em pelo menos seis livros didáticos diferentes. Ou seja, foi o personagem que mais foi referenciado, tanto no corpo do texto em forma escrita quanto em imagem.

Ainda nos referindo a nomes, é valido apontar com qual nome a Revolta da Vacina é introduzida nos livros didáticos. A maior parte das vezes a Revolta é apresentada como Revolta da Vacina, o que muda são alguns detalhes. Por exemplo, em alguns livros o movimento social em análise aparece com o nome: Revolta da Vacina (1904), as vezes simplesmente Revolta da Vacina, outras A Revolta da Vacina. Dois casos fugiram deste padrão. O primeiro deles será encontrado no livro *Para Entender a História*, do 9º ano do ensino fundamental. Ali temos o título: A Revolta da Vacina, em seguida vem o seguinte subtítulo: A agulha da discórdia. Outro exemplo incomum pode ser encontrado na coleção *Projeto Araribá*, livro do 9º ano, ali o título é: "A reação popular: a Revolta da Vacina".

Um outro ponto que merece atenção é o das causas, motivos ou teses que os livros didáticos deram para o início da Revolta da Vacina. Podemos afirmar que existe uma certa variedade de causas que os autores deram para o início dos conflitos. Identifiquei, após leitura cuidadosa, ao menos seis causas dadas pelos livros didáticos. É importante deixar explícito que as três teses principais desenvolvidas no capítulo 1 e presentes nos livros de Sevcenko, Carvalho e Chalhoub se "misturam" as causas que os didáticos deram para a Revolta da Vacina. Por este motivo, penso ser importante explicar a metodologia que utilizei para analisar. Um trecho presente na coleção *História*, livro do 9º ano, pode ajudar na explicação:

> A população pobre da cidade, que já estava irritada com as atitudes de "Bota-abaixo", passou também a suspeitar dos efeitos da vacina, pondo em dúvida até mesmo as intenções do governo. Tratado com absoluto desrespeito e carregando outras frustações mais profundas em relação às más condições de vida, o povo reagiu violentamente (Mello e Costa, 2009, p. 62).

A referida citação não coloca explicitamente que as causas da Revolta da Vacina foram a reforma urbana e a vacinação obrigatória, contudo, pela "natureza" concisa dos livros didáticos depreendi que esses elementos levaram a população carioca a se revoltar,

portanto, foram entendidas como causas. Por outro lado, o desrespeito com a população e sua frustração também não poderiam ser entendidas como causas? A resposta: sim. Contudo, não foi minha intenção esgotar o tema das causas. Neste caso a metodologia usada privilegiou os elementos mais concretos da narrativa, desrespeitos e frustrações me parecem elementos muito abstratos e pouco abordados no restante do conjunto documental.

Outro exemplo se encontra na coleção *História e Vida Integrada*, livro do 9º ano. Ali os autores escreveram: "A população, entretanto, reagiu indignada à medida; muitas pessoas consideravam falta de respeito obrigar as mulheres a descobrir o braço para serem vacinadas" (Piletti, Piletti e Tremonte, 2009, p.61-62). Mais uma vez, os autores não precisaram pontuar que se basearam na tese moral de Jose Murilo de Carvalho, contudo, a tese de Carvalho afirma que a população se revoltou por conta do elemento moral que existia entre os agentes vacinadores e as mulheres e crianças que seriam obrigadas a se vacinarem assim como mostrarem parte do corpo para a aplicação da vacina. Por estes motivos, entendi que esta coleção utilizou da tese de Carvalho como fator explicativo da Revolta de novembro de 1904.

A causa que mais apareceu, como poderíamos imaginar, foi a questão da reforma urbana. Este foi um elemento quase inescapável dentro dos fatores explicativos da Revolta da Vacina. Encontrei apenas um livro didático que não abordou nenhum elemento da reforma urbana dentro do tema da Revolta, contudo, neste referido livro os autores tiveram um tópico, anterior ao da Revolta, que abordou aspectos da reforma urbana[64]. Outra causa que apareceu com certa frequência foi a questão moral. Ao menos quatro livros contemplaram este aspecto. Outra causa que aparece, desta vez em apenas dois didáticos, consiste na questão da religiosa dos afrodescendentes.

Tabela 7. Nomes das coleções e presença das três principais teses nos didáticos.

Nome da Coleção	Tese moral	Tese urbanística	Tese da cultura afrodescendente
História 9º ano		X	
História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio		X	
História e Vida Integrada	X	X	
História em Documento		X	

[64] Refiro-me à coleção Novo História, livro do 9º ano. Autores: Ricardo Dreguer e Eliete Toledo.

História Sociedade e Cidadania		X	
História Temática		X	
Navegando pela História		X	
Novo História		X	
Para Entender a História	X	X	X
Para Viver Juntos		X	
Projeto Araribá		X	
Projeto Radix		X	
Saber e Fazer História	X	X	
Tudo é História	X	X	X
Vontade de Saber História		X	

Fonte: elaborado pelo autor.

Sobre a questão religiosa, gostaria de abrir uma discussão que considero muito relevante para os propósitos desta pesquisa. A coleção *Para Entender a História*[65], livro do 9º ano, trabalhou com este assunto e traz um aspecto raro que só encontrei em duas das 15 coleções de livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011. A referida coleção traz a tese proposta por Sidney Chalhoub em seu livro *Cidade Febril*. Como abordado no capítulo 1, o autor discute a questão da religião e cultura afrodescendente como fatores motivadores da Revolta da Vacina em novembro de 1904. O didático *Para Entender a História* aborda essa discussão, lá se encontra escrito: "Muitas pessoas, principalmente adeptos de cultos africanos, acreditavam que a doença se manifestava porque as pessoas tinham deixado de cumprir seus deveres com certas divindades, como Omulu, uma entidade do candomblé" (Figueira e Vargas, 2009, p. 60). *Tudo é História*, livro do 8º ano, foi outra coleção que trouxe elementos das religiões de matriz africana para explicar a Revolta da Vacina, os seus autores escreveram: "Para os adeptos de religiões de origem africana, a varíola era uma doença sagrada, que não podia ser combatida dessa maneira" (Cardoso, 2009, p. 237).

Seria difícil afirmar que se trata da primeira vez que a tese de Chalhoub aparece nos didáticos, pois essa pesquisa que apenas trabalhou com os livros aprovados pelo PNLD 2011, contudo o livro *Cidade Febril* foi publicado pela primeira vez em 1996 e os didáticos em análise foram publicados em 2009. Ou seja, caso tenha sido a primeira vez a aparecer em um didático, é possível que exista um espaço de pelo menos um pouco mais de 10 anos entre a publicação do livro de Chalhoub e a devida inserção de sua tese

[65] *Para Entender a História*, livro do 9º ano do ensino fundamental. Autores: Divalte Figueira e João Vargas.

nos livros didáticos. Pontuo que o livro *Cidade Febril* em seu capítulo intitulado "Varíola, vacina e 'vacinofobia'" trouxe o que considerei como uma das três teses principais sobre a Revolta da Vacina. As outras duas teses[66] datam de meados da década de 1980. É interessante notar que mesmo a tese de Carvalho não aparece como canônica nos livros de História do PNLD 2011, apenas encontremos ela em quatro dos 15 didáticos.

A questão que posso afirmar é a seguinte: dentro do conjunto de livros do PNLD 2011 as coleções *Para Entender a História* e *Tudo é História* representam os únicos exemplos a trazerem a tese de Chalhoub quando limitamos o escopo para o tema da Revolta da Vacina. Podemos especular que nos anos vindouros a referida tese se torne mais comum, visto a sua importância. Contudo, essa investigação não será realizada hoje.

Sigamos então para o que mais frequentemente apareceu nos didáticos em termos de causa para a Revolta da Vacina: a reforma urbana. Não é estranho que este tema seja a causa mais referenciada. Caso busquemos respostas na historiografia acadêmica perceberemos que esta é a tese de Nicolau Sevcenko, abordada nesta pesquisa no capítulo 1. Como sabemos, na obra *A Revolta da Vacina*, deste autor, se encontra a primeira tese, cronologicamente, sobre os conflitos de novembro de 1904. Podemos asseverar que esta tese já está canonizada nos livros didáticos, pelo menos nos livros do PNLD 2011. Todas as 15 coleções abordaram explicitamente o tema da reforma urbana, mesmo que em alguns casos o tema se encontre separado da Revolta da Vacina.

Ainda no tópico das causas, argumento que uma das teses que tentam explicar as causas da Revolta da Vacina e que aparece com certa frequência nos didáticos se trata da tese de José Murilo de Carvalho. Embora em diversos livros exista a presença da questão da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, considerei como livros que abordaram a tese de Carvalho apenas aqueles que pude identificar algum tipo de apelo moral ou de defesa da mulher. Como sabemos, a tese de Carvalho buscou respostas neste sentido. De forma resumida, podemos asseverar que a tese de Carvalho sobre a questão moral está intimamente ligada à vacinação obrigatória, visto que os agentes da Saúde Pública deveriam invadir as casas da população carioca para desempenhar a vacinação de forma compulsória. Para Carvalho a obrigatoriedade, assim como a defesa da honra das mulheres, seriam as causas principais para os acontecimentos de novembro de 1904.

[66] José Murilo de Carvalho (questão moral) e Nicolau Sevcenko (questão urbana).

Antes de abordarmos outras questões é importante fazer alguns apontamentos sobre as causas que os livros didáticos deram para a Revolta da Vacina. De início é interessante notar que muitas dessas teses da historiografia acadêmica que aparecem nos livros didáticos manifestaram-se mais de uma vez no mesmo livro, ou seja, no mesmo capítulo. Existe o caso, por exemplo, das três teses aparecerem no mesmo didático[67]. Assim como determinado livro didático abordou apenas uma das causas para a Revolta de 1904[68].

Podemos agora, portanto, nos fiarmos em outra questão de interesse desta pesquisa, se trata das referências historiográficas acadêmicas que os livros didáticos usaram[69] no corpo de seus textos. Este é um tópico que optei por dividir em duas partes: 1. Referências historiográficas acadêmicas indiretas; 2. Referências historiográficas acadêmicas diretas. Comecemos pelo que há de referências historiográficas diretas sobre a Revolta da Vacina. Como apenas cinco coleções apresentaram este tipo de referência, penso não ser exaustivo abordarmos todos esses casos.

Iniciemos pelo livro do 9º ano da coleção *História em Documento.* O didático em questão aborda o tema da Revolta da Vacina, contudo, a questão da referência historiográfica direta se encontra fora da seção da Revolta de 1904. Desta vez o leitor do livro didático localizará a referência historiográfica direta quando chegar ao final do capítulo, ali existe uma espécie de seção de recomendação de leituras[70]. O autor do didático optou por indicar o livro de José Meihy e Cláudio Bertolli Filho, intitulado *Revolta da Vacina* (Rodrigues, 2009, p. 39).

Encontraremos mais um exemplo de referência historiográfica direta no livro do 9º ano da coleção *História sociedade e Cidadania*, desta vez o livro referenciado no didático foi *A Revolta da Vacina*, de Nicolau Sevcenko. Os autores utilizaram-se da obra de Sevcenko quando o didático abordou o tema reforma urbana. Para ser mais preciso, o livro *A Revolta da Vacina* é referenciado em uma legenda de uma imagem onde é retratado um ambiente de escombros e demolição (Boulos Júnior, 2009, p. 72).

---

[67] Isto ocorreu em duas coleções: Para Entender a História, livro do 9º ano e Tudo é História, livro do 8º ano.
[68] Vontade de Saber História do 9º ano do ensino fundamental.
[69] Devo ressaltar que as afirmações ou negações feitas sobre o uso de historiografia acadêmica nos didáticos só foi levada em consideração para o tema da Revolta da Vacina.
[70] A seção se chama: Outras Leituras (p.39.).

O terceiro livro em nossa lista pertence a coleção *Navegando Pela História,* 8º ano. Embora o didático não tenha uma seção para o assunto da Revolta da Vacina, os autores colocaram no final do capítulo uma seção com sugestões de leitura (Panazzo e Vaz, 2009, p. 221), mais uma vez recomendou-se a leitura do livro de Nicolau Sevcenko, *A Revolta da Vacina*.

Como quarto livro em nossa lista temos *Para Entender a História*, do 9º ano do ensino fundamental. Desta vez a referência historiográfica direta aparece logo no corpo do texto. Os autores citam os historiadores José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub. Como já foi posto, esse didático traz questões sobre a religião dos afrodescendentes para dentro do tema da Revolta da Vacina.

Último livro em nossa lista está na coleção *Vontade de Saber História*, livro do 9º ano. O didático não traz nenhuma menção a referências historiográficas diretas na seção destinada a Revolta de 1904. Contudo, se seguirmos a leitura observaremos que algumas páginas adiante (Pellegrini, Dias e Grinberg, 2009, p. 60) encontraremos uma citação direta do livro de Nicolau Sevcenko. Ao que tudo indica os autores do didático retomam o tema da Revolta da Vacina em uma seção que contém sugestões de atividades para os alunos.

Gostaria de realizar alguns comentários sobre essas cinco coleções no que se refere ao uso da historiografia acadêmica direta. Percebi que, em geral, elas apenas mencionam os livros da historiografia acadêmica, não há grande desenvolvimento sobre eles. Contudo, a coleção *Para Entender a História* parece ser a exceção. No livro do 9º ano os autores não somente mencionam dois historiadores – Jose Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub –, os quais trabalharam com o tema da Revolta da Vacina, como explicam suas respectivas teses sobre as razões para a Revolta.

Ao que se refere às referências historiográficas indiretas, estas são mais difíceis de serem percebidas. A leitura de Sevcenko, Carvalho e Chalhoub com esmero é recomendada caso tentemos identificar esses autores nos livros didáticos, os quais considerei como sendo os principais historiadores sobre o tema da Revolta da Vacina. Mais uma vez se faz necessário pontuar que método foi utilizado para se chegar a essa historiografia indireta presente nos didáticos aprovados pelo PNLD 2011. Entendi que só poderia chegar a esse tipo de historiografia acadêmica através das teses dos autores, visto que estamos lidando com um aspecto que não está totalmente explícito no corpo do texto,

ou seja, precisa ser interpretado. Foi isso que fiz na coleção *Saber e Fazer História*, livro do 9º ano. Ali se encontra um fragmento que não ocupa mais do que quatro linhas do didático mais que interpretei como sendo uma referência indireta a tese de Carvalho, os autores escreveram: "Com isso, diversos setores da sociedade reagiram à obrigatoriedade, defendendo que a aplicação de injeções em mulheres era imoral e que essa lei contrariava a liberdade individual" (Cotrim e Rodrigues, 2009, p. 82). O excerto "injeções em mulheres" foi o que me possibilitou interpretar que a tese de Carvalho se fazia presente.

Outro tópico que gostaria de levantar se trata do tipo de História narrada nos capítulos em que a Revolta da Vacina aparece. Esta é mais uma tentativa de determinar o contexto da Revolta de novembro de 1904 nos didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011. Dei prioridade a quatro tipos de histórias narradas nos livros didáticos: social, econômica, política e cultural. De início é necessário, mais uma vez, deixar claro que o objetivo aqui não foi esgotar o tema, existem 15 coleções e não foi meu objetivo expor qual tipo de história aparece em cada coleção, devemos também considerar que, por vezes, mais de um tipo de história aparece no mesmo livro didático. Os 15 capítulos foram lidos e busquei respostas de qual tipo de história é narrada, contudo, me aterei mais aos aspectos gerais dos didáticos.

Algumas considerações iniciais devem ser traçadas. De início é necessário asseverar que em geral a Revolta da Vacina se insere em um contexto em que aparecem outros movimentos sociais, como já foi exposto. Sendo assim, os aspectos sociais aparecem com bastante frequência, embora não somente estes. Só para ficarmos no assunto da Revolta da Vacina, podemos, após leitura cuidadosa, termos a percepção de que os aspectos políticos também se fazem presentes, pois como sabemos essa é uma história narrada, em geral, levando-se em consideração as ações dos políticos, principalmente do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Rodrigues Alves.

Posto isto, os aspectos políticos juntamente como os sociais dentro das narrativas são a tônica dos capítulos. Esses dois elementos são invariavelmente inseparáveis na narrativa escolar nos capítulos analisados. De forma bem resumida e esquemática, coloco que a narrativa escolar sobre a Revolta da Vacina funciona da seguinte maneira, mas não necessariamente nesta ordem: a cidade carioca se encontra insalubre ou precisando de reformas, urbanísticas e sanitárias; o presidente Rodrigues Alves delega as funções para Oswaldo Cruz e Pereira Passos; Pessoas são colocadas para fora de suas casas, principalmente na região central da cidade, logo em seguida vem a vacinação contra a

varíola de forma obrigatória, a população reage as medidas com violência, barricadas, tiroteio etc.; o governo combate a população, mas a população resiste, dias depois é revogado a vacinação obrigatória, a Revolta termina. Esses são alguns dos elementos mais gerais da narrativa que consegui identificar nos didáticos.

Por outro lado, percebo que elementos de história econômica quase não aparecem nos livros. Levemos em conta que os aspectos econômicos da Revolta da Vacina não são sequer privilegiados na narrativa historiográfica acadêmica. Entendo que uma história econômica ou que aborde elementos econômicos da Revolta da Vacina ainda está para ser escrita. Mas que elementos econômicos poderiam ser esses? Poderíamos investigar, por exemplo, o nível de desemprego da população carioca com a finalidade de descobrirmos se poderíamos relacionar a falta de emprego e renda da população mais pobre como motivos para a Revolta. Inclusive, a coleção *História e Vida Integrada*, livro do 9º ano, cita a falta de emprego da população carioca como um dos motivos para a reação popular em novembro de 1904 (Piletti, Piletti e Tremonte, 2009, p. 62).

Se a história política e a social são os elementos mais frequentes dessa narrativa escolar e a história econômica quase não aparece, então o que podemos afirmar a respeito da história cultural nesses livros? Após leitura das 15 coleções, ficou evidente que os aspectos desse tipo de história quase não adentram na narrativa escolar[71] e quando adentram não são muito explorados. Há parte curiosa e que merece um pouco de atenção, mesmo com o risco de ser repetitivo, é que duas das principais teses, Carvalho e Chalhoub, abordam os aspectos de história cultural, arriscaria a colocar que esse tipo de história é um elemento central de suas teses.

A começar por Carvalho, o leitor deve se lembrar da questão moral abordada por ele, esta é sua tese. O raciocínio operado aqui para entender sua tese, possuindo elementos de história cultural no seu núcleo, reside no fator invasão das casas para vacinar as mulheres e crianças. Como sabemos, a tese de Carvalho não abordava a mera invasão das casas da população mais humilde, o cerne está na defesa da honra dessas mulheres, que normalmente eram esposas ou filhas. Justamente esse elemento foi entendido, por esse autor que aqui escreve, como um fragmento de história cultural, ainda que hoje possamos entender essa questão como o produto de um machismo produzido por uma sociedade

[71] Essa explicação se limita ao tema da Revolta da Vacina.

patriarcal, naquele período a questão da honra das mulheres, ao que parece, era um aspecto cultural muito arraigado na cultura daquela sociedade.

A tese de Chalhoub, no meu entender, parece ser a que mais carrega os elementos de história cultural, visto que este autor se preocupou com a religião dos afrodescendentes. Nos didáticos, quando esta tese apareceu foi defendida de duas maneiras. Na primeira, a varíola é entendida pelos praticantes daquela determinada religião como uma doença sagrada que não poderia ser combatida por meio da vacina (Cardoso, 2009, p. 237); no segundo caso, a varíola aparece como punição por não cumprimento de determinadas responsabilidades dentro da religião (Figueira e Vargas, 2009, p. 60).

Passado mais de cem anos dos eventos ocorridos durante a Revolta da Vacina e existindo uma ampla gama de livros acadêmicos (ver capítulo 1) sobre o assunto, penso ser ponto pacífico afirmarmos que existe um lugar especial e frequente que a Revolta da Vacina ocupa nos livros didáticos atuais. Com isso quero apenas apontar que o tema da Revolta da Vacina já é um cânone na historiografia escolar. Contudo, isto não quer dizer que esse cânone não passou ou passará por "mutações".

Como já foi afirmado, existe a questão religiosa dos afrodescendentes trazida por Chalhoub, após pesquisa no conjunto documental sabemos que esse tema ecoou em duas coleções de livros didáticos, contudo, penso que isto pode significar o começo de uma nova tendência. Talvez no futuro, ou mesmo em outras edições do PNLD, encontremos referência ao mesmo livro de Chalhoub e a mesma questão religiosa apontada por ele. Próximas pesquisas responderão a estas inquietações.

Capítulo 3

IMAGENS DA REVOLTA DA VACINA NOS LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE 2011

Esse capítulo tem como objetivo analisar diversas imagens relacionadas à Revolta da Vacina. O conjunto das referidas imagens se encontra presente nos livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2011, principalmente nas seções sobre Revolta da Vacina. Inicialmente, optou-se por abordar essas imagens de maneira mais geral; em seguida, elas foram divididas em grupos para melhor compreendermos como os autores dos didáticos as relacionaram com a Revolta de novembro de 1904.

De início é importante pontuar que a maioria dos livros didáticos de história se utilizou de algum tipo de imagem quando abordou o tema da Revolta da Vacina, seja um bonde virado, imagem de demolição, charges etc. Buscou-se neste capítulo responder como essas imagens foram utilizadas nos didáticos, assim como quais os possíveis significados por traz do uso dessas imagens: por que os autores se utilizaram de algumas imagens e não de outras? Por qual motivo algumas imagens se repetem? Trato de deixar claro ao leitor que o conjunto das imagens utilizadas nesse capítulo representam uma ínfima parte de talvez centenas de imagens que estão presentes nos jornais e revistas do período.

Levei em consideração os escritos de José Alberto Baldissera para perceber como os autores dos didáticos lidaram com a questão da referência das imagens utilizadas nos didáticos (Baldisera, 2010, p. 252). Os autores dos livros didáticos referenciam os autores dessas imagens? Ainda que não seja referenciado o autor, ao menos menciona-se onde podemos encontrar a determinada imagem? Há menção ao contexto das imagens quando são fotografias? Essas três perguntas[72], neste capítulo, foram fundamentais para analisarmos o conjunto documental. Por outro lado, na "contramão" dos outros livros didáticos aprovados pelo Programa de 2011, a coleção *Navegando pela História* (2009)

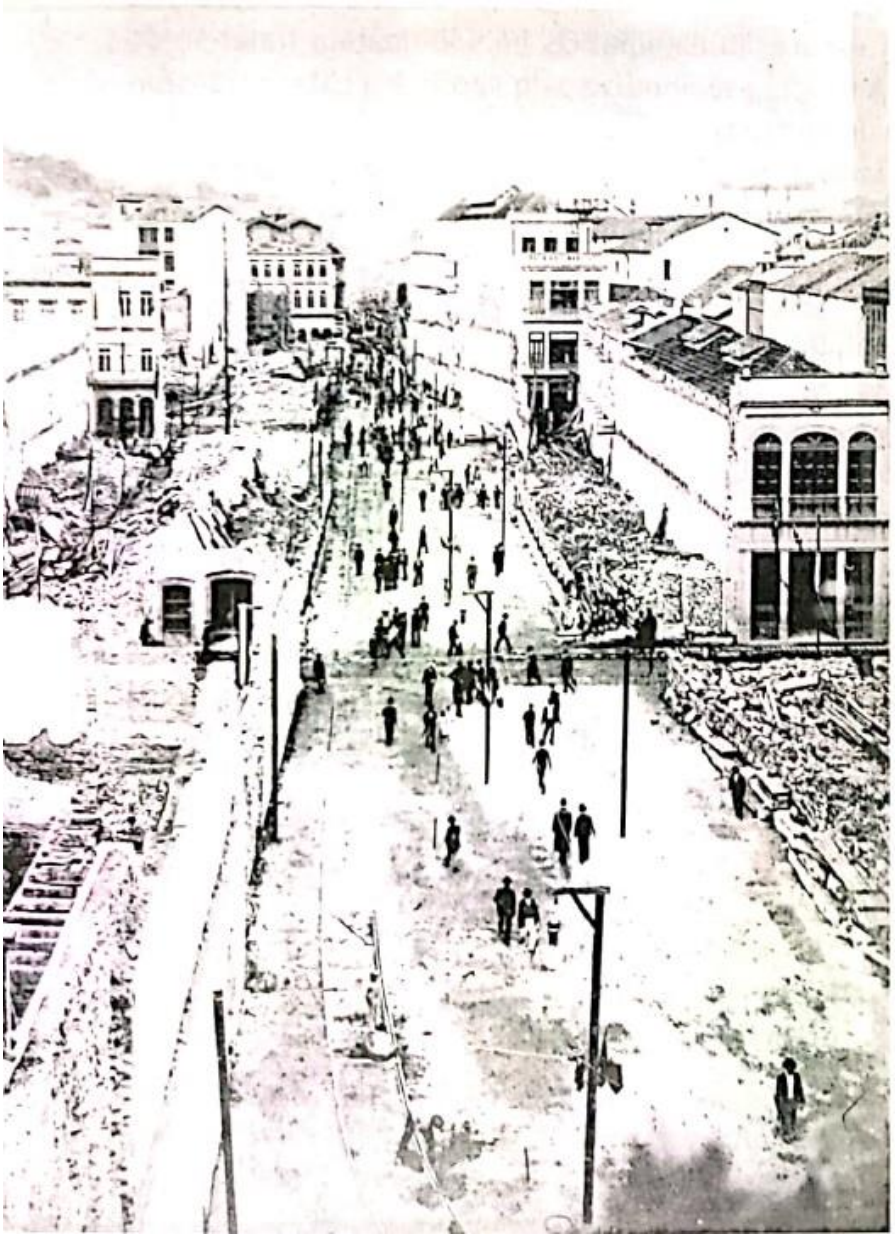
[72] Ou seja: autoria, localização e se a imagem é utilizada para além da mera ilustração.

não trouxe nem seção que trate sobre a Revolta da Vacina nem imagens que possam ser relacionadas com os acontecimentos de novembro daquele ano.

No livro do 9º ano da coleção *História* existe apenas uma imagem na seção sobre Revolta da Vacina. Esta mostra pessoas caminhando em uma rua; dos dois lados da via se encontram escombros de demolições. A legenda da imagem informa que a fotografia seria do mesmo ano da Revolta de novembro de 1904 (2009, p. 62). Pode ser posto que os autores dessa coleção tentaram, ainda que brevemente, utilizar a imagem como evidência histórica, visto que buscaram dar algum tipo de contexto para a fotografia. Como será observado em outras coleções, esse tipo de movimento acontece com determinada frequência. Penso não ser exaustivo reproduzir aqui todo o conteúdo da legenda: "Demolições no centro da cidade do Rio de Janeiro para a abertura da Avenida Central. Foto de 1904. Em nove meses, foram demolidos 614 prédios do centro. Os proprietários não eram indenizados e os ex-moradores não recebiam novas moradias" (2009, p. 62).

Se os autores do didático utilizaram a fotografia como instrumento para "jogar" luz sobre o contexto do período, então o que pode ser posto sobre o autor da imagem e a devida localização para consulta? Adianto que a resposta para ambas as perguntas é negativa, não encontramos no didático nem autoria da fotografia nem de qual lugar ela foi extraída.

Imagem 1. Fotografia de pessoas caminhando entre os escombros



No livro do 9º ano, da coleção *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, encontramos apenas uma charge na seção sobre a Revolta da Vacina. Ali pode ser percebido dois personagens dialogando. O primeiro deles mostra uma representação de Oswaldo Cruz; o personagem em questão gesticula com o dedo indicador apontado para cima, sua face parece demasiadamente séria; além disso, na imagem Cruz aparece com uma seringa enorme, aparentemente amarrada em sua cintura. Ao que parece, Cruz está conversando com um subordinado seu; subordinado que veste uniforme, carrega um balde e uma vassoura. A legenda indica: “Figura. 18. Charge de J. Carlos sobre Oswaldo Cruz

e a Revolta da Vacina, extraída de *Oswaldo Cruz momumenta histórica*, 1971" (2009, p. 39).

Podemos pontuar que houve preocupação dos autores em mencionar quem é o autor da charge, ao passo que também mencionam de qual lugar a mesma foi extraída. Contudo, é perceptível que o uso da imagem é apenas ilustrativo, não sendo utilizada para contextualizar o período abordado no didático.

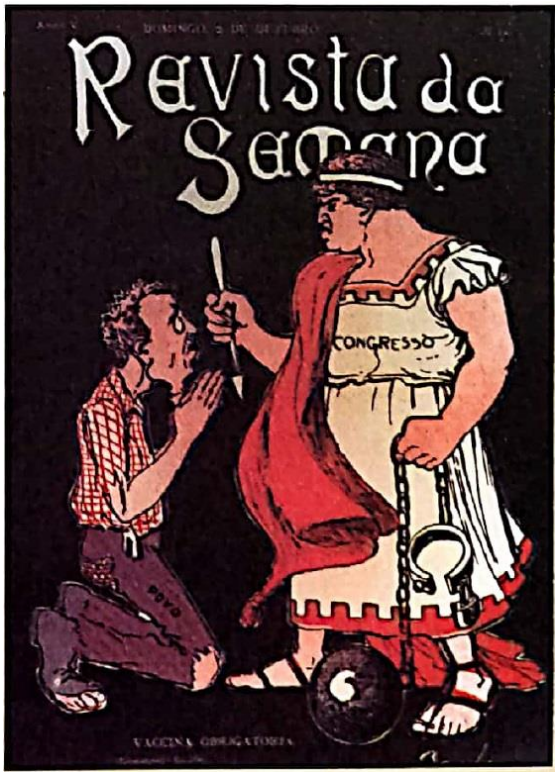
Imagem 2. Charge de Oswaldo Cruz e subordinado

A coleção *História e Vida Integrada*, livro do 9º ano, traz também uma única imagem que podemos relacionar com a Revolta da Vacina de 1904. A charge em questão se encontra na *Revista da Semana*, de 21 de outubro de 1904. Na imagem é possível visualizar dois homens, um a esquerda e outro à direita. O da esquerda está de joelhos no chão e com as mãos juntas como se estivesse implorando por algo. O que se localiza no lado direito da imagem está de pé diante do homem da esquerda. Ele tem em uma das mãos uma lanceta e na da esquerda uma corrente com bola de ferro na ponta. A legenda

informa: “Charge alusiva à vacina obrigatória estampada na capa da edição de 2. 10. 1904 da Revista da Semana” (2009, p. 61).

A charge que está na capa da revista traz uma legenda lateral onde se encontra escrito: “Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro”. Logo, os autores tiveram a preocupação de indicar que a charge foi retirada de um periódico guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Embora não haja referência ao chargista ao menos é indicado que esta foi publicada na capa da *Revista da Semana*. Outro ponto que merece algum destaque se trata da forma como os autores do didático em análise utilizaram a charge em questão. A referida imagem é utilizada em um boxe que traz algumas atividades para que os alunos desenvolvam, e para esta finalidade a charge foi utilizada como referência. Neste ponto, o livro didático “escapou” do uso apenas ilustrativo da imagem.

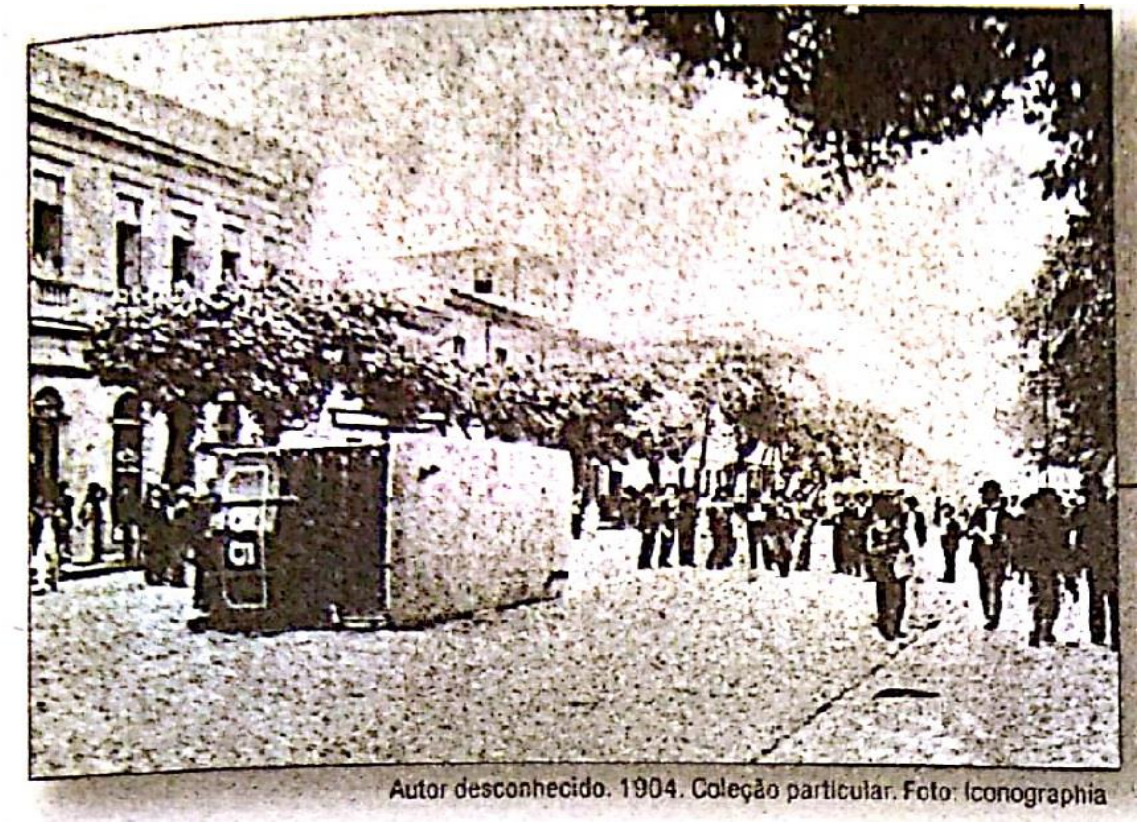
Imagem 3. Charge publicada na Revista da Semana (1)



Na coleção *História em Documento*, livro do 9º ano, temos desta vez três imagens na seção dedicada à Revolta da Vacina. Na primeira delas aparece um bonde virado, algumas pessoas se encontram ao redor, ao fundo é possível perceber alguns prédios e árvores. Na legenda da imagem é informado que a fotografia é do ano de 1904, mas que seu autor é desconhecido. Além disso, não há referência ao local em que se pode consultar a fotografia. Junto a fotografia existe um pequeno texto (Rodrigues, 2009, p.

33), em que a autora menciona que a imagem representa um dos atos violentos realizados durante a Revolta de novembro de 1904. Sendo assim, o uso deste recurso imagético serviu para além do mero propósito de ser um item decorativo/ilustrativo, pois de alguma forma a autora do didático conseguiu abordar alguns elementos da imagem em seu texto.

Imagem 4. Primeira fotografia de bonde virado (1)



Na segunda imagem presente na seção da Revolta da Vacina isto também ocorre. Desta vez temos um desenho. Aqui o cenário representa pessoas carregando diversos itens, como cadeiras, cama e sacolas, a imagem se conecta com as mudanças urbanísticas pelas quais a cidade carioca passava. Encontramos junto a imagem a seguinte legenda: "Descendo o Castelo, ilustração de 1905 alusiva às reformas do Rio de Janeiro" (2009, p.33). Mais uma vez o autor da imagem é desconhecido, contudo a autora do didático tem o cuidado de informar que podemos encontrar a ilustração na revista *O Malho*, de 2 de setembro de 1905. É interessante notar que mais uma vez uma imagem é utilizada para além da mera ilustração. A autora tratou de explicar o contexto da imagem, afirmou que se tratava do morro do Castelo, e que este lugar seria destruído para dar lugar a Avenida Central (Rodrigues, 2009, p. 33).

Imagem 5. Pessoas descendo o morro do Castelo (1)

Descendo o Castelo, *ilustração de 1905 alusiva às reformas do Rio de Janeiro.*

A última imagem presente na seção sobre a Revolta da Vacina consiste em uma fotografia que retrata a Avenida Rio Branco em 1915, ou seja, mais de 10 anos depois dos acontecimentos de novembro de 1904. Na referida imagem temos pessoas caminhando, tanto pelo meio da avenida quanto pelas calçadas. É notável a presença de alguns prédios ao lado esquerdo da imagem; algumas árvores embelezam a paisagem. Desta vez sabemos o nome do autor da fotografia: Augusto César Malta; também é informado onde podemos encontrar a referida imagem: Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Contudo, a imagem não é utilizada no livro para além da mera ilustração.

Imagem 6. Fotografia da avenida Rio Branco em 1915

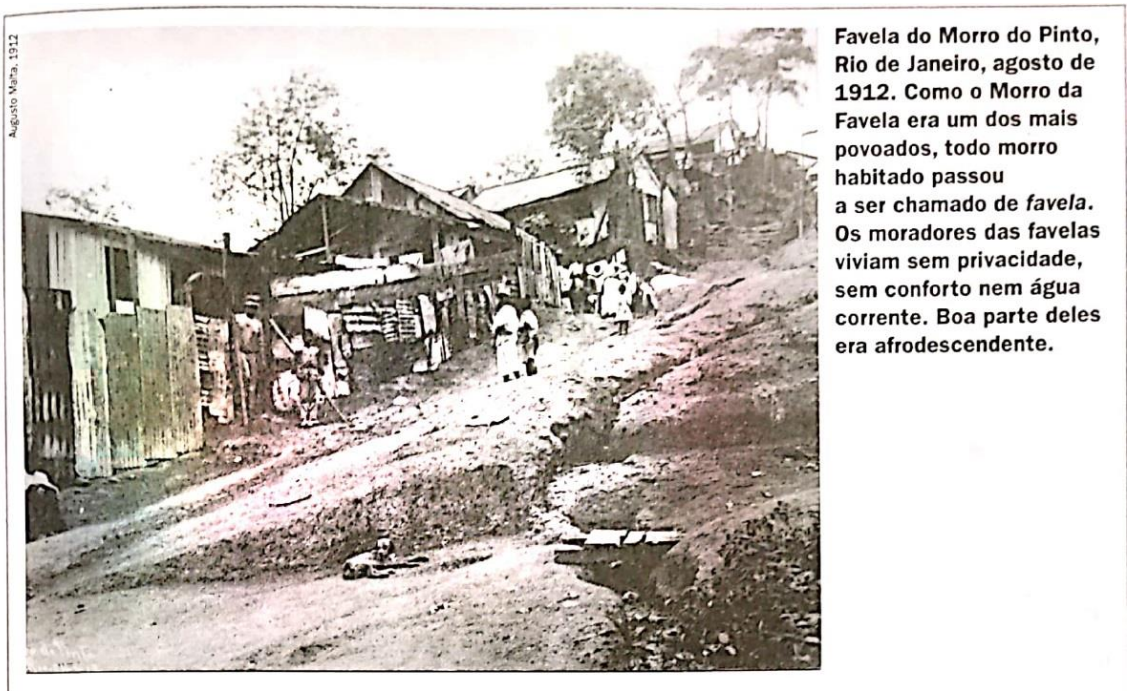
Assim como na coleção anterior, a coleção *História Sociedade e Cidadania*, livro do 9º ano, também apresenta três imagens na seção que trabalha com a Revolta da Vacina. Desta vez o autor optou por apenas trabalhar com fotografias. A primeira delas retrata um cenário de demolição, parece que um prédio inteiro foi derrubado, os escombros ainda são visíveis. Ao lado esquerdo da fotografia aparece uma rua e na calçada alguns prédios. A legenda que acompanha a imagem coloca que a fotografia é do ano de 1905. Em uma legenda lateral encontraremos o nome do autor da fotografia: Augusto Matta, mas não nos é informado onde podemos localizá-la. O autor do livro didático relacionou a imagem com a modernização da cidade carioca, na mesma legenda ele cita um trecho do livro de Nicolau Sevcenko, *A Revolta da Vacina* (Boulos Júnior, 2009, p. 72).

Imagem 7. Fotografia de cenário demolido (1)

Foto de 1905, que mostra a modernização do Rio de Janeiro. Em nome da civilização, do progresso e da ordem, as autoridades cariocas demoliram "cerca de seiscentas habitações coletivas e setecentas casas, privando de teto pelo menos quatorze mil pessoas". (SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*: **mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 1993. p. 61. História em Aberto.)**

A segunda imagem também é de autoria de Augusto Matta, desta vez data de 1912. A fotografia (Boulos Júnior, 2009, p, 73) apresenta o Morro do Pinto no Rio de Janeiro; conseguimos notar casas muito humildes, algumas pessoas também se fazem presente, assim como um cachorro deitado, na parte inferior da imagem. O autor do didático utiliza a imagem para afirmar algo que está no corpo do texto: os moradores foram expulsos das regiões centrais da cidade e por esta razão o número de favelas aumentou. Esta foi uma forma de utilizar uma imagem para possibilitar aos alunos e as alunas visualizarem como a reforma urbana afetou a população carioca e para onde parte desta população rumou. Porém, não é mencionado onde podemos consultar tal fotografia.

Imagem 8. Fotografia do morro do Pinto em 1912



Nossa última fotografia nesta coleção consiste na já referenciada imagem de bonde virado, desta vez é possível ver a fotografia em maiores detalhes, pois esta se encontra ampliada no livro didático. Podemos identificar muitos homens na avenida ao lado do bonde virado, notamos que a maioria deles utiliza chapéu. A imagem data de 27 de novembro de 1904, contudo não consta a autoria e nem o lugar onde está guardada. Não obstante, o autor do didático utiliza a referida fotografia como evidência dos conflitos ocorridos na capital da República. Ele até menciona o local exato onde a fotografia foi tirada: Praça da República (Boulos Júnior, 2009, p. 74).

O livro do 8º ano da coleção *História Temática* traz apenas uma imagem presente na seção da Revolta da Vacina. Nela podemos notar diversas pessoas, muitas delas crianças. A legenda nos ajuda a entender que a fotografia foi tirada no ano de 1905 e que as pessoas retratadas ali são moradores da Rua dos Inválidos e que foram desapropriados de suas casas. Mais uma vez não há menção a autoria ou mesmo sobre o local de consulta da fotografia. Contudo, os autores do didático utilizaram a imagem para reafirmar a mensagem de que houve muitas demolições e que pessoas ficaram sem moradia (Cabrini, Catelli e Montellato, 2009, p. 226).

Imagem 9. Fotografia de pessoas na calçada

A coleção *Novo História*, livro do 9º ano, apresenta uma imagem na seção sobre a Revolta da Vacina. Ali está presente uma charge muito utilizada nos livros didáticos, para que o leitor tenha uma ideia, esta imagem aparece em cinco coleções de livros didáticos de História diferentes aprovados pelo PNLD 2011. Se trata de charge de autoria de Leonidas, abordarei com mais vagar esta imagem em outra parte do capítulo. A charge apresenta uma situação de conflito; do lado esquerdo percebemos uma representação de Oswaldo Cruz liderando um exército de agentes da saúde pública, este personagem está montado em uma seringa, aparentemente este objeto possui quatro patas como se fosse um cavalo. Do lado direito, uma população pronta para o conflito; há mulheres e homens, os populares se utilizam de vários objetos em sua defesa, vassouras, bule, garrafa e até mesmo um cerrote voa em direção as forças de repressão de Oswaldo Cruz. A legenda (Dreguer e Toledo, 2009, p. 76) informa que a imagem é de 1904 e que podemos acessá-la na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, São Paulo. Entendo que a imagem foi utilizada para ilustrar uma situação de conflito.

Imagem 10. Charge de Leonidas (1)

Foram utilizadas três imagens no livro do 9º ano da coleção *Para entender a História*. A primeira imagem é uma fotografia, esta retrata um cenário onde percebemos escombros pelo chão, há algumas pessoas em meio as demolições, o cenário parece de guerra embora não pareça de conflito. A legenda informa: "Demolições na cidade do Rio de Janeiro pouco antes da Revolta da Vacina" (Figueira e Vargas, 2009, p. 59). Não há menção a autoria ou lugar para consulta.

Imagem 11. Fotografia de pessoas em meio a entulhos

■ Demolições na cidade do Rio de Janeiro pouco antes da Revolta da Vacina.

A próxima imagem, também fotografia, descreve um cenário mais próximo do conflito urbano durante os dias da Revolta da Vacina. Nela temos uma barricada, pessoas se encontram atrás do objeto; conseguimos perceber que a rua onde a barricada se localiza foi praticamente fechada, não há informação do bairro onde esta foto foi tirada, nem autoria, nem mesmo lugar para consulta, muito menos diálogo entre imagem e texto.

Imagem 12. Fotografia de barricada (1)

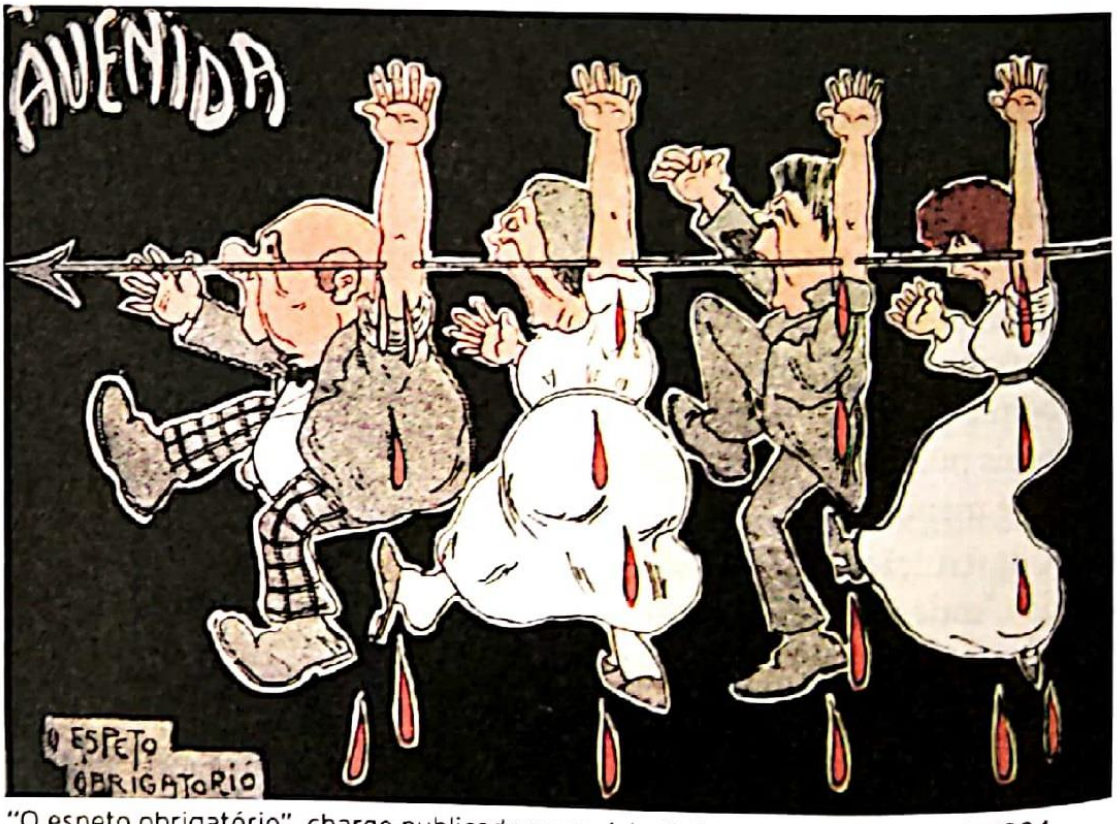
■ Barricada construída por manifestantes durante a Revolta da Vacina.

A terceira imagem presente nesta coleção, já abordada em outras coleções, se trata da charge de autoria de Leonidas. Desta vez os autores citam onde podemos encontrar a imagem, contudo não se menciona a autoria, a imagem foi utilizada como recurso visual, não sendo abordada no corpo do texto.

Duas charges e uma fotografia serão encontradas na seção da Revolta da Vacina na coleção *Para viver juntos*, livro do 8º ano. A primeira imagem já foi abordada anteriormente, consiste em um bonde virado com populares em volta; não há menção a autoria, nem a lugar para consulta, os autores apenas a utilizam como ilustração. A segunda imagem está no formato charge, ali temos um cenário bastante doloroso; uma espécie de seta ou lança atravessa os braços de quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, podemos perceber o sangue escorrendo das feridas. Os autores do didático não mencionam a autoria da charge, contudo informam que se trata de publicação da revista

A Avenida, de outubro de 1904. Também mencionam que pode ser encontrada no acervo da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Imagem 13. Charge onde aparece uma seta atravessando o braço de quatro pessoas



"O espeto obrigatório", charge publicada na revista *A Avenida*, em outubro de 1904, denunciando a violência da campanha de vacinação. Acervo Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ).

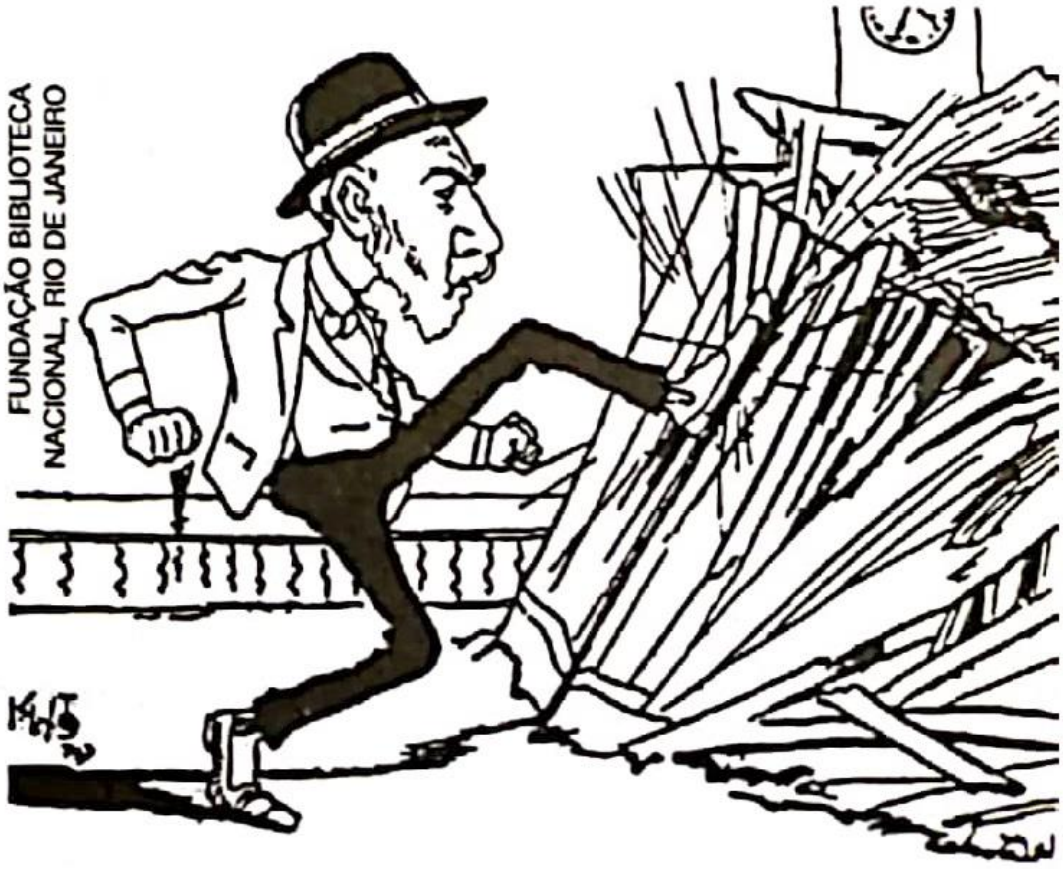
Sobre a terceira imagem, mais uma vez foi utilizada a charge de Leonidas. Os autores informaram a autoria, assim como onde a imagem foi publicada. Desta vez os autores utilizaram a charge para propor uma atividade para os alunos (Reis e Motooka, 2009, p. 263).

A coleção *Projeto Araribá*, livro do 9º ano, traz apenas uma charge (Apolinário, 2009, p. 61) na seção sobre Revolta da Vacina. O desenho apresenta um homem derrubando uma casa de madeira no chute; o personagem que aparece na charge é o prefeito Pereira Passos[73]. Sobre a autoria, é informado que a imagem é de Calixto Cordeiro e data de 1903. Os autores do didático interpretaram a imagem como sendo uma

[73] Era bastante comum durante o período estudado a publicação de imagens que retratassem os políticos, tais como Pereira Passos e Rodrigues Alves.

crítica as ações de reforma urbana. Podemos consultar a imagem na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Imagem 14. Imagem onde personagem aparece chutando um barraco



Um barracão de menos, charge de Calixto Cordeiro, de 1903, uma crítica à reforma urbana do prefeito Pereira Passos.

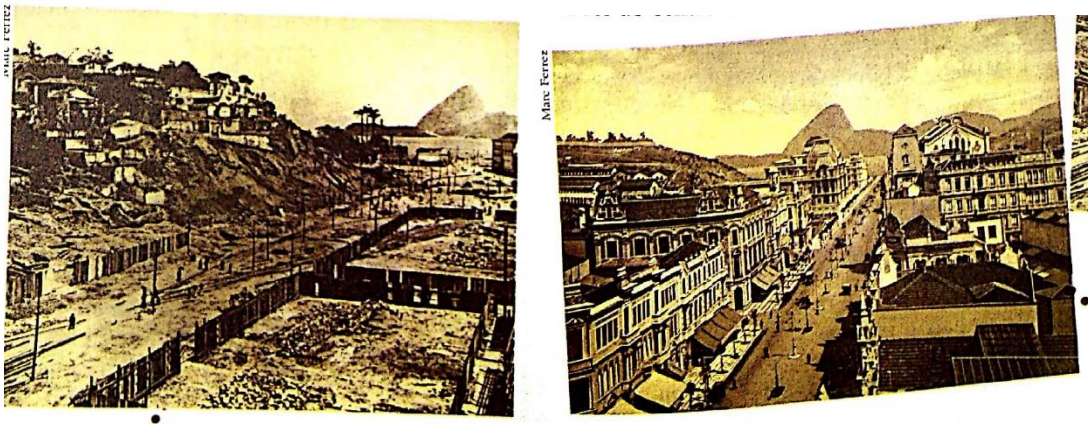
A coleção *Projeto Radix*, livro do 9º ano, nos apresenta apenas uma imagem na seção sobre a Revolta de 1904. A fotografia já foi abordada, trata-se de uma barricada que fechou uma rua, populares parecem defender sua construção. Mais uma vez não é mencionada a autoria e nem o local para consulta da fotografia. Novamente o recurso imagético foi utilizado para ilustrar os acontecimentos.

Na coleção *Saber e Fazer História* acontece algo interessante, os autores utilizaram duas imagens do mesmo lugar, Avenida Central, para retratar o antes e depois das obras de reforma urbana. Para isto se utilizaram de duas fotografias (Cotrim e

Rodrigues, 2009, p. 81). A imagem da esquerda se assemelha a um canteiro de obras enquanto que a da direita mostra prédios, aparentemente recém construídos. O didático aponta que as duas fotografias são de autoria de Marc Ferrez.

Imagem 15. Fotografia tirada antes da reforma urbana (à esquerda)

Imagem 16. Fotografia tirada depois da reforma urbana (à direita)



A terceira imagem utilizada pelos autores foi a charge de Leonidas, desta vez nos é informado sobre a autoria e onde a imagem foi publicada, revista *O Malho*, de 29 de outubro de 1904. Segundo os autores a charge "representa a disposição popular na revolta iniciada em 10 de novembro." (Cotrim e Rodrigues, 2009, p. 82).

Existe uma coleção que utilizou sete imagens, as quais podemos relacionar a Revolta da Vacina, trata-se do livro do 8º ano da coleção *Tudo é História*; a primeira imagem parece ser uma pintura de Oswaldo Cruz, o autor do didático informa na legenda que a imagem faz parte da coleção Joaquim Vidal; a imagem acaba por servir de ilustração, pois o autor do livro dedica algum espaço para narrar um pouco da história de Cruz.

Imagem 17. Representação de Oswaldo Cruz

Outras duas imagens aparecem, contudo não há nenhuma menção a autoria ou como localizá-las. A primeira delas retrata um homem, aparentemente desinfetando ralos com a finalidade de eliminar mosquitos, o segundo caça ratos com uma vara, sabemos que esta última prática foi comum durante o período. Havia a recomendação para que agentes públicos comprassem ratos, como foi visto no capítulo 1.

Imagem 18. Agente público matando mosquitos (à esquerda)

Imagem 19. Agente público caçando ratos (à direita)

Uma terceira imagem traz um homem, aparentemente uniformizado – assim como as duas anteriores –, este aparece montado em uma seringa enorme. O autor do didático informa-nos que a imagem está presente na obra de Meihy e Bertolli Filho, intitulada *Revolta da Vacina*. Na verdade, essas últimas três imagens estão presentes no referido livro.

Imagem 20. Agente público montando em seringa

FONTE (ILUSTRAÇÕES): *REVOLTA DA VACINA*, JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY E CLAUDIO BERTOLLI FILHO. SÃO PAULO, ÁTICA, 1995/ARQUIVO DA EDITORA

Duas das três imagens remanescentes dessa coleção já foram abordadas em outros didáticos, a primeira é a charge de Leonidas, a segunda imagem é a capa da Revista da Semana em que aparece um homem de joelhos implorando na esquerda enquanto na direita aparece um outro homem em pé com uma lanceta em mão.

A terceira e última imagem remanescente no didático é uma charge. Nela podemos perceber um homem enforcando um indivíduo que poderia ser facilmente uma representação de Oswaldo Cruz, visto que seu uniforme traz símbolos geralmente usados pelos órgãos de saúde pública. Um pouco mais atrás outros dois homens assistem a cena, também podemos notar diversos ratos na imagem, um dele se equilibra na letra da revista, como pode ser constatado logo abaixo. O didático informa que podemos acessar a imagem na Fundação Biblioteca Nacional e menciona a autoria: a revista o *Malho.*

Imagem 21. Charge onde agente de Saúde Pública (Oswaldo Cruz?) está sendo enforcado

Charge alusiva à Revolta da Vacina publicada na revista O Malho, de 11 de fevereiro de 1905.

A última coleção, *Vontade de Saber História*, livro do 9º ano, aborda apenas uma imagem na seção sobre a Revolta da Vacina. A ilustração trata-se de charge publicada na *Revista da Semana* onde homem implora ajoelhado. Na legenda lateral é indicado que o autor é Bambino e que foi publicado na *Revista da Semana* de 1904. Há também um pequeno comentário feito pelos autores sobre a charge: "Charge que critica o autoritarismo do governo brasileiro na questão da vacinação obrigatória" (Pellegrini, Dias e Grinberg, 2009, p. 53).

Espero que o leitor não tenha se cansado com essa abordagem superficial de todas as imagens presentes nos livros didáticos de História, penso que este foi um

movimento necessário com a finalidade de dar uma ideia geral do que foi encontrado em termos de imagens nos livros didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011.

Outro ponto que devo ressaltar é sobre a importância ou relevância do ato de analisar estas imagens, como bem lembrou Martine Joly, a análise de uma imagem não deve ser feita apenas por que podemos fazer, mas por esta análise servir a um projeto (Joly, 2012, p, 42).

Não obstante, essas imagens foram divididas em dois grandes grupos: fotografias e charges/caricaturas. De início coloco que essas duas categorias não abrangem a totalidade das imagens encontradas nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011, contudo foi a metodologia escolhida por este pesquisador que aqui escreve. As imagens que não se enquadrarem nessas duas categorias serão vista separadamente, quando necessário.

Considerei aqui as imagens, tanto as fotografias e charges quantos os outros tipos de imagens, como sendo representações no sentido de retratarem algo que não está mais posto. Ou seja, por exemplo, a fotografia que retrata um bonde virado não necessariamente retrata o real, mas seria apenas mais uma forma de representar o mundo real.

Sobre a definição do conceito de representação[74] podemos nos voltar para artigo de Roger Chartier, ali o autor trabalha com definições mais antigas, que datam do século XVII, mas que parecem ser ainda apropriadas; apenas uma dessas definições nos interessa aqui neste trabalho. A definição que lida com objetos ausentes, ou seja, são representadas coisas que não estão mais ali (Chartier, 2011, p. 16-17).

Outra autora que se debruçou sobre a noção de representação foi Sandra Makowieck, o trecho é um pouco longo, mas a autora nos dá uma definição muito precisa e com exemplo prático; nesse sentido, foi a que mais chegou perto da noção de representação que este capítulo se baseou para analisar as imagens, segundo a autora:

> [...] a representação é um processo pelo qual institui-se um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar de quem representa. Assim uma cena da cidade de Florianópolis em uma obra

[74] Levei em consideração o artigo de José Barros para entender representação mais como noção do que como conceito. Este autor abordou melhor esta diferença em: (Barros, 2005, p. 135).

> plástica que evoca Florianópolis, por exemplo, tomará o lugar da cidade, naquele contexto limitado. Os significados da obra tomam o lugar da cidade, não de forma idêntica, porém análoga, através das atribuições de significados (Makowieck, 2003, p. 4).

Comecemos, portanto, esta análise pelas fotografias. No total encontraremos 14 fotografias nos livros didáticos de História nas seções sobre Revolta da Vacina. Contudo algumas imagens "se repetem"; o ato de se repetir não foi exclusivo das fotografias, também ocorreu da mesma charge se encontrar em cinco livros didáticos diferentes, como veremos mais detalhadamente adiante.

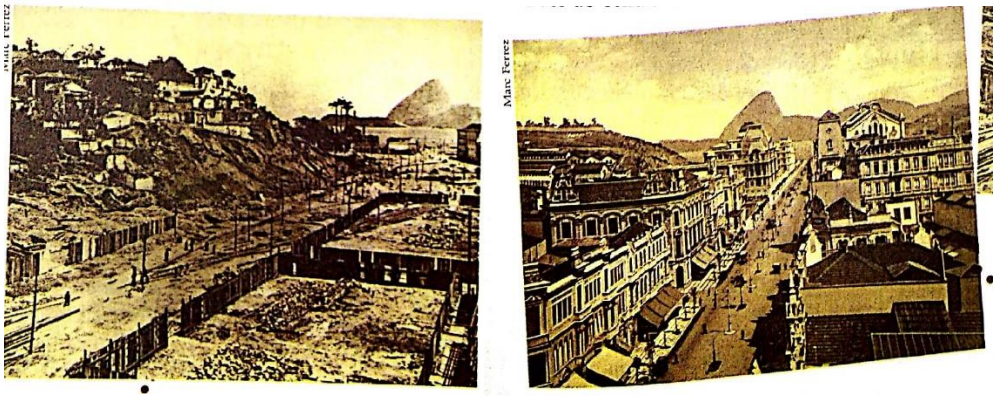
Minha intenção ao analisar estas fotografias foi sempre a de tentar verificar como os autores dos didáticos se utilizaram deste recurso imagético. Lembremos é claro que as imagens não falam por si mesmas, elas também precisam ser lidas e interpretadas, e muitas vezes elas serão lidas de maneiras diferentes por leitores diferentes.

Em um primeiro momento, e de maneira geral, podemos pontuar que não há uma variedade muito grande sobre as temáticas abordadas pelas fotografias nas seções sobre Revolta da Vacina, apesar de trabalharmos com 15 coleções aprovadas pelo PNLD 2011; também não é muito diversificado o que essas imagens tentam representar. Há, por exemplo, a mesma imagem de bonde derrubado em três livros didáticos diferentes. Outra fotografia que se repete é a que aparecem homens atrás de uma barricada. Se considerarmos essas repetições, poderemos reduzir o número de fotografias para 10 imagens diferentes.

Após leitura dessas imagens, juntamente com seus respectivos textos presentes nos didáticos, ficou claro para este pesquisador que as fotografias tentaram representar dois aspectos centrais, muito comuns na historiografia acadêmica: a reforma urbana e a resistência popular. Pelo menos metade das fotografias invoca cenários onde podemos presenciar escombros ou imagens que mostram parcela das obras públicas já construídas. Foi o que aconteceu na coleção *Saber e Fazer História*, ali é apresentado para o leitor um cenário de antes e depois das obras públicas onde em um primeiro momento é mostrado um cenário sem grandes habitações e no segundo já mostra rua asfaltada e com prédios recém-construídos, lojas, postes de iluminação etc.

Imagem 15. Fotografia tirada antes da reforma urbana (à esquerda)

Imagem 16. Fotografia tirada depois da reforma urbana (à direita)



Se observarmos atentamente, perceberemos que o cenário da cidade mudou bastante; e o referido didático tentou com as duas imagens demonstrar isto.

Há uma fotografia, na coleção *Para Entender a História,* onde podemos ver este cenário de reforma urbana mais de perto, não somente isto, podemos presenciar pessoas em meio aos escombros; de todas as fotografias presentes nas coleções que tive acesso esta foi a que mais de perto mostrou este cenário onde a cidade literalmente parecia ter sido trazida abaixo. Existem muitos escombros no chão e podemos identificar a presença de algumas pessoas, não sabemos o que esses indivíduos faziam ali; a legenda da imagem nos informa que a fotografia foi tirada pouco antes dos acontecimentos da Revolta da Vacina. Se este cenário era frequente na cidade carioca, podemos afirmar que não faltou pedras para serem tacadas contra os agentes públicos, nem mesmo materiais para construção de barricadas.

Imagem 11. Fotografia de pessoas em meio a entulhos

■ Demolições na cidade do Rio de Janeiro pouco antes da Revolta da Vacina.

Embora não saibamos o que estas pessoas faziam ali, podemos inferir que talvez elas procurassem por objetos que ainda pudessem ser úteis. Quando houve a demolição do cortiço Cabeça de Porco durante a gestão do prefeito Barata Ribeiro no Rio de Janeiro, alguns anos antes, foi o que ocorreu[75].

Uma outra imagem que podemos relacionar a questão da reforma urbana é encontrada na coleção *História Temática*. Dessa vez a fotografia retrata um punhado de pessoas, entre elas percebemos homens, crianças e mulheres. Essas pessoas se encontram na calçada e posam para a fotografia. A legenda da imagem, embora sem indicação da

[75] Isto pode ser constatado a partir do livro *Cidade Febril* de Sidney Chalhoub (2017, p. 17-23)

autoria da fotografia, nos ajuda com algumas informações. A partir do que se encontra escrito ali depreendemos que essas pessoas são moradores da rua dos Inválidos e que foram desapropriados de suas casas (Cabrini, Catelli e Montellato, 2009, p. 226).

Imagem 9. Fotografia de pessoas na calçada

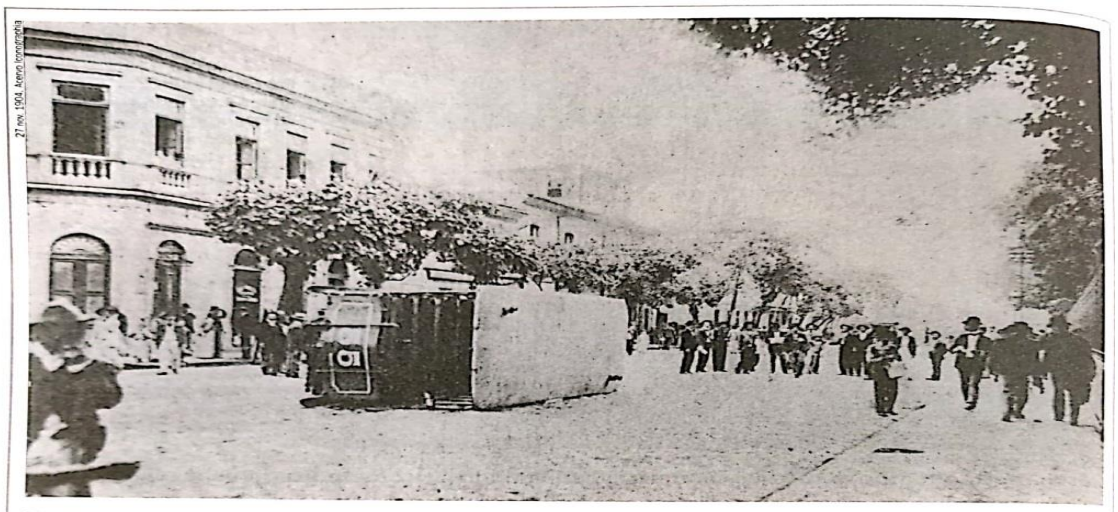
O aspecto da resistência popular também se fez presente nestas fotografias, embora de maneira bastante tímida. Como já foi pontuado, bondes foram virados e barricadas foram levantadas durante os dias de revolta em novembro de 1904. Essas imagens, as quais se repetem em alguns didáticos, nos mostram em formato de fotografia que a população resistiu as medidas do prefeito Pereira Passos.

Como pode ser visto abaixo, temos uma fotografia onde nos é apresentado uma barricada. O objeto parece fechar a rua, enquanto alguns populares encontram-se imediatamente atrás da barricada outros observam a curta distância. Podemos perceber paralelepípedos ou pedras que se assemelham muito a esse tipo de objeto na parte inferior da fotografia, será que esse material é proveniente das demolições que aconteciam na cidade?

Imagem 22. Fotografia de barricada (2)

Uma outra imagem, esta aparece em três didáticos diferentes, onde podemos constatar um cenário de resistência popular. Se trata da fotografia onde aparece um bonde virado. Na imagem em questão podemos ver um bonde tombado no meio da rua, várias pessoas se encontram ao redor do bonde enquanto a fotografia é tirada.

Imagem 23. Fotografia de bonde virado (2)



Em novembro de 1904, ocorreram intensos conflitos de rua. Armados de paus, pedras e pedaços de ferro, os populares enfrentaram a polícia em vários pontos do Rio. Incendiaram bondes, arrancaram trilhos, depredaram lojas, além de cercar o Palácio do Catete, sede do governo, para protestar contra a vacinação obrigatória e a violência policial. A foto mostra um bonde virado na Praça da República, esquina com a Rua da Alfândega, no Rio de Janeiro.

Mais uma vez a legenda presente na imagem ajuda muito a desvendar o contexto da fotografia. Podemos perceber que a legenda escrita junto a fotografia traz diversas informações. Este recurso é necessariamente útil pois apresenta a localização exata de onde ocorreu tal fato: Praça da República. Além disso os autores do didático também aproveitaram a imagem para relacioná-la aos acontecimentos, principalmente os conflitos, que ocorreram na cidade carioca no final de 1904.

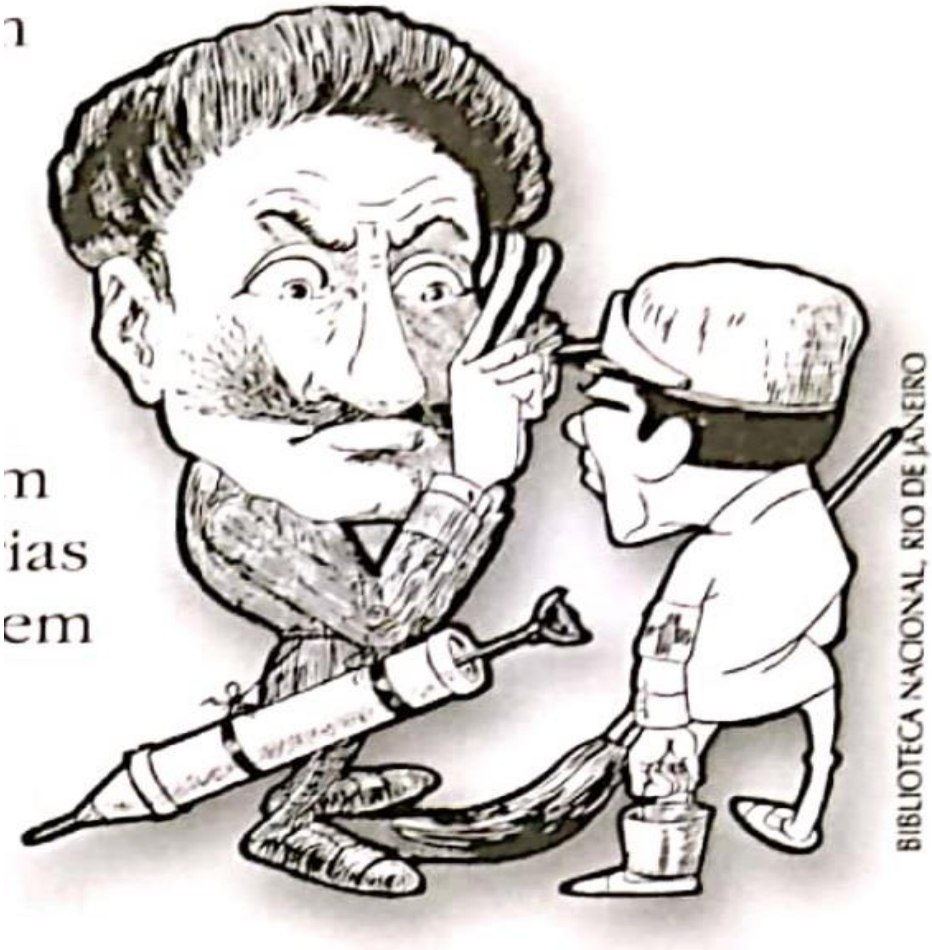
Não obstante, podemos depreender nossa energia agora para analisarmos o uso das charges/caricaturas pelos livros didáticos. De início, é importante explanar algumas considerações mais gerais sobre este tipo de recurso imagético que se encontra com certa frequência nos didáticos de História aprovados pelo PNLD 2011. Dois pontos se sobressaem logo de imediato. O primeiro: esses tipos de imagens com muita frequência trazem elementos de humor; o segundo: com tanta frequência quanto o elemento de humor costuma ocorrer dos artistas que criaram essas imagens se utilizarem do exagero em suas obras. Esses dois elementos praticamente se combinam em uma mesma coisa. Arrisco a afirmar que esses dois aspectos presentes nas imagens se retroalimentam.

Para exemplificarmos este segundo elemento será utilizada a charge abaixo. Podemos depreender que do lado esquerdo da imagem se encontra Oswaldo Cruz, diretor da Saúde Pública; do lado direito um subordinado[76] seu, porém observemos a figura de Cruz. Sua cabeça é totalmente desproporcional, caso compararemos com o tamanho do

[76] Podemos deduzir que se trata de um subordinado pois Oswaldo Cruz ocupava o cargo máximo dentro da Diretoria de Saúde Pública.

corpo, e sua expressão indica demasiada seriedade; se combinarmos a análise com o dedo apontado para cima é como se o personagem desse uma ordem ou um ultimato para seu subordinado. Soma-se a isto a incrível injeção que Cruz carrega, ela é tão incrível pois tem quase o cumprimento da vassoura que o seu subordinado carrega, ou seja, é enorme.

Imagem 2. Charge de Oswaldo Cruz e subordinado



Ainda que este personagem, Oswaldo Cruz, seja representado na imagem com uma cabeça gigante e esteja em uma postura que demonstra uma certa severidade, penso

que o elemento mais engraçado da charge reside na combinação seriedade com a injeção amarrada na cintura de Cruz. Como já foi pontuado, os elementos de humor e exagero se combinam. O humor, desta vez, parece vir do contraste entre a seriedade do personagem combinada com o exagero da seringa que Oswaldo Cruz traz amarrada em sua cintura.

Não foi incomum a presença de injeções ou lancetas nas charges encontradas nos livros didáticos de História. Na charge de Leonidas[77], por exemplo, temos um exército de agentes da Saúde Pública montados em seringas gigantes, não apenas isto, as seringas possuem quatro patas. Ou seja, os agentes da Saúde Pública entregavam, na arte, a vacina a galope. Esta charge é importante para o desenvolvimento deste capítulo, não somente por sua frequência nos didáticos[78], mas por apresentar diversos elementos que foram desenvolvidos em análises neste capítulo.

Imagem 24. Charge de Leonidas (2)

Uma informação interessante sobre a charge é a de sua data de publicação. Poderíamos imaginar, a partir de seus elementos, que a imagem foi produzida no calor dos acontecimentos da Revolta da Vacina, contudo, como podemos constatar, a charge foi publicada em outubro de 1904, um pouco antes da Revolta. Sobre este fato, os

[77] Como já foi visto, esta charge aparece em cinco livros didáticos diferentes.
[78] Está presente em cinco coleções como já foi explanado.

didáticos divergem sobre a data original de publicação e o periódico. As coleções *Para entender a História* e *Para Viver Juntos*, por exemplo, informam que a charge foi publicada na *Revista da Semana*, em 2 de outubro de 1904; por outro lado, as coleções *Saber e Fazer História* e *Tudo é História* informam que a charge foi publicada na revista *O Malho*, em 29 de outubro de 1904. Após consultar os dois periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, constatei que a referência correta de publicação da charge é em *O Malho.*

Ainda sobre a charge de Leonidas, podemos nos utilizar desta imagem para expormos alguns elementos pertinentes que foram levados em consideração na análise das imagens, principalmente charges, presentes nos didáticos. Além desta questão da imprecisão do periódico e da data, também notei que os autores de livros didáticos utilizam, por vezes, de versões alternativas das imagens[79]. No caso da charge de Leonidas, percebo que os didáticos se utilizam de versões recortadas da charge. Por exemplo, na coleção *Novo História* os autores utilizam a charge de Leonidas, mas esta aparece com um pedaço, do lado esquerdo, cortado. Abaixo podemos ver as duas imagens, o leitor pode perceber que se trata da mesma charge, o que muda é que a versão da esquerda (*Novo História*) foi cortada e a da direta (*Tudo é História*) está mais próxima da versão original, a qual se encontra logo abaixo destas duas.

Imagem 10. Charge de Leonidas (1) (à esquerda)

Imagem 24. Charge de Leonidas (2) (à direita)

[79] Com isto quero indicar que as imagens de alguma forma e em algum momento foram modificadas, não necessariamente pelos autores dos didáticos. Penso que o mais provável é que os autores dos didáticos encontraram a charge como eles a utilizaram.

Imagem 25. Charge de Leonidas (3)

O mesmo ocorreu com algumas fotografias presentes nas coleções aprovadas pelo PNLD de 2011. Por exemplo, a imagem do bonde virado que já foi abordada anteriormente. Esta fotografia se repetiu em algumas coleções e em cada uma delas foi utilizada uma versão da fotografia, ou seja, cada coleção se utilizou de um recorte da fotografia. Infelizmente, não consegui localizar a versão original da imagem, contudo podemos constatar a partir das três imagens que os autores dos didáticos ou fizeram ajustes na imagem ou se utilizaram de versões da fotografia que já haviam sido recortadas anteriormente, ou até mesmo as duas coisas.

Mas que diferença faz se os autores recortaram ou utilizaram versões recortadas das imagens presentes nos didáticos? Afinal, nós historiadores estamos recortando o

tempo inteiro textos que não são nossos através de citações. Nunca seríamos capazes de citar diretamente ou indiretamente um livro, um artigo, uma dissertação etc. na sua completude. A questão levantada aqui é: quando fazemos esse recorte das imagens, ou seja, quando não utilizamos a versão original da imagem, esta perde ou ganha novos sentidos. Isto pode ser exemplificado através destes dois exemplos: a charge de Leonidas e a fotografia do bonde virado.

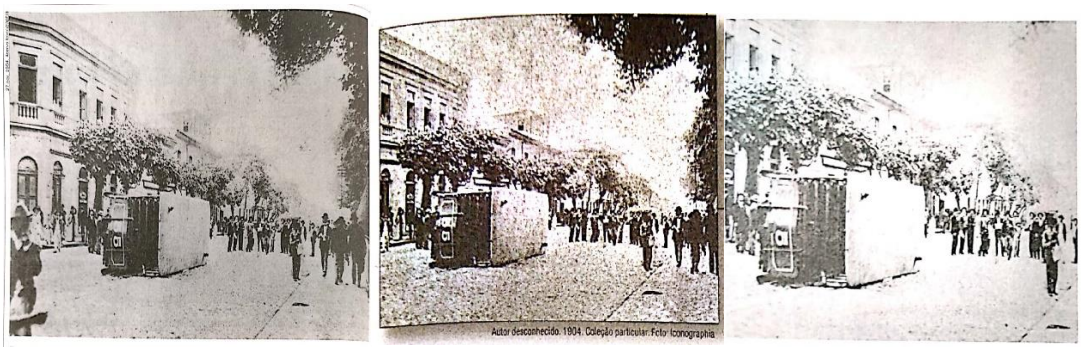
Como já foi pontuado, a charge de Leonidas aparece em cinco livros didáticos diferentes, em quatro dessas vezes a imagem em questão não foi grandemente modificada, estando muito próximas da versão original. Contudo, na coleção *Novo História* a charge foi recortada com mais intensidade. O recorte realizado na imagem, lado esquerdo, elimina muitas informações. A mensagem de conflito entre Saúde Pública e população revoltada ainda está lá, porém corta-se uma "legião" de agentes uniformizados e montados em vacinas. Além de recortar também a placa de vacinação obrigatória que esses agentes carregavam.

Na fotografia onde aparece um bonde virado algo semelhante ocorre. Há alguns elementos que foram cortados. De alguma forma, através das comparações entre estas três fotografias, parece que o conteúdo da imagem vai sendo reduzido; em um primeiro momento temos uma imagem onde conseguimos visualizar diversos elementos que compõem o cenário. Em um segundo momento os elementos que podemos visualizar diminuem ainda mais; e na terceira imagem nem sequer podemos ver os homens que caminhavam na calçada do lado direito da imagem.

Imagem 4. Fotografia de bonde virado (1) (ao centro)

Imagem 23. Fotografia de bonde virado (2) (à esquerda)

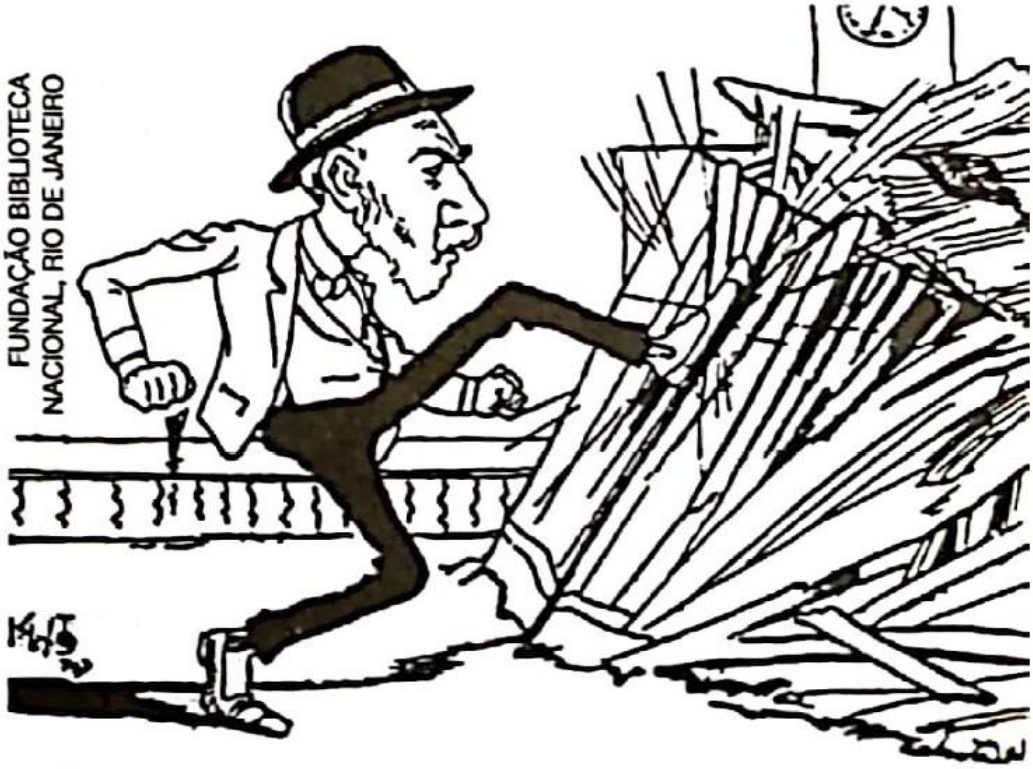
Imagem 26. Fotografia de bonde virado (3) (à direita)



Se as fotografias sobre a Revolta da Vacina, em sua maioria, abordavam o aspecto urbano ou o aspecto da resistência popular o que podemos afirmar sobre as charges/caricaturas? Inicialmente foram encontradas 18 charges/caricaturas nas seções sobre Revolta da Vacina. E os temas que essas imagens abordam estão fortemente relacionados com a temática da saúde pública. Isso não significa que os elementos de reforma urbana e resistência popular não apareçam nesses tipos de imagens, contudo ficou evidente depois de observar o conjunto documental que a preocupação maior ali era com os agentes de saúde pública, vacina, lancetas etc.

Das 18 imagens encontradas optei por eliminar as repetições, sendo assim nos restam 11 imagens diferentes. Desse total os elementos de saúde pública aparecem em 9 imagens. Ou seja, em apenas duas imagens esse elemento não é central. A duas imagens em questão abordam o mesmo tema: a reforma urbana. A primeira delas está presente na coleção *Projeto Araribá*, livro do 9º ano. A imagem em análise traz um homem chutando, ao que parece, um barraco de madeira. É bem possível que o sujeito na imagem seja uma representação do prefeito Pereira Passos; não era tão incomum este personagem ser representado em revistas e jornais do período.

Imagem 14. Imagem onde personagem aparece chutando um barraco



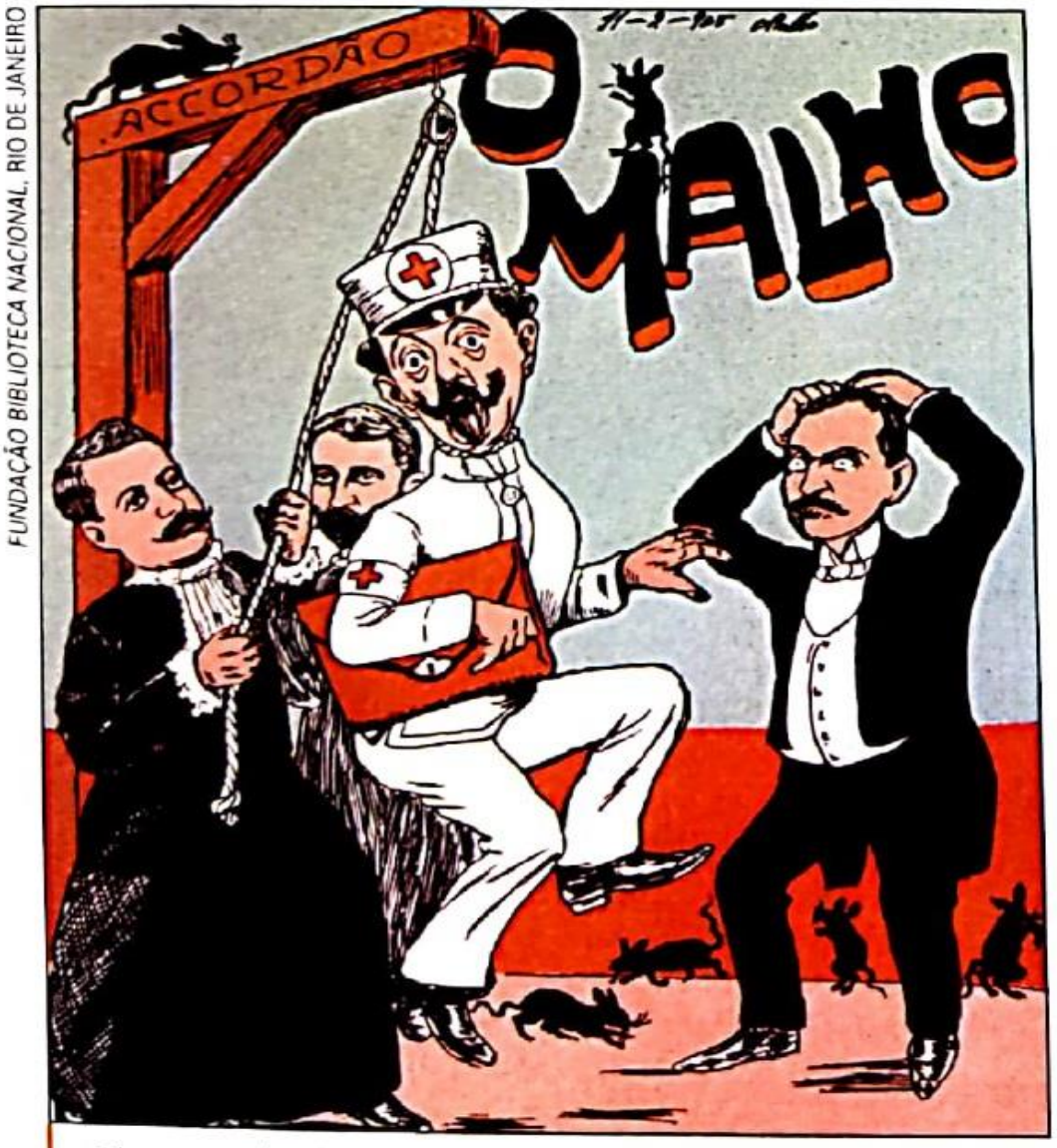
A outra imagem é uma ilustração onde podemos perceber algumas pessoas, principalmente, um homem, uma mulher e junto com esta, duas crianças. Esses indivíduos talvez sejam até mesmo uma família, estão deixando suas casas enquanto carregam tudo o que conseguem. A legenda da imagem na coleção *História em Documento*, livro do 9º ano, informa: "Descendo o Castelo, ilustração de 1905 alusiva às reformas do Rio de Janeiro" (Rodrigues, 2009, p. 33).

Imagem 27. Pessoas descendo o morro do Castelo (2)

Um ponto merece ser destacado: as imagens nos formatos charge/caricatura trazem situações em que dificilmente encontraríamos uma fotografia similar em conteúdo. Com isto quero indicar que as caricaturas/charges pela sua "natureza" nos permitem visualizar cenários que vão além do cotidiano, do comum, do que seria visto

no dia a dia nas ruas, na cidade etc. Um ótimo exemplo disto pode ser encontrado na coleção *Tudo é História*, livro do 8º ano. Ali temos uma charge que exemplifica o que estou tentando demonstrar. Na imagem em questão podemos observar a presença de quatro homens. Enquanto um homem vestido de preto enforca, com a ajuda de uma forca um homem de branco, outros dois homens observam a cena; um deles, aparentemente, surpreso. A legenda da imagem informa: "Charge alusiva à Revolta da Vacina publicada na revista *O Malho*, de 11 de fevereiro de 1905."

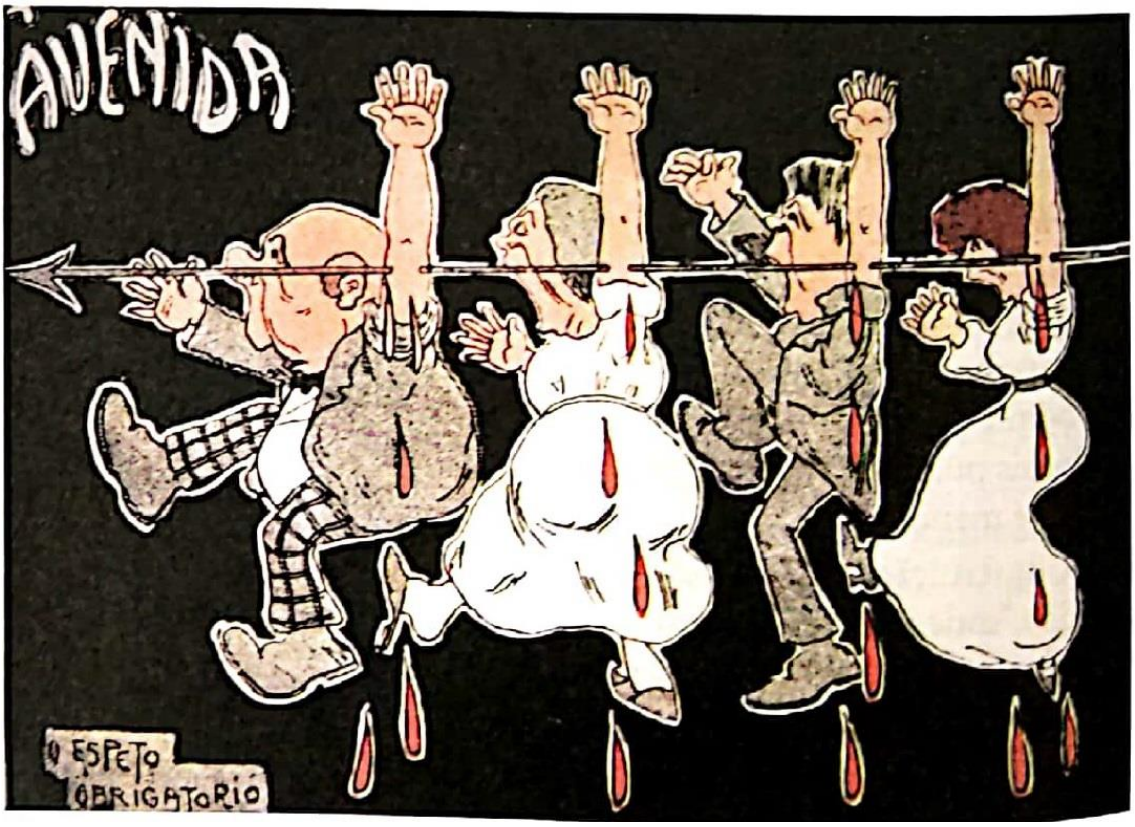
Imagem 21. Charge onde agente de Saúde pública (Oswaldo Cruz?) está sendo enforcado



Charge alusiva à Revolta da Vacina publicada na revista O Malho, *de 11 de fevereiro de 1905.*

Outra charge que abordou a questão da vacinação obrigatória se encontra na coleção *Para Viver Juntos*, livro do 8º ano. A referida imagem mais uma vez aborda questões relacionadas à saúde pública. Podemos constatar um cenário bem violento onde um "espeto" atravessa o braço de quatro pessoas. Elas aparecem na imagem com as bocas abertas, possivelmente indicando dor.

Imagem 13. Charge onde aparece uma seta atravessando o braço de quatro pessoas



Após observar essas imagens, charges e caricaturas, constatei que com relativa frequência há a menção a vacinação de forma obrigatória. Das 11 charges/caricaturas remanescentes existe a menção de injeções ou lancetas em pelo menos 5 delas. Podemos pontuar que as imagens nesses formatos deram bastante atenção para este aspecto. Seria interessante nos perguntarmos, embora não poderei responder aqui, sobre a possibilidade do uso de charges/caricaturas com essa temática de saúde pública servir para preencher uma lacuna deixada pelas fotografias. Afinal, como foi visto, as fotografias se dedicaram a outras temáticas.

Não obstante, algumas considerações finais são necessárias. Ficou claro para este pesquisador que as charges/caricaturas abordadas nos livros didáticos, de maneira geral, são em sua maioria utilizadas para realçar os aspectos da saúde pública. Sendo assim tivemos uma gama de imagens que abordaram esta temática. Caso comparemos com as fotografias será notado que não tivemos imagens que abordem esse aspecto neste formato. As fotografias utilizadas realçaram dois aspectos principais: reforma urbana e resistência popular.

Sobre este último aspecto, resistência popular, penso que podemos pontuar algumas últimas palavras. Das mais de trinta imagens analisadas neste capítulo ficou claro

que alguns formatos de imagens privilegiaram determinados aspectos da Revolta da Vacina, contudo, embora o conjunto documental pareça vasto, os temas das imagens que os livros didáticos abordaram foram bem limitados, isto não é necessariamente um problema. Por outro lado, quando as imagens abordam a questão da resistência popular, seja em charge/caricatura ou fotografia, um elemento foi pouco representado: o conflito direto entre população e os agentes públicos[80]. Não há fotografias neste sentido. O leitor poderia argumentar: mas e a fotografia de bonde virado? O bonde se encontra virado e os populares estão em volta do objeto, mas não é retratado conflito, a mesma coisa se dá com a fotografia onde aparece uma barricada. Indivíduos se encontram atrás deste objeto, mas não combatem, aparentemente, ninguém.

Sabemos que durante a Revolta da Vacina houve muito conflito, delegacias foram invadidas e tomadas, tiros foram trocados, até mesmo uma tentativa de golpe de estado ocorreu, apenas para citar alguns exemplos. Sendo assim, foram dias muito agitados naquele novembro de 1904. Isso significa que não temos nenhuma imagem onde seja retratado diretamente o conflito social? De forma alguma, o leitor irá se lembrar da charge de Leonidas. Esta imagem, que aparece em cinco didáticos diferentes, foi a única imagem que conseguiu trazer esse elemento de conflito social direto. Será que não foi por este motivo que a charge se repetiu em todas essas coleções e foi a imagem, sobre a temática da Revolta da Vacina, que mais apareceu nos livros didáticos aprovados pelo PNLD 2011?

[80] Aqui podem ser incluídos policiais, exército, marinha, agentes de saúde pública, as brigadas criadas por Oswaldo Cruz, etc.

COSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações realizadas nesta pesquisa contaram com a análise de 15 coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011. Rapidamente percebemos que o tema era canônico nas coleções, mesmo que em uma delas o tema não tenha uma seção específica. Importante pontuar neste momento final da dissertação algumas conclusões alcançadas durante a pesquisa.

No primeiro capítulo partimos da noção que existem três historiadores principais sobre o tema da Revolta da Vacina, essa ideia está ancorada nas teses que esses autores desenvolveram sobre os conflitos de novembro de 1904. Podemos resumir as três teses da seguinte maneira: questão urbana (Sevcenko), questão moral (Carvalho) e questão religiosa (Chalhoub). Eles foram considerados como principais por suas teses sobre as causas da Revolta da Vacina estarem, direta ou indiretamente, presentes nos outros historiadores que compõem a historiografia sobre o tema.

O mesmo movimento que ocorreu com a historiografia acadêmica se "repetiu" com a historiografia escolar. Com isso, quero indicar que as teses desses três autores também foram utilizadas pelos autores de livros didáticos de História quando escreveram sobre o tema.

Um ponto que merece ser comentado antes de encerrarmos esta dissertação de mestrado se trata da hierarquia entre a historiografia acadêmica e a escolar. Não foi entendido, nesta pesquisa, a existência de hierarquias entre esses dois tipos de historiografias. Assevero que essas duas formas de escrita da História possuem suas particularidades. Por exemplo, é evidente que a escrita acadêmica, por tudo que foi exposto nos três capítulos anteriores, apresenta a característica de possuir longas abordagens, são dezenas de páginas sobre o tema da Revolta da Vacina por livro[81]; ao mesmo tempo acontece do mesmo tema abordado nos didáticos receber somente algumas páginas, às vezes apenas alguns parágrafos. Pela natureza do livro didático os conteúdos são resumidos e esquematizados, não há espaço para grandes aprofundamentos.

[81] Sevcenko escreveu um livro inteiro sobre o assunto, José Murilo de Carvalho dedicou aproximadamente cinquenta páginas ao assunto em um de seus livros, Marco Pamplona realizou um trabalho de história comparada onde coloca a Revolta da Vacina em lugar de protagonismo, existe diversos outros exemplo, mas fiquemos apenas nesses.

Devemos levar em consideração, quando temos a oportunidade de colocar esses dois tipos de leituras lado a lado, que a historiografia acadêmica, em geral, se destina a profissionais da área de História, enquanto que os livros didáticos de História são feitos com a finalidade de dar uma noção sobre esses temas para alunos e alunas da educação básica. Nós pesquisadores dedicamos anos de estudo a um determinado tema, como o fiz com a Revolta da Vacina. Por este motivo, é um tanto obvio que este pesquisador gostaria de ler nos didáticos de História sobre a Liga contra Vacina Obrigatória, ou sobre o estado de sítio decretado em novembro daquele ano de 1904, ou mesmo sobre a tentativa de golpe de estado, até mesmo sobre as deportações para o Acre quando a cidade já estava mais tranquila. Por fim, há tanto o que se abordar, porém não devemos perder de vista a natureza sintética do livro didático.

Posto isto, não quero que o leitor entenda que conteúdos "novos" sobre a Revolta da Vacina não possam adentrar os livros didáticos de História. Como já foi pontuado no capítulo 2, a tese de Sidney Chalhoub, a qual defende a questão religiosa como causa motivadora para os acontecimentos da Revolta da Vacina, está presente em duas coleções de didáticos abordadas nesta pesquisa, embora seja a tese que menos aparece no conjunto documental também é a mais recente, ou seja, publicada por último.

Outro elemento que deve ser mencionado se trata do uso de imagens pelos livros didáticos. O leitor pode acompanhar que foram aproximadamente 30 imagens utilizadas nas 15 coleções. Como pode ser percebido no terceiro capítulo desta dissertação o uso de imagens pelos didáticos é frequente. Esse uso poderia ser considerado, talvez, como um outro elemento que exibe a natureza dos livros didáticos. O primeiro seria a concisão dos conteúdos. Ficou claro, a partir do capítulo 3, que as imagens quando divididas entre fotografias e charges/caricaturas parecem ser complementares, visto que não possuímos fotografias que flagrem o momento exato do conflito social. Quando o bonde virado aparece já não há embates, o mesmo se dá com a fotografia de barricada. Por outro lado, as charges/caricatura possuem mais liberdade criativa. O que as lentes das máquinas fotográficas não conseguem capturar as charges exibem nos jornais, e dos jornais para os livros didáticos.

Por fim, algumas palavras finais sobre o que foi percebido quando trabalhamos com materiais escolares e acadêmicos sem hierarquizá-los. De início, é notável que a escrita escolar é completamente diferente da acadêmica, reitero: diferente. Uma questão importante se trata da liberdade de escrita que percebi nos livros didáticos. Com isso

quero indicar que os livros didáticos de História mobilizaram diversos autores ao mesmo tempo para narrarem uma história sobre a Revolta da Vacina. Não houve problema em "misturar" os três autores principais nos livros didáticos, embora esse movimento tenha sido raro. Coloco isto com a intenção de pontuar que os livros didáticos possuem uma síntese criativa e inovadora, que pode ou não mobilizar diretamente a historiografia acadêmica.

Referências bibliográficas:

APOLINÁRIO, Maria. Projeto Araribá. São Paulo: Moderna, 2007.

BALDISSERA, José. Imagem e construção do conhecimento histórico. In: BARROSO, Véra. et al. Ensino de História, desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010.

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. Diálogos. 2005.

BENCHIMOL, Jaime. Reforma Urbana e Revolta da Vacina na Cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Orgs). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade e cidadania. São Paulo: FTD, 2009.

BRAICK, Patrícia; MOTA, Myriam. História: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 2006.

CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto; MONTELLATO, Andrea. História temática, Editora Scipione, 2011.

CAIMI, Flávia. Sob nova direção: o PNLD e seus desafios frente aos contextos políticos-educativos emergentes. Revista História Hoje. 2018.

CARDOSO, Oldimar. Tudo é história. Editora Ática.

CARVALHO, José Murilo. Os Bestializados. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASSIANO, Célia. O impacto do PNLD no ensino de História: cifrões e ideologias. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

CASSIANO, Célia. Política e economia do mercado do livro didático no século XXI: globalização, tecnologia e capitalismo na educação básica nacional. In: ROCHA, Helenica; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo (orgs.). Livros didáticos de história, entre políticas e narrativas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Matro Grosso do Sul: Fronteiras. 2011.

CHOPPIN, Alain. História dos livros das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa. São Paulo: 2004.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Saber e fazer história. São Paulo: Saraiva, 2009.

DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. Novo história. São Paulo: Atual, 2009.

FENELON, Déa. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. Proj. História, São Paulo. 1993.

FERNANDES, Tania. Vacina Antivariólica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

FIGUEIRA, Divalte; VARGAS, João. Para entender a história. São Paulo: Saraiva, 2009.

FRANCO, Afonso Arinos. Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

LUCA, Tania. Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo. A história na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a idéia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. 2003.

MEADE, Teresa. Civilizing Rio: reform and resistance in a Brasilian city, 1889-1930. The Pennsylvania State University. 1997.

MEIHY e BERTOLLI FILHO. Revolta da Vacina. São Paulo: Editora Ática, 2001.

MELLO, Leonel; COSTA, Luís. História: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

MIRANDA, Sonia; LUCA, Tania. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. Revista Brasileira de História. São Paulo. 2004.

MOULIN, Anne. A Hipótese Vacinal: por uma abordagem crítica e antropológica de um fenômeno histórico. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2: 499-517, 2003.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. Pro-posições. 2012.

NEEDELL, Jeffrey. The Revolta Contra Vacina of 1904: The Revolt Against "Modernization" in Belle-Époque Rio de Janeiro. Hispanic American Historical Review 67:2. 1987.

PAMPLONA, Marco. Revoltas, Repúblicas e Cidadania. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PANAZZO, Silvia; VAZ, Maria. Navegando pela história. São Paulo: Quinteto Editorial, 2009.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. Vontade de saber história. São Paulo: FTD, 2009.

PEREIRA, Leonardo. As Barricadas da Saúde. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino; TREMONTE, Thiago. História e vida integrada. São Paulo: Ática, 2009.

REIS, Anderson; MOTOOKA, Débora. Para viver juntos. São Paulo: Edições SM. 2009.

RODRIGUES, Joelza. História em documento. São Paulo: FTD, 2009.

QUEIROZ, Eneida. Justiça Sanitária: Cidadãos e Judiciário nas reformas urbanas e sanitárias – Rio de Janeiro (1904-1914). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.

SALGADO, Aline. A Revolta contra a vacina: vulgarização científica na grande imprensa no ano de 1904. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

VICENTINO, Cláudio. Projeto Radix. São Paulo: Scipione, 2009.